

Sissi

AMORES ETERNOS

Na vida
Mary e o
imperialismo
deu
um fado
no outro, um
concedido
estanhado



UM MARIDO PARA MARY

NOVA CULTURAL

Margaret Westhaven

Um marido para Mary



Título original: Spanish coin
Dados da Edição: Editora Nova Cultural 1991
Publicação original: 1990
Género: Romance histórico
Digitalização e correção: Nina
Estado da Obra: Corrigida

UM MARIDO PARA MARY

Margaret Westhaven

Aquele rosto moreno, os olhos negros, profundos, não saíam do pensamento de Mary Winter, nem mesmo quando ela cavalgava, livre, pelas planícies. E, de repente, viu-se casada com ele, o homem que encontrara uma só vez, dom Ramirez e Mondego! Mas, antes da noite de núpcias, ela não sabia em quem acreditar: em seu

pai, que considerava dom Ramirez um aventureiro, ou no marido que já a despertava para o amor!

— Quem é ela? — perguntou o rapaz moreno. — Aquela moça de cabelos loiros, ao lado do oficial que não tem um braço...

Lorde Holland olhou na direção indicada.

—Ah! É quase sua conterrânea. É meio espanhola. Lady Holland e eu a conhecemos quando fomos à Espanha.

—É espanhola? Agora percebo... Há muita vida e emoção nos olhos dela. A inglesa típica não tem drama nem fogo no olhar...

—Mas não deixa de ser meio inglesa... O cavalheiro perto dela é o pai — disse o barão, fingindo não prestar atenção no comentário que o outro fizera sobre a mulher inglesa. — Ele é capitão. Foi ferido em combate e perdeu o braço.

—O senhor os convidou só por isso?

Lorde Holland entendeu por que seu convidado estranhava: um simples capitão e a filha não eram os frequentadores habituais das reuniões naquela mansão.

—Os dois têm mais títulos do que parece, lorde Ramirez — explicou. — A esposa do capitão não era uma simples lady espanhola. Era Inez de La Rosa.

—É mesmo? — admirou-se o espanhol. — E a filha sabe qual era a atividade da mãe?

—Acho que não. *Dona Inez* guardava segredo, e creio que mesmo o marido não sabia muita coisa. Posso quase garantir que a filha não sabe de nada. *Dona Inez* não iria comprometer a segurança dela.

O conde espanhol fez um sinal de assentimento e continuou observando a jovem, com uma luz de admiração nos olhos.

—Papai — murmurou lady Mary Winter ao ouvido do capitão —, sinto-me muito deslocada neste ambiente.

—Bobagem, minha filha. Fomos convidados.

Um criado passou com uma bandeja de taças com champanhe, e o capitão Winter pegou uma. Engoliu a bebida de uma vez, evitando o olhar da filha, e depois disse:

—Você ainda não tem idade para beber isto, querida.

—E o senhor ainda não está bom. Lembre-se de como estava fraco de manhã. — Mary forçava-se a falar em voz bem baixa, para que ninguém percebesse que os dois estavam quase brigando.

—Hein? — perguntou o capitão, inclinando a cabeça, fingindo não ter entendido o que ela dissera.

Mary não disse mais nada. Continuou com um braço passado pelos ombros do pai, como para protegê-lo. Não conseguia imaginar o que faziam na famosa casa dos Holland.

Haviam sido convidados como homenagem póstuma à mãe, a quem os anfitriões haviam conhecido na corte espanhola. O militar inglês com quem *dona* Inez se casara, apesar da bravura demonstrada nas batalhas travadas na Península contra o exército de Napoleão, jamais seria convidado por si só.

Até aquele dia, Mary fora apenas a bailes e festinhas que os soldados ingleses, longe da pátria, organizavam para comemorar vitórias, numa tentativa de amenizar a saudade que sentiam de casa. Nunca tinha ido a uma recepção em Londres.

O farfalhar das sedas e o brilho das jóias eram como um borrão diante dos olhos negros de Mary, enquanto ela procurava um rosto conhecido entre tanta gente.

— Major Harcourt! — chamou, ao ver um senhor amigo.

Um homem alto, usando uniforme da Quinta Divisão da Cavalaria, olhou ao redor e a viu acenando.

— Aquele palito do Harcourt? — resmungou o pai. — Nem quando ele era o único jogador de uíste das redondezas eu o procurava.

— Por favor, papai, seja simpático. Ele é alguém que conhecemos. Estou cansada de me sentir uma estranha — disse Mary ao ouvido do pai e estedeu a mão ao major, sorrindo.

O major Harcourt, homem de ar cansado, próximo dos cinquenta anos, cujo rosto de traços suaves não condizia com a farda, inclinou-se e tomou a mão de Mary.

— Miss Winter! Capitão... Minha jovem, está bonita como nunca. Não me constava que se encontravam por aqui,

Mary sabia que a estranha combinação de olhos negros e cabelos loiros não era comum na Inglaterra. O vestido cizento, já bem usado, não combinava com ela. Como podia estar bonita?

— Papai foi ferido na batalha de Salamanca. Chegamos a Londres há um mês e meio.

Mal acabara de falar quando o pai resolveu que o "palito" era uma boa plateia para se gabar de suas aventuras. Harcourt ouviu, bem-educado, e até fez algumas perguntas.

A narração das gloriosas aventuras do capitão já não interessava mais a sua filha, que a ouvira muitas vezes. Então, ela voltou a atenção para o que acontecia ao

redor.

Lady Holland devia ter convidado Londres inteira, os salões estavam repletos. Mary gostaria muito de conversar no idioma materno, coisa que não fazia há muito tempo. Observou uma senhora de mantilha, o que não era comum na Inglaterra. Sua mãe usava uma igual, em um retrato, mas em Inez de la Rosa a mantilha ficava muito mais bonita e elegante.

Embora simples e bem usado, seu vestido estava na última moda. Quando chegara em Londres, ela mesma reformara todo o guarda-roupa, apesar de o trabalho ser como decorar uma casa incendiada, de tão difícil. As finanças do pai não permitiam gastos. Ficou pensativa, olhando o vestido vermelho de uma senhora que, pelo aspecto, devia ser espanhola.

Na confusão de pessoas, ela não reparou no jovem moreno que ainda a contemplava.

— Meu Deus, sir! O que aconteceu? — disse o major Harcourt, com voz alterada.

Mary como que acordou. O pai enxugava a testa com um enorme lenço branco. Estava muito pálido e suava.

— Papai! Está com febre, não é? Eu sabia que ela ia voltar!

O capitão Winter tremia. Mary tirou as luvas e colocou uma das mãos na testa dele.

— Major, ele está ardendo! Por favor, mande vir nossa carruagem.

—O major assentiu e afastou-se, rápido. — Papai, vamos para casa...

—disse ela, e passou um braço pela cintura do capitão, tentando ampará-lo.

—Bobagem, menina. Estou ótimo. Vamos jantar.

—O senhor não está em condições de comer, papai.

Sir Winter apoiou-se na filha e ela cambaleou sob seu peso. Ignorando os olhares curiosos, conseguiu levar o pai até a porta que dava para o hall de entrada. Se tivessem sorte, a carruagem já estaria esperando.

—Diabo de tapete velho! — resmungou o capitão, ao tropeçar e cair.

—Ah, papai! — Mary ajoelhou-se ao lado dele, sem saber se ria ou se chorava.

Não se assustava mais com os ataques de febre da doença que ele apanhara no leste europeu. Passavam logo, deixando-o meio fraco. Mas não deviam ter ido à festa.

Acontecia, porém, que o capitão não dava ouvidos a mulheres. Mary entendia que fora a teimosia do pai que fizera a mãe ter dúvida se ele seria ou não o homem para ela. O génio dominador do pai provocava reação sempre contrária na personalidade forte da nobre espanhola.

Mas o problema de Mary, no momento, era como levá-lo até a carruagem. Várias pessoas pararam e ficaram olhando o estranho quadro de um senhor fardado, com apenas um braço, caído no chão. Ninguém se dignou a socorrê-lo, achando talvez que o problema ali era excesso de vinho.

— *Senorita* — murmurou uma voz quase ao ouvido de Mary. — Posso ajudar?

O sotaque espanhol era encantador, a voz bem modulada. Mary voltou-se e fitou uns olhos negros, profundos.

Vestido com elegância, ele deveria ter uns trinta anos. Uma cicatriz esbranquiçada, fina, sobressaía na face morena. O nariz era reto, a boca ampla e bem-feita. Ele não sorria, e na expressão séria havia um ar de respeito. Seu rosto encontrava-se muito próximo ao dela. Se Mary não estivesse tão aflita e, por causa disso, incapaz de perceber bem o que acontecia, na certa teria achado que ele olhava para seus lábios de maneira atrevida.

— *Gracias, señor* — disse, instintivamente falando em espanhol. — Meu pai está doente. A carruagem deve estar aí na frente, mas ele desmaiou e não tenho condições de erguê-lo...

— Com sua licença, *senorita* — disse o cavalheiro, afastando-a um pouco, com suavidade.

Abaixou-se e ergueu o capitão, que recuperou a consciência o suficiente para soltar uma praga por causa da dor no toco do braço amputado. Mary amparou-o pela cintura.

O ajudante dela era muito forte, mal deixando-a sentir o peso do pai. Dirigiram-se à saída, onde um lacaios, vendo o estranho trio, abriu rapidamente as duas folhas da porta.

O cavalheiro, falando com autoridade, fez um criado substituir Mary e mandou outro buscar a capa dela.

Ela ficou impressionada com a facilidade de comando que ele tinha. Deu seu lugar ao primeiro criado e descreveu a capa para o segundo.

— Obrigada, sir — disse, voltando-se, mas o cavalheiro e o criado já desapareciam pela porta, com o capitão.

Ainda ajeitando a capa, Mary saiu correndo atrás deles, sem sequer reparar no frio intenso lá fora e na neve que caía, muito fofa e branca. À porta encontravam-se a carruagem, que pertencia ao tio dela, e o major Harcourt, de quem até se esquecera. Ele já se afastava quando ela se aproximou.

— Já acomodamos seu pai, miss Winter — disse ele, com seu modo acanhado.

— Está tudo bem ou devo acompanhá-la a sua casa?

Obrigada, sir, mas há o cocheiro e os criados de meu tio, que cuidarão de

papai. Ele ainda está desmaiado?

—Acho que sim, miss Winter.

—Major — a voz dela soou ansiosa —, um cavalheiro trouxe papai para a carruagem. Onde ele está? Eu queria agradecer...

—Um criado veio correndo procurá-lo, disse-lhe alguma coisa em espanhol e o rapaz o acompanhou, apressado.

—Que pena! O senhor não o conhece?

—Nunca o vi, miss Winter. Mas se eu voltar a encontrá-lo, poderei transmitir seus agradecimentos.

—Muito obrigada — disse Mary, e deteve-se no degrau da carruagem. — Tive muito prazer em revê-lo, sir, apesar das circunstâncias. Papai vai ficar furioso quando perceber que a doença o interrompeu na história predileta.

—Sempre corajosa, menina! — O major, comovido, apertou a mão de Mary. — Desejo felicidade à senhorita e a seu pai. Embarco amanhã para a Espanha e não vou esquecê-los!

Mary sorriu. A voz do major era sincera e ela percebeu quanta falta lhe fazia a honestidade simples que encontrara na maioria dos militares amigos de seu pai. Depois daqueles dias entre a afetação própria da alta sociedade, quase esquecera como eram intensas as saudações e as despedidas entre homens que logo poderiam morrer no campo de batalha.

— E eu vou rezar muito pelo senhor, major Harcourt... Espero tornar a encontrá-lo logo, assim bem-disposto.

A carruagem pareceu voar para a propriedade de seu tio, em Berkshire. Os gemidos do pai, semiconsciente, afastaram de seu pensamento a ideia de qualquer outra coisa ou pessoa.

No entanto, por instantes, suspirou pensando no jovem estranho que ajudara o pai a chegar à carruagem. Queria apenas agradecer, claro. Mas desconfiou que esse desejo era motivado por algo mais além da boa educação. Se pudesse falar com ele para agradecer, ficaria sabendo seu nome...

Sacudiu a cabeça. Um homem como aquele, que percebia-se de longe ser um nobre rico, jamais se interessaria por ela.

Cuidar do capitão Winter era tarefa bastante cansativa. Ele não podia ser deixado sozinho, e Mary não queria sobrecarregar os criados do tio com mais esse trabalho. Quando a febre cedia, ela continuava ao lado do pai, mas então dedicava-se a ler e bordar. Nesses momentos, o rosto moreno com a fina cicatriz na face não lhe saía da mente.

Estava perdida em pensamentos, olhando pela janela, quando o capitão agitou-se na cama.

Anoitecia. A vela havia apagado e o quarto estava quase escuro.

— Papai? — chamou ela, baixinho.

O doente tinha períodos de lucidez entre os delírios causados pela febre. Quando ele delirava, Mary se afligia ao ouvir as frases soltas, sem sentido.

— Minhas — disse ele, claramente, — Todas minhas!

Ela se aproximou e colocou uma toalha molhada na testa esquentada do pai. Tornou a acender a vela, esperando que ele se acalmasse e adormecesse.

O fato de ter perdido um braço deixara o capitão de humor quase sempre irritadiço. Quando estava bem, ele era agradável e até divertido. No entanto, tornava-se cada vez mais difícil conviver com ele.

Observando-o melhor, Mary notou que o pai não dormia. Seus olhos azuis fixavam-se em alguma coisa, enquanto exclamava:

— Elas são minhas! — Depois murmurou: — Sim, Inez... Sim... Está bem... São de Mary.

— De Mary, papai? — perguntou a jovem. — O que quer dizer com isso? "Elas" o quê?

— Granadas... — murmurou o capitão. — As granadas... Segundos depois ele adormecia, aquietando-se. Mary decidiu perguntar-lhe o que significava aquilo, quando ele acordasse.

O pai deveria estar se referindo ao colar de granadas, única herança que a mãe lhe deixara.

II

Animada e com fome, Mary entrou na sala de almoço de Woodbank Hall, a casa de campo de seu tio. A febre do pai cedera e ele convalescia.

Ao olhar-se no espelho, ela notara que seus olhos já não estavam vermelhos e que o vestido de lã preta lhe ficava bem. Ficara contente com isso: era bom sentir-se bonita.

Sir e lady Winter já se encontravam à mesa. O cão que sempre acompanhava a tia estava ao pés dela. A prima, Annabella, ainda não descera. Mary teria se surpreendido se a encontrasse lá, para o café da manhã, pois ela achava que não era de bom gosto uma dama se levantar cedo.

Tais regras de conduta não afetavam a tia. Com um breve bom-dia, ela continuou a cortar a carne em seu prato. Letícia Winter, que lembrava uma

estátua viva, tal sua imponência, era casada com o irmão do capitão Winter. Usava traje de montar e um chapéu masculino sobre os bonitos cabelos grisalhos. Pelo leve cheiro característico de couro e cavalo, Mary concluiu que ela já fizera sua cavalgada matinal.

—Como vai seu pai? — perguntou a tia, vivamente, continuando a cortar a carne. — Não fique aí de pé. Sente-se e coma.

—Ele está muito melhor, obrigada — disse Mary, obedecendo.

Fez seu prato enquanto, a um sinal de lady Winter, um criado servia-lhe chocolate quente. Ele não fizera o menor movimento até receber o sinal autoritário, e Mary percebeu. Conhecia sua posição naquela casa.

Sentada ao lado do tio que, sem dizer palavra, cotinuava lendo o jornal, ela olhou a elegante sala, cujas cortinas abertas mostravam um fraco sol de outono. O ambiente não era aconchegante. Talvez fosse pelo fato de o pai e ela não aceitarem bem a caridade. O tio herdara a casa por direito de primogenitura, mas seu pai podia considerá-la como dele também. O título de baronete lhe fora passado pelo avô de Mary.

Ela sabia que eram forçados a aceitar a acolhida de sir Egbert Winter até que o pai ficasse bom. Não tinham outros parentes. E morar em Woodbank Hall era uma dura prova para o orgulho dela.

Era essa a diferença que os criados faziam entre parentes pobres e hóspedes. Seu pai sentia-se à vontade, já que os empregados mais antigos lembravam-se dele como alguém que realmente pertencia à família. Uma antiga babá, que morava num pavilhão dentro da propriedade, lhe contara histórias do pai quando menino. Filha de mãe estrangeira, Mary era suspeita quanto a pertencer, mesmo à família, e quanto a ser, de fato, inglesa. Entendia a reserva dos criados.

Deu uma olhada para a cabeça do tio, que aparecia pouco acima do jornal. Gostava dele. -A sua moda, lady Winter também era agradável. Ficara encantada com a habilidade da sobrinha em montar e Mary sabia que um elogio às capacidades equestres era a forma mais elevada de a anfitriã aprovar alguém.

Quanto a Annabella, preferia não pensar nela...

— Você precisa de ar puro, minha menina — disse a tia, observando-a.
— Está pálida como um fantasma. Quero que tire esse vestido preto o mais depressa possível. Um bom galope é o melhor remédio para qual quer doença e para a tristeza.

Era sabido que lady Winter receitava "um bom galope" para qualquer tipo de mal.

—Obrigada, tia. Eu adoraria montar — concordou Mary. — Mas preciso cuidar

de papai. Ele é um péssimo paciente e já passei a noite toda longe dele. Não quero sobrecarregar mais os criados.

—Asneira. É para isso que eles ganham — retrucou a lady. — E, querendo ajudar, poderá aproveitar para levar um recado meu à cidade. É sobre o potro recém-nascido da minha égua Squire Evans. E, se quiser, aproveite para comprar o remédio do seu pai. Assim evita uma ida do criado à farmácia.

Mary reprimiu um sorriso: imaginava que a lista de "coisinhas" que poderia fazer iria crescer bastante. Por exemplo, entregar ao pastor um bilhete sobre o hino que lady Letícia não aprovara, para o culto do domingo seguinte. E ela poderia ir assim que acabasse de comer.

—Aproveite bem a manhã, minha cara — desejou sir Egbert, quando ela levantou-se para sair.

—Obrigada, tio.

Ela gostaria de se aproximar mais do tio, mas ele era um tímido, principalmente se comparado à decidida esposa. Quando não se escondia atrás do jornal, enfiava-se na biblioteca. Se bem que todo mundo achasse que sir Egbert era um homem influente, ninguém sabia ao certo o que ele fazia e nem se interessava em descobrir. Menos Mary, mas não tinha coragem de perguntar.

Já notara que os jantares em companhia de convidados eram uma tortura para o tio. Decidiu achar um jeito de se aproximar dele e ajudá-lo. Talvez pudesse se oferecer para catalogar os livros. Seria um jeito de conquistar-lhe a amizade e a confiança. Conhecia pouca gente e tinha muita vontade de se tornar amiga dele.

Sorriu para sir Egbert, fez uma reverência para a tia, que ainda a assustava um pouco, aliás como a todo mundo, e saiu.

Tinha de descer dois lances de escada até o andar onde ficava seu quarto. Não era como o dos criados, mas também não era como os melhores da casa. Não se aborrecia por estar num pequeno aposento, que provavelmente pertencera à governanta, uma vez que a maioria dos quartos maiores precisavam de reformas urgentes. Depois que o pai se acomodara nos aposentos que ocupara quando jovem, ficara feliz com seu quartinho, que não tinha lareira e não era luxuoso.

Pegou o traje de montar, bastante usado e até com alguns remendos invisíveis, que a acompanhara durante as mudanças de um lado para o outro da Península. Era velho, mas lhe ficava bem e ela o adorava. O simples toque no veludo trouxe-lhe lembranças do verão de 1809. — Você tem um corpo lindo... — dissera sua mãe, acamada pela doença que a levaria. — Floresceu tarde, era esse seu problema. Agora, não é mais.

Dona Inez referia-se às espinhas e ao peito achatado, que a atormentavam quando

mocinha e a faziam passar despercebida em sociedade. Miss Winter não atraía os homens. Mas ao completar dezenove anos, ganhara o traje de montaria e a mãe insistira para que o usasse. As espinhas tinham desaparecido, o que tornava seu rosto atraente até na sua própria opinião, aliás crítica demais. E então, maravilha, o elegante traje demonstra que já não existia o problema do peito achatado. Seus seios, delicados, eram bem desenvolvidos e firmes. Herdara a bela silhueta da mãe.

Naquele dia distante, havia dançado alegremente, com a roupa nova. Mas tivera de limitar os volteios: o quarto da mãe, naquele hotel em Lisboa, era muito pequeno.

— Mamãe — dissera, ajoelhando-se ao lado da cama —, acho que não vou ser uma solteirona, não é?

Aquela palavra, dita em inglês, era muito usada pelo pai. E *dona Inez*, com aquele jeito meio áspero, muito dela, respondera que Mary ficaria linda e que jamais seria uma solteirona.

Agora, três anos depois, vestia o mesmo traje de montar, completando-o com o chapéu masculino que lady Winter lhe dera e que suavizara com uma echarpe de renda. Fez uma careta para o espelho: estaria tão linda quanto a mãe profetizara?

A confiança em sua beleza ainda não havia sido posta à prova e não tinha certeza se viria a ser uma solteirona ou não. Conhecera apenas de longe oficiais, mais ou menos jovens, companheiros do pai nas campanhas na Península. Mas todos relutavam em se aproximar de uma jovem sem dote e, além disso, não eram encorajados por *dona Luísa*. Essa senhora era a dama de companhia que ela herdara da mãe e que não permitia que qualquer rapaz se aproximasse. Assim, a vida de Mary continuara mais no estilo espanhol do que inglês.

No entanto, ela não menosprezava sua aparência, mas ignorara os elogios que lhe dirigiam aos dezenove, vinte anos, achando que qualquer jovem pareceria linda àqueles oficiais há tanto tempo longe de casa e de suas namoradas. Wellington, o general das grandes campanhas inglesas, era famoso por conceder licenças apenas em circunstâncias extremas. E a maioria desses soldados estava sedenta de companhia e carinho.

Ela não era propriamente linda, mas também não era uma solteiro na, pensou Mtâry^olhando-se no espelho. Fez um gesto animado e saiu do quarto.

Foi ver como o pai estava. O quarto dele era enorme, com móveis pesados, de carvalho, je velhas tapeçarias esgarçadas, como a maioria dos aposentos da mamsão.

Aproximou-se da cama. As cortinas tinham sido abertas e sir Winter estava recostado em travesseiros, com uma bandeja no colo.

—Que bom, papai! Já está comendo...

—Você chama "isto" de comida? — rebateu ele, empurrando a bandeja com um prato de mingau.

—Ah! Já ficou bom, se voltou a reclamar! — disse ela, alegre, e tirou a bandeja da zona perigosa. — Aveia! Então a cozinheira fez o que eu pedi...

—Logo vi que você era a responsável! — rosnou o pai. Aquela zanga era sinal de melhora, pensou ela, contente. De repente, comentou:

—Papai, o senhor delirou e falou alguma coisa sobre meu colar de granadas. Pelo menos, achei que era isso, porque disse que as granadas eram suas, depois minhas. O que significa?

—Que ideia boba é essa, menina? — Os olhos do capitão se arregalaram. — Por que eu iria falar em coisas de mulher? Um homem doente tem outros problemas em que pensar.

Ela achou algo de furtivo no modo como o pai desviou o olhar. - Foi engraçado... O senhor parecia falar com a mamãe.

— Eu sempre falo com a sua mãe — afirmou ele. Olhou para a lareira. — Ali está ela, com o colar de granadas. Isso é muito natural... Vai ver que eu estava sonhando, filha.

Mary fitou o retrato de *dona Inez*, pintado por Goya, no início do século, quando a família ficara separada. Na época, a mãe ocupava sua posição na corte espanhola, enquanto a filha se encontrava no colégio, em Kensington, e o pai servia com o general Welesley Wellington, na Índia. Lá estava *dona Inez*, no quadro. Um exemplo radioso de beleza espanhola, desde os longos cabelos negros, soltos, às pontas dos sapatos vermelhos, que assomavam sob a ampla saia branca. Olhava direta-mente nos olhos das pessoas, com uma expressão que Mary conhecia bem, entre severa e divertida. No colo de *dona Inez* brilhava o colar de granadas vermelhas.

Quando dera o colar à filha, a mãe avisara que cuidasse bem dele. Ele tinha algo especial, dissera, uma coisa que lhe seria revelada no momento certo.

Estranho! Desde a noite anterior, Mary tinha a impressão de que o pai queria se apropriar das granadas, pelo menos em sonho. Estremeceu, lembrando-se do conselho da mãe: "Cuide do colar como da sua virtude, minha filha!"

—No sonho, papai, ela lembrou-o de que o colar é meu — falou, em tom alegre, disfarçando a preocupação.

—Pode ser — resmungou o pai. — Inez vivia lembrando as pessoas disso e daquilo. — Suspirou. — Sinto falta dela!

—Eu também. — Mary pôs a bandeja numa mesinha.

Embora sentisse que havia mais coisas no delírio do pai sobre as granadas, decidiu mudar de assunto. Ele estava calmo e não queria aborrecê-lo.

— Quer jogar gamão mais tarde, papai?

O capitão murmurou algo sobre invalidez, sobre só servir para joguinhos de salão. Ela tomou isso como aquiescência. Sabia que ele gostaria de estar em Portugal, com seu exército. Nem sempre conseguia distraí-lo, mas continuava a tentar.

— Eu sei que gamão não é guerra, mas o que fazer, não é? — brincou, beijando a testa dele.

— Você é uma boa filha — observou o pai, com um leve sorriso. Depois de ajeitar-lhe as cobertas e desejar-lhe uma boa manhã, Mary saiu, levando a bandeja. Percorreu o corredor, animada. O pai estava melhor, ela ia andar a cavalo. Se tivesse conseguido que ele explicasse o delírio, as granadas... Bem, o tempo se encarregaria disso.

Um sorriso brilhava em seu lábios e ela cantava, baixinho, uma canção castelhana. Suas botas soavam no soalho.

— Ah! Fugindo do tio George? Ele deve ser um horror, coitadinho! Mary ergueu os olhos. Encostada à soleira de uma porta estava Annabella, olhando-a com seu sorriso de superioridade.

A prima era alta, bem proporcionada, cabelos de um loiro-avermelhado, olhos cor de mel, quase dourados. Vestia-se com extravagância, o que uma mãe mais exigente que lady Winter proibiria. Usava decotes baixos demais para uma jovem solteira de dezenove anos. Naquela manhã vestia um *négligé* cheio de rendas e laços. Às vezes ela se sentia insignificante ao lado de Annabella, que, embora não sendo nenhuma beleza, fazia todas as cabeças se virarem para ela quando entrava numa sala, com suas roupas vistosas, altiva como uma rainha.

Era o exemplo vivo do que *dona* Inez classificava de pessoa confiante. Achava-se a mulher mais bela da Inglaterra e muita gente concordava com ela, sem perceber que era um tanto gorda e que seus olhos eram inexpressivos, quando não exprimiam interesse e cálculo.

— Bom dia, prima! — disse Mary, com um toque de sarcasmo, pois a outra jamais se incomodava em cumprimentar.

Annabela não era de suportar ironias, mas não percebeu, dessa vez. Convidou-a a entrar em seu quarto, com um sinal.

Ela aceitou, embora estivesse ansiosa por chegar à estrebria. As manifestações de amizade da prima eram raras e não quis perder essa oportunidade.

Sorrindo, Annabella sentou-se na cama e disse:

—Minha duerida, que bom que a encontrei. Vai cavalgar?

—É... Sua^ mãe insistiu...

— Fez muito bem. Você deve estar cansada de bancar a enfermeira. Mary respondeu com expressões comuns, rezando para que a prima dissesse logo o que desejava.

— Eu queria falar sobre o baile de caça à raposa — explicou Annabella, por fim.
— É a primeira festa do inverno, desde que a de outubro foi cancelada. Sei que você não pretende ir. Não quer deixar seu pai sozinho, claro. Em seu lugar, eu também não iria. E já que é assim, não vai precisar daquele colar de granadas... Comprei um vestido lindo, de cetim creme, e mamãe não tem nenhuma jóia que combine com ele. Você me empresta? — Os olhos dourados fitaram Mary, bajuladores.

Ela pensou bem, antes de responder. Quando achou que tinha meios para desconcertar Annabella, disse:

- Mas eu posso ir, se titio e titia quiserem me apresentar à sociedade Papai já está bem melhor e o baile ainda demora. Como o colar é a única jóia que tenho, vou usá-lo.

O ar de camaradagem da prima dissolveu-se imediatamente.

Ela sabia que o pedido da prima era inofensivo, e detestava dizer não a qualquer pessoa. Mas não podia esquecer as palavras da mãe. Tinha de cuidar bem do colar de granadas. Não imaginava por quê, mas não o confiaria a alguém como Annabella.

Uma expressão de raiva passou pelo rosto redondo da outra e logo foi substituída por um sorriso adocicado.

Vou perguntar a mamãe se você vai ao baile. Tem roupa adequada para isso, prima? Confesso que estou surpresa...

Embora fosse verdade, a alusão às roupas dela foi indelicada. Mary não tinha vestido apropriado e não havia jeito de consegui-lo até o baile. Seu único vestido de festa era velho. Se, acaso, ela e a outra tivessem o mesmo corpo, duvidava que a prima lhe oferecesse um. Decidiu provocá-la:

—Ah, nunca se sabe! Talvez eu dê um jeito... — disse, divertindo-se com a consternação que provocara.

—Mas se você não for, posso usar o colar? Não entende, Mary? Quero impressionar sir St. Charles!

Conhecera o último admirador de Annabella numa festa do Hall. Ele não parecia impressionável por jóias: era muito terra-a-terra, simples.

— Tenho certeza de que sir St. Charles a admira por suas qualidades naturais —

retrucou, decidindo acabar com aquela brincadeira que não a divertia tanto assim.
— Sinto muito, mas vai ter de impressionar sir St. Charles sem meu colar.

Levantou-se e saiu, deixando a prima furiosa.

Pouco depois galopava pelos campos da propriedade quando, de repente, um pensamento cruzou-lhe a cabeça: como Annabella sabia que tinha um colar de granadas? Não o usara desde que chegara ali, embora o tivesse mostrado para a tia.

Pensou no pai. O capitão Winter gostava de se gabar e podia ter mencionado o colar antigo que Inez deixara para a filha.

Mary acabou por se esquecer do colar e da prima, e se concentrou, como vinha fazendo nos últimos dias, na lembrança do rosto moreno, aristocrático, de olhos magnéticos. Repreendia-se por aquilo, que achava loucura. Vira o rapaz na festa dos Holland por um breve momento

sabia que nunca mais o veria. Que tolíce colocá-lo como personagem principal de seus sonhos românticos!

III

— Está sendo ridícula, mamãe — disse Annabella, amuada. — Eu garanto que Mary não quer ir a lugar nenhum. Ela detesta a sociedade. Eu só quis lhe dizer que não precisa se preocupar em convidá-la a ir ao baile conosco, para não ferir o orgulho da coitadinha. Só falei na falta de roupa adequada para que ela não viesse a se envergonhar. Francamente, mamãe, estou admirada de a senhora pensar que um vestido novo...

Lady Winter olhou fixamente para a filha. A mesma coisa fez o cão, aos pés da dona. Annabella jamais gostara de animais, enquanto a mãe os adorava. Ela detestava Mack, o belo cão pastor.

A lady sacudiu a cabeça. Annabella era um desafio para ela, odiando todas as formas de esporte, recusando-se a cavalgar além do trote e agora tentando passar a prima para trás. Seria inveja? Observou a filha com atenção, tentando descobrir se agia daquele modo por medo de ser ofuscada.

Não. Lady Letícia aprendera a gostar de Mary, achava-a uma jovem agradável, mas não acreditava que algum cavalheiro iria se sentir atraído pelo rosto de feições clássicas, tranquilas até demais. Perto da dourada Annabella, ela parecia insignificante. Um dos seus traços maternos mais fortes era a absoluta confiança nos dotes físicos da filha, que considerava superiores. E não entendia como Annabella não aproveitava para explorar o contraste, favorável a ela, que fazia com

a prima.

—Olhe aqui, mocinha — advertiu, seca —, vou apresentar Mary à sociedade, quer você queira ou não.

—Mas mamãe!

—Sem *mas*. O que você tem contra ela? Medo que lhe roube os admiradores?

—E se ela não quiser ir, vai obrigá-la? — disse Annabella, às gargalhadas.

—Sim, vou forçá-la a ir. E garanto que ela irá. Você acha que pretendo sustentar uma solteirona? Pensando bem, não sou grande coisa no que se refere a me livrar de mocinhas. Não aconteceu nada com você, desde que debutou, minha filha!

—Mamãe, se gastasse mais no meu guarda-roupa, se pudéssemos morar na cidade, se entrássemos para o Almack...

Uma das coisas que mais irritava Annabella era não ter conseguido um noivo assim que chegara a Londres, na primavera anterior. Tinha certeza de que se os pais ligassem para sua sorte, teriam alugado uma casa em Mayfair, para não ter de obrigá-la a longas viagens de carruagem a cada acontecimento social.

Lady Winter não fez nenhum comentário aos ataques da filha, concentrando-se em escovar o pêlo de Mack. Foi nesse momento desagradável que Mary entrou na sala.

Annabella olhou de modo estranho para a prima, o que a levou a pensar que interrompera um assunto importante. Pedindo desculpas, já ia sair.

—Espere — disse a tia, num tom imperioso. — Sua presença é necessária aqui. Sente-se. Eu estava dizendo a Annabella que precisamos ir a Londres. Quero escolher um vestido para você ir ao baile de caça à raposa.

Annabella fungou visivelmente. Fora esse o resultado de querer influenciar a mãe. Esperava ganhar apoio quando expressara seus cuidados com o bem-estar da prima. Achara que, mencionando o fato de ela não ter o que vestir para o baile, conseguiria a anuência da mãe. Então, teria chance de usar o colar...

—Não posso concordar com isso, milady — disse Mary, séria, esforçando-se para não rir da expressão da prima.

—Não discuta. Annabella disse que você não quer aparecer. Essa timidez tem de ser superada se quiser arranjar um bom casamento. Está decidido. Amanhã nós três vamos à cidade.

Mary abriu e fechou a boca resolvendo não dizer que jamais havia dito à prima que não queria ir ao baile.

—Um dia eu retribuirei toda a sua bondade, milady — disse com um sorriso luminoso. — Muito obrigada...

—Algo me diz, minha jovem, que você vai se transformar assim que tirar esses

trapos de luto. Minha filha terá de se cuidar.

Annabella cerrou os lábios e saiu da sala, enquanto Mary comentava com a tia que sentia ter aborrecido a prima.

— Isso fará bem a ela. Está precisando de um incentivo.

Em silêncio, Mary concordou: seria bom para Annabella descobrir que nem tudo podia ser como ela queria.

Na manhã seguinte, sob um céu cinzento, as três acomodaram-se na carruagem.

Lady Winter se vestira especialmente para a ocasião. Annabella excedia a mãe em elegância e luxo, e Mary sentia-se deslocada em suas roupas simples. Pelo menos, pensou, as costureiras perceberiam logo que ela precisava desesperadamente de roupas novas.

— Gostou do meu vestido novo de passeio, prima? — perguntou Annabella, intencional. — Custou uma fortuna!

A viagem foi agradável. A carruagem, puxada por uma/parelha de cavalos negros, corria maciamente pela estrada. Lady Winter logo adormeceu. Mary, de costas para os cavalos, tentava ignorar a prima e seus comentários sobre gente que ela não conhecia. Era impressionante o número de mulheres que morriam de ciúmes de Annabella, segundo ela própria afirmava.

A tia acordou quando chegavam a Hyde Park Comer.

— Já chegamos? — indagou, piscando. — Bem, meninas, escutem, eu...

Calou-se. A carruagem parara em Knightsbridge Road. A cabeça do cocheiro apareceu à janela e ele disse:

— Hyde Park Corner, milady.

— Meninas, vou deixá-las sozinhas por algum tempo — disse lady Letícia. Deu uma bolsa à filha. — Aqui há dinheiro suficiente, se quiserem comparar algo em lojas onde não temos conta. Se precisar, é só dizer o nome do seu pai, Annabella. Qualquer loja aceitará suas compras e as mandará, com a conta, para Woodbank Hall.

— Vamos fazer compras sozinhas, tia? — perguntou Mary, em pânico, pois não queria ficar a sós com Annabella.

Os olhos da prima brilharam ao pegar a bolsa.

— Aonde vai, mamãe?

— Quero ver umas coisas, num leilão aqui perto. Seria aborrecido para vocês e só temos hoje para comprar o vestido...

— Não me diga que vai a um leilão de pertencentes de famílias falidas, mamãe! Não deve ser vista nesses lugares!

Lady Winter era o retrato vivo da culpa, ao negar que iria ver as coisas de um pobre diabo levadas a leilão.

— Já sei o que é! — exclamou Annabella, triunfante. — Vai a Tattersall, mamãe. Sabe que papai não gosta disso. Nenhuma senhora sequer pensaria em ir a esse depósito de cavalos! Vive cheio de homens, apostando nas corridas e berrando lances nos leilões de puros-sangues. A senhora não vai lá, vai?

Pelo ar submisso da tia, Mary percebeu que a prima atingira o alvo.

—Tenho de contar ao papai — continuou Annabella —, a não ser que me dê um presente... Um vestido novo para o baile!

—Minha filha, você tem dois vestidos de baile que ainda não foram usados!

—Mas já foram feitos há um mês. Estão fora de moda. — A voz de Annabella era doce, como se tentasse convencer um amante.

—Não vou pagar pelo seu silêncio! — explodiu lady Winter, apesar de Mary esperar que ela suplicasse. — Eu mesma conto a sir Egbert. Você não vai entender, Annabella, mas um dos garanhões de lorde Frederick Reardon vai a leilão e não posso perdê-lo. Vou com um dos criados, e como vocês não podem ir comigo, ficarão com o outro. Encontro-as no Layton and Shears, daqui a duas horas. Combinado?

Annabella calou-se sob aquela torrente de palavras.

— E você, mocinha — continuou a lady, para a filha —, vai comprar tecido para um roupão, um par de chinelos, luvas para a noite, meias e um leque. Nada mais, entendeu? Não vou comprar um vestido de baile quando você tem dois em casa, que não usou.

O criado esperava do lado de fora. A um gesto da senhora, abriu a porta e desceu os degraus.

—Obrigada, Paul. E vocês, meninas, comportem-se. Vão direto para Oxford Street. O cocheiro já recebeu instruções e vai ficar por perto o tempo todo.

—Sim, mamãe — assentiu Annabella, com voz doce.

—Divirta-se, tia — disse Mary, ainda escandalizada com o plano da lady, mas ao mesmo tempo admirada pela firmeza com que tratara a filha.

Lady Winter fez um leve sinal para o criado, e desceu a rua.

—Vamos. Oxford Street — disse Annabella para o cocheiro.

Mary estivera em Londres em uma ou duas ocasiões. Sentia-se excitada, apesar do medo por estar só com a prima. Olhava para as ruas, maravilhada com tanta gente bem vestida, vendedores, militares e gente pobre. A "capital do mundo", segundo os soldados britânicos que conhecera. Finalmente ia conhecer a grande

cidade.

Procurou na bolsa um guia da cidade, ansiosa por descobrir Londres.

Aquele dia, entretanto, não seria para aventuras, mas para comprar um vestido. Talvez em outra ocasião o pai a trouxesse à cidade. Não poderia pedir à prima para irem à Torre de Sainte Paul em vez de fazer compras.

A carruagem chegou a Oxjford Street. Annabela puxou o cordão, fazendo soar o sininho, e a carruagem parou.

—Vamos dar uma volta pelas lojas de tecidos — disse, olhando as roupas de Mary com ar crítico. — Você acaba de voltar da Península, o que vai desculpar suas roupas.

—Sim, prima. — E acompanhou Annabella, que caminhava, altiva, sem olhar para ninguém.

James, o cocheiro, as seguia discretamente. Annabella, com sua vasta experiência em lojas de Londres, seguiu à frente, deixando Mary e o criado para trás.

A primeira parada foi numa elegante loja de acessórios, onde Annabella comprou penas de avestruz e quatro rosas vermelhas de seda, apesar de Mary ter comentado que vermelho talvez não lhe caísse bem.

— Você não entende nada disso — riu ela, encantada com suas compras.

Entraram numa chapelaria. Annabella perguntou o que a prima achava de uma boina marrom e de um chapéu de abas largas, de veludo verde com laço branco,

—Os dois são lindos, prima...

Mary ia continuar dizendo que a tia não falara em comprar chapéus, quando Annabella a interrompeu, dizendo que tinha razão. Levaria os dois.

Os pacotes multiplicavam-se nos braços de James, e Mary percebeu que aquele dia não comprariam seu vestido.

O ar frio da rua, depois do calor da loja, reanimou-a e ela apressou o passo para alcançar a prima, quando Annabella parou bruscamente, fazendo com que quase a atropelasse.

—Corinna! — gritou Annabella, caindo nos braços de uma jovem muito elegante, que vinha em direção contrária.

Mary e a criada de meia-idade, que deveria pertencer à jovem, se cumprimentaram, enquanto Corinna exclamava:

—Querida, quanto tempo!

—Está passando o inverno na cidade? Imagine que meus pais ainda estão me prendendo no campo... — queixou-se Annabella.

—Quer ir tomar chá comigo?

—Não posso. Tenho de encontrar mamãe daqui a pouco.

A jovem era elegante, simples, e parecia uma pessoa agradável. Mary estava ansiosa por ser apresentada a ela.

Afinal, sentindo o olhar de Mary, Corinna virou-se. Annabella, percebendo, deu uma risadinha.

Não se encara ninguém assim, Mary! Devia saber disso, mesmo tendo vindo do interior. Ajude James com os pacotes, seja boazinha!

Mary ficou imóvel. O choque daquela atitude deixou-a sem reação.

— Não seja vadia, menina, você ouviu sua patroa — acrescentou Corinna, e deu o braço a Annabella.

Saíram andando, a amiga dizendo que ficaria feliz em acompanhá-la à próxima loja, que tinha muito tempo e seria um prazer ficarem juntas.

Annabella deu um sorriso maldoso para a prima e voltou a atenção para Corinna. A criada de Corinna caminhou ao lado de Mary, certa de que ela era uma companheira, pelas palavras das outras duas.

— Isso é demais! — exclamou Mary, zangada.

As jovens ladies se voltaram, o rosto de Corinna manifestando raiva diante da insubordinação de uma criada. Mary sabia que James iria espalhar o acontecimento em Woodbank Hall e isso incentivou mais ainda sua rebeldia.

— Um bom dia para você, prima Annabella — disse, girando nos calcanhares.

Sem olhar para trás, ela desceu a rua. Não esperava que alguém a seguisse e ninguém o fez.

Ergueu a cabeça, com um leve sorriso nos lábios. Mentalmente, comparou a expressão de Annabella com a de um peixe, uma corça assustada, uma garotinha culpada. Avançou pela rua a passos leves. Mal notava as pessoas e tomou cuidado em não olhar nenhum cavalheiro nos olhos. Nunca se sentira tão livre desde que viera para a Inglaterra.

IV

"Impossível! Não posso estar perdida!", pensava Mary, vinte minutos depois. Olhou para os prédios à volta e consultou o guia. Não tinha ideia de onde estava.

Havia pedido informação a várias pessoas e a criada de uma lady a tratara como se pedisse esmola. Todos a quem perguntara lhe haviam ensinado o caminho para Hyde Park Corner, onde Mary pensava se localizar Tattersall. Só que nenhuma das indicações coincidia. Como resultado, via-se agora em uma rua estreita, perto do que parecia ser os fundos de uma bela mansão, provavelmente longe de Tattersall.

Por mais que fosse divertido andar sozinha pela cidade, Mary sabia que precisava encontrar a tia. Do contrário, teria de se arrastar atrás de Annabella e sua detestável amiga. Com pouco dinheiro, ela não poderia alugar uma caleche para voltar a Woodbank Hall.

Resolveu chegar a Tattersall o mais rápido possível para dizer à tia que se perdera de Annabella. Não ia falar sobre a atitude tola da prima e seu comportamento ofensivo. Manteria sua dignidade diante das possíveis perguntas.

Não teria oportunidade de manter uma atitude nobre a não ser que encontrasse lady Winter. Suspirou, desejando que seu guia não fosse tão antigo e querendo encontrar pessoas mais bem informadas. Olhando em volta, viu o porteiro de um edifício. Dirigiu-se a ele. Não havia mais ninguém por perto.

— Então, minha bela — disse uma voz a suas costas —, passeando em Londres?

Mary virou-se. Um homem enorme parecia ter saído do nada. Sorria, e seus olhos cinzentos brilhavam. Era jovem e a roupa elegante sugeria um cavalheiro. Seu modo de falar, entretando, traía a origem inferior. Sentiu que precisava livrar-se dele com jeito, para não ter problemas.

Pensando rapidamente, ela fez uma leve reverência. O homem parou, surpreso pela reação dela, e ficou irritado quando Mary se desviou e passou por ele.

Ele esticou um braço e agarrou-a pela cintura, detendo-a com a maior facilidade.

— Por que tanta pressa, madame? Se quer conhecer Londres, eu, Tom Trumble, sou a pessoa indicada para acompanhá-la.

Mary lutava para se soltar, amaldiçoando-se por estar com o guia na mão. Ela devia ter sabido que a tomariam por uma turista, e às vezes isso queria dizer encrenca...

O homem puxou-a e tentou beijá-la. Mary não hesitou. Virou o rosto para um lado, fechou os olhos, disse uma frase em espanhol e levantou o joelho num golpe rápido, ensinado por sua velha babá, *dona* Luísa. Nunca tivera necessidade de se defender daquela forma. Esperava somente que o golpe desse resultado, como sua babá afirmara que daria.

E deu. Trumble gritou e soltou-a. Mary caiu no chão e gemeu. A pancada não foi das mais suaves.

Seu atacante também caiu, para sua surpresa. Apertava o baixo-ventre de forma estranha e seu rosto mostrava mais ódio do que dor. Mary se arrastou para longe dele, tentando se levantar.

O homem agarrou-a pelo tornozelo, puxando-a para si.

— Espere aí, moça! Ainda não terminamos nosso negócio.

— Sir, solte-me — pediu em voz baixa. — Por favor..._

Achou que, se falasse calmamente com o homem, teria melhor resultado. Olhando para trás, tentava desesperadamente soltar o tornozelo, pensando por que o porteiro da casa elegante não vinha em seu auxílio. Londres seria tão corrupta, sofisticada e indiferente que um homem podia ficar olhando outro atacar uma mulher indefesa, sem fazer nada?

Tom Trumble a puxava para si. Com o outro pé, ela o chutou e se debateu, tentando se soltar de qualquer jeito.

— Não! — rosnou o homem, soltando-lhe a perna e tentando agarrá-la pelo ombro ou pela cintura.

Mary conseguiu rolar e ficar em pé. Saiu correndo.

Para seu horror, uma mão forte agarrou-a pelo braço, fazendo-a parar. Confusa, pois não se tratava de Trumble, ela ergueu-se para olhar para dois olhos negros, grandes e profundos.

— Encontramo-nos de novo, *señorita* — disse o jovem de cabelos pretos. — Essa criatura — acenou desdenhosamente para Trumble — por acaso a está aborrecendo?

— Não — Mary conseguiu murmurar, com medo de causar uma briga.

Era o mesmo-rapãz que ajudara o pai na noite da festa dos Holland, o jovem com quem ela ousava sonhar. Falavam espanhol.

— Franceses! — gritou Trumble, avançando ameaçador. — São espiões, não são? Agora vai ficar mais divertido!

Alguma coisa brilhou. Trumble gritou e Mary, corando, desviou depressa o olhar. A calça de seu atacante estava caída até os tornozelos. Felizmente a camisa era bastante comprida para cobrir o que donzelas não deveriam ver. Ele olhava para baixo, piscando de surpresa, com a boca aberta.

O espanhol, sorrindo, guardou a espada. Tirara-a tão depressa que um observador mal poderia notar o que acontecera.

Mary pensou por que ele traria uma espada consigo. Ninguém o fazia, a não ser em ocasiões de cerimónia, e seu salvador usava roupas comuns. Isso significava que não estivera numa comemoração.

— Vamos deixar o cavalheiro se compor? — sussurrou aquela voz emocionante ao ouvido de Mary. — É melhor eu levá-la para onde quiser ir, não é?

Ela assentiu. Não conseguiu evitar uma olhada para trás. Tom Trumble procurava ajeitar a calça na cintura, com um botão na mão. Não pôde deixar de rir.

O espanhol levou-a pelo braço para bem longe dali. Só diminuiu o passo quando entraram numa rua movimentada.

—Muito obrigada, sir — disse, com toda a gratidão. — Esta é a segunda vez que vem em meu socorro. De onde apareceu tão de repente?

—Agradeço a Deus por estar por perto, *senorita*. Ia saindo de meu apartamento, no Albany, quando a vi lutando com aquele monstro. Eu a reconheci, naturalmente.

Naturalmente? Mary sentiu o rosto em fogo. Não era comum ser notada e lembrada por cavalheiros. Ao contrário, isso era uma novidade deliciosa.

—Eu queria agradecer-lhe por ajudar meu pai, naquela noite —disse, timidamente. — E agora lhe devo outro favor. Não vai desaparecer antes de eu agradecer, vai?

—Acho que já agradeceu, *senorita*, e vou ficar ao seu lado até vê-la sã e salva com sua criada. Aonde ia?

O nobre espanhol certamente imaginava que ela havia se perdido da criada. Jamais imaginaria que Mary andava sozinha pelas ruas. Sem pensar, ela respondeu:

— Queria ir para Tattersall...

O rosto do cavalheiro não escondeu o choque. Ela lembrou-se, então, que não era lugar para moças de boa família. Rapidamente explicou que sua tia estava lá, que se separara da prima por acaso e tinha de ir para o único lugar onde poderia encontrar lady Winter. Então, ele disse:

— É isso que tem de fazer, *senorita*. Diga-me, passamos por momentos difíceis duas vezes... Não seria melhor nos apresentarmos?

Ela concordou. Desejava há muito tempo saber o nome dele.

—Sou Mary Winter, e o senhor?

—António Ramirez y Mondego — disse ele com uma reverência.

—E sua espada? O senhor a traz para o caso de ter de socorrer moças em perigo?

—Ah, não. Sou instrutor de esgrima por profissão. Tenho um ginásio no Albany. Tento preencher a lacuna deixada pelo grande sr. Angelo. Aqui, *senorita*, é a entrada da frente de minha residência. É uma bonita moradia de cidade, não acha?

Mary olhou para o edifício.

— São lojas? — perguntou, confusa.

Ela ouvira falar que Albany era uma magnífica residência que pertencera a uma família nobre e depois fora transformada em apartamentos para cavalheiros.

Ramirez explicou que as lojas só ocupavam a frente e mostrou-lhe a imponente entrada, visível atrás de um portão central.

—É uma bela ideia inglesa dividir uma residência nobre em apartamentos.

Adoro morar aqui.

—E trabalhar também? O senhor gosta do que faz?

—A espada é uma arte de cavalheiros. Eu a manejo bem, além de ganhar muito com isso.

—Então, o senhor não é... não trabalha para... — A voz de Mary sumiu.

Quando o vira em Holland House, imaginara que ele fosse um diplomata, alguém importante no governo espanhol. Jamais imaginara que era um simples instrutor de esgrima.

— Eu trabalho para mim mesmo, *senorita* — disse Ramirez, suave.

Olhou-a sorridente, fazendo-a envergonhar-se de sua surpresa. Pensou em lhe dizer que aquilo não o diminuía, que simplesmente acreditara que ele era um embaixador ou coisa mais importante ainda.

Faz tempo que está em Londres? — perguntou, embora sabendo que uma pergunta tão inocente trairia seu enorme interesse por ele.

Disse a si mesma que aquilo era uma simples conversa e ninguém veria mais do que polidez em sua pergunta.

—Alguns anos. Meus pais morreram logo depois que Bonaparte entrou na Espanha, com a desculpa de manter a paz. Nós empobrecemos e achei melhor deixar minha pátria por algum tempo, para melhorar a situação financeira e estudar como enfrentar o inimigo.

—Ah! E o que descobriu?

—Que a defesa da Espanha é muito complicada, *senorita*, e que não venceremos em um dia.

Mary concordou, exaltada pela força daquelas palavras. Esperou pelas inevitáveis perguntas a seu respeito e sobre sua família, e quando não vieram, sentiu-se um pouco irritada. Então, ele não estava curioso por saber quem era ela, de onde viera?

Ramirez pareceu não notar o brilho de irritação nos seus olhos. Continuou guiando-a pela cidade, informando sobre seus pontos mais interessantes. A mão de Mary pousava sobre o braço dele. Ela esqueceu a raiva e tratou de aproveitar o passeio. Ali estava ela, num belo dia, embora cinzento, caminhando pelas ruas de Londres com um cavalheiro. Só desejava estar com um vestido melhor.

Green Park ficava à direita, mas eles não atravessariam a rua. Ele explicou que uma jovem não devia ser vista ali com um cavalheiro que não fosse seu irmão ou pai.

— Como é espanhol, *senor!* — disse Mary, com um sorriso.

Ele poderia não ter respeito algum por ela depois de tê-la encontrado naquela

situação estranha. Para culminar, estava conduzindo-a a Tattersall. Poderia fazer mau juízo dela.

Depois de atravessarem uma rua congestionada por cavaleiros e carruagens, Mary e seu acompanhante pararam diante de um imenso edifício.

— O famoso Tattersall, *senorita*. Vamos entrar?

Mary assentiu. Em dois minutos estaria com lady Winter. Felizmente, as coisas voltavam ao normal.

Entraram em um enorme pátio. Inúmeros relinchos de cavalos chegaram aos ouvidos de Mary junto com as vozes sonoras dos homens. Havia uma variedade enorme deles. Além da multidão de homens, viu uma série de carruagens expostas à venda. Sob uma cúpula, o busto de um homem que Ramirez, sussurrando, disse-lhe ser o Príncipe Regente.

Instintivamente, ela apertou o braço do novo amigo.

— Preciso encontrar minha tia. Está vendo alguma mulher, *senor*? Ela deve estar a...

Ramirez abriu a boca para responder. Nesse momento, duas mãos o agarraram. Trumble havia seguido os dois.

— Me envergonhando em público, hein, espião francês? — rosnou, enfurecido.

Mary notou que sua calça estava presa por alfinetes. Trumble derrubou Ramirez e tentou estrangulá-lo. Apanhado de surpresa, o espanhol se defendeu de imediato. A espada era inútil, agora. Mas logo suas mãos enluvadas agarraram Trumble pelo pescoço.

Mary nem parou para pensar. Tinha de fazer alguma coisa. Com os olhos brilhantes, deu um violento pontapé no traseiro de Trumble. Os dois homens rolaram quando seu pé atingiu o alvo, sua saia farfalhou, ela perdeu o equilíbrio e caiu. Bateu a cabeça no calçamento e ficou momentaneamente tonta, mal se dando conta da luta e dos gritos dos homens que tinham feito um círculo em volta do estranho trio. Ouviu um gemido e fechou os olhos. Teve certeza de que Ramirez fora ferido.

Dois braços confortantes a ergueram e ela abriu os olhos. Ramirez!

— Você está bem? — disse, baixinho. — Ele não...

— Não — respondeu Ramirez. — Fui eu que o fiz adormecer.

Ela olhou para trás e viu Trumble inconsciente no chão, aparentemente vítima de um forte direito no queixo. Ela suspirou e chegou-se mais a ele.

— Então, moça — disse uma voz rouca, familiar. — Eu adoraria ouvir sua explicação para tudo isto.

Uma sensação estranha tomou conta dos sentidos de Mary ao olhar para o rosto

severo de lady Letícia Winter.

V

Num instante Mary voltou à realidade. Não era mais a princesa salva pelo cavalheirismo de um mancebo. Era apenas uma jovem descuidada, que tinha explicações a dar.

Pensando ter ouvido uma risada masculina, olhou para Ramirez e soltou-se de seus braços. Que provocação, ele achar graça naquela situação! Ela também teve vontade de rir, mas não deu o braço a torcer. Lady Winter certamente olharia com desconfiança para uma sobrinha que não apenas tomava parte em brigas masculinas, como também as considerava motivo de riso.

Dispensou a ajuda de Ramirez e enfrentou a tia.

A expressão de lady Letícia era de perplexidade. Suas feições fortes mostravam incredulidade, enquanto seu olhar ia de um para o outro. Então, ela comentou:

—Minha cara menina, seu estado é lamentável...

Mary olhou para o vestido e enrolou-se na capa. Em algum momento daquelas duas lutas malucas, seu vestido rasgara e uma boa parte da barra da saia, na frente, arrastava-se pelo chão. De fato, a situação também era lamentável...

—Eu não queria que isto acontecesse... — começou.

—Sobrinha, eu odiaria saber que isto tudo foi planejado por você! — disse a tia, imperiosa.

Sem dúvida a lady estava esplêndida em sua atitude majestosa, cercada por cavalheiros ricos, bem vestidos, embora os cavalheiros em questão estivessem ocupados em olhar apenas para a sobrinha dela, naquele momento. Instintivamente, Mary fechou mais a capa e aproximou-se mais de Ramirez.

—Meu jovem — fuzilou lady Winter, fixando os olhos no cavalheiro moreno que aparentemente estivera molestando sua sobrinha —, com certeza não se recusará a comparecer diante de um magistrado por causa deste crime hediondo.

O círculo de homens se fechou e alguns até se ofereceram para segurá-lo enquanto alguém ia chamar a polícia.

Isso é ridículo! — gritou Mary, nervosa. — Este é sir Ramirez, que me salvou daquele homem horrível ali no chão. Ele — apontou para Tom Trumble — me atacou na rua, e depois que sir Ramirez o castigou, nos seguiu até aqui. Por favor, entreguem aquele criminoso às autoridades.

Mary tinha uma bela voz, e no fim do discurso parecia ter ganhado a simpatia de

todos. Um jovem perto de lady Winter bateu palmas com as mãos enluvadas.

De repente um vozerio tomou conta do ambiente, quando um homem anunciou que ia ter início o leilão dos puros-sangues. Lady Winter aproveitou o burburinho pegando a sobrinha pelo braço e afastando-se com ela.

Então, mocinha, causou a maior confusão, hein? Depois de toda esperança que eu tinha em você!

—Esperança em mim? — perguntou Mary, perplexa.

—Sim, querida. Que você conseguisse um bom casamento e ensinasse aquela tola da minha filha! Agora você se desmoralizou diante da maioria dos homens que contam em nossa sociedade. Vou ter de escondê-la em Woodbank Hall, que é o que Annabella queria o tempo todo.

Mary só conseguia encarar a tia, sem nada dizer. Aquelas palavras quase não tinham sentido para ela. Ela, arranjar um bom casamento? Não conhecia ninguém, não tinha dote e, ainda por cima, tinha sangue espanhol! A única coisa que lhe aconteceria seria tomar chá de cadeira em qualquer acontecimento social, mesmo sem aquela cena vergonhosa em Tattersall.

— Afinal, o que você fez com Annabella? — quis saber a tia. —Onde ela está?

Mary disse que havia se perdido da prima e do criado em Oxford Street, por acaso, claro. Sentiu-se até virtuosa não contando o tratamento que recebera dela.

— Como pode ver, madame, miss Mary só veio aqui a sua procura. Não tinha outra escolha — comentou Ramirez, com uma inclinação de cabeça. Franzindo as sobrancelhas, ele continuou: — E me parece que madame é uma lady extraordinária, já que age como se sua reputação não pudesse sofrer o menor abalo por esta visita a uma fortificação masculina...

E, como você disse — respondeu lady Winter, com uma tossezinha de embaraço e um olhar mais feroz. — Se minha sobrinha fez ou não fez por mal, está fora de questão. Ela se desmoralizou, tanto quanto se estivesse dançando nua em Carlton House.

Mary estremeceu. Está certo que ela havia passado dos limites. Mas aquela linguagem! Será que se acostumaria com lady Winter, com aquele jeito autoritário, quase insolente?

—Peço licença para discordar, madame — disse sir Ramirez, delicado. — O pretendente de uma jovem não pode salvá-la de um atacante? Depois de tal susto, ela não pode descansar nos braços de seu futuro marido sem ficar difamada? Foi uma infelicidade isto ter acontecido em Tattersall, mas não foi culpa de miss Winter. Tinha de procurá-la e a senhora estava aqui. Não pode culpá-la por isso.

—Em nome do céu, o que está dizendo? — sussurrou Mary. — Pretendente?! Titia, não é isso, o cavalheiro não queria...

—Meu jovem — disse a tia ao mesmo tempo. — Minha sobrinha não tem fortuna.

—Fortuna? O que é isso? — O espanhol descartou o problema com um gesto de mão enluvada. — Ela pertence a uma nobre família espanhola. Quanto ao lado inglês, a senhora deveria me informar se existe algum defeito!

—Os Winter — disse lady Winter com voz gelada — são muitíssimo respeitáveis. Eu concordei em me casar com um deles.

—Ah, perdão, madame. Quem desejaria melhor prova que esta?

— replicou ele, suavemente.

— Espere — interferiu Mary. — Conhece minha família espanhola, sir? E do que vocês dois estão falando? Não podem, não devem...

— Ela não conseguiu continuar.

Não havia nada pior do que protestar contra uma proposta de casamento, só para descobrir que os dois discutiam outra coisa, como a respeitabilidade das famílias, neste caso.

E que tipo de casamento poderia ser, iniciado daquele jeito? De qualquer modo, tinha de se afirmar, precisava demonstrar a eles que sua vida não podia ser discutida assim, daquela forma fria, sem consultá-la! Ela sempre detestara a ideia de casamento por conveniência.

—Quanto a você, moço — disse lady Letícia, erguendo um dedo para Mary como que para provar que sabia o que ela pensava —, o que tem a oferecer? É estrangeiro, pelo que vejo.

—Ele é instrutor de esgrima — respondeu Mary, antes que o cavalheiro pudesse falar.

Não sabia se estava querendo escandalizar a tia ou embaraçar Ramirez. Poderia ter dito que ele frequentava os mais altos círculos diplomáticos, mas calou-se. O espanhol olhou-a com curiosidade e ela baixou os olhos. Havia dito uma coisa que poderia ser interpretada como desprezo por ele, mas recusou-se a retificar a impressão.

— Instrutor de esgrima da mais alta reputação — disse Ramirez, com um sorriso suave. — O que a maioria dos homens aqui pode afirmar.

— Ah! Um instrutor, de esgrima. Olhe aqui, eu...

Lady Winter ia explodir, mas ele não a deixou terminar:

—E conde António Ramirez y Mondego, de Castela. — Ele hesitou e olhou sorrindo para Mary, cuja boca estava aberta ao saber que estivera passeando com

um nobre espanhol. — Lorde Holland pode confirmar quem eu sou, se quiser enviar uma mensagem a ele.

—Oh! — A lady olhou duramente para ele. — Minha sobrinha é sua compatriota pelo lado materno, então.

—Tia! — exclamou Mary. O momentâneo espanto pelo título de Ramirez desaparecera. — Não quero ser discutida dessa forma. Eu insisto que...

—Minha filha, você perdeu o direito de insistir sobre qualquer coisa. Este cavalheiro tem a bondade de reparar o seu erro, por assim dizer. Nesta situação é meu dever agir como se fosse seu pai, que nem saiu da cama ainda. Mas esperemos que ele dê seu consentimento.

—Ninguém tem de dar consentimento algum! — revoltou-se Mary. — Tenho vinte e dois anos.

—Pois muito bem — lady Winter assentiu, e voltou-se para Ramirez. — Ela ainda não está preparada para isso... você sabe, meu jovem.

. — A perfeição só pode ser atingida com mais idade — replicou lorde Ramirez, com delicadeza.

—Bobagem! — exclamou Mary. — E com adulação não vai conseguir nada. Minha tia já disse que não sou rica, aliás, não tenho um tostão, e agora surge essa alusão delicada a minha idade. Não tenho nenhum desejo de me casar, com ou sem escândalo. Posso viver como uma mulher independente, professora ou dama de companhia. Mas não como mulher de um... um...

Pena — disse Ramirez. — Parecia gostar um pouco de mim antes que eu expressasse meu desejo de casar com a senhorita.

Ela virou o rosto. Esse homem era muito convencido! Será que adivinhara que se sentia atraída por ele? Isso seria fatal, pois essa atração não lhe alterara a decisão de escolher seu marido, quando e onde quisesse. Não estavam na Idade Média, nem na Espanha.

— Casamentos arranjados ainda são coisa aceita em minha terra, madame — dizia Ramirez a lady Winter. Ele parecia ler os pensamentos de Mary. — Sem dúvida, Inez de la Rosa ficaria feliz em ver sua filha se transformar numa condessa de família tão antiga, aliás, atingida por tempos duros. É por isso que me vêem carregando uma espada.

—É ridículo tudo isso! — murmurou Mary, zangada.

Mais uma vez, ficou intrigada: como ele sabia o nome de sua mãe? Era possível que tivesse dito durante a caminhada. Não se lembrava, talvez por ficar um pouco nervosa na companhia dele.

Lady Letícia acenou para um dos cavalheiros. Muitos dos homens haviam se

juntado em torno deles. O gerente de Tattersall removera a figura inerte de Tom Trumble, nas costas de um garanhão.

—Stephens, este é o noivo de minha sobrinha. Eles mantiveram seu compromisso em segredo e agora tenho de ter certeza de que ele é um bom partido. Vá a Kensington e pergunte a lorde Holland se...

Lady Winter hesitou, olhando para Ramirez, consternada. Mary entendeu sua dificuldade: se ele fosse tão nobre e respeitável como dizia que era, não havia motivo para insultá-lo agora.

Ela não tinha tanto escrúpulo e disse, brusca:

—Pergunte a ele se este cavalheiro é um impostor.

Ramirez sorriu para lady Winter, escandalizada pela falta de tato da sobrinha.

—Talvez este cartão ajude seu amigo no interrogatório — disse o conde, colocando um na mão da lady.

Stephens partiu e lady Winter olhou à volta. Tirou um cartão de sua bolsa, pegou um lápis e escreveu algo nas costas.

—Lorde Cathcott — dirigiu-se a um rapaz magro, com uniforme extravagante —, o bispo é amigo de sua mãe, não é? Leve isto a ele, com meus cumprimentos.

—Mas, madame... — protestou o jovem. — Falar com o bispo assim? Eu não o conheço bem, quer dizer, não sei se...

—Minha família é muito amiga de Monsenhor e ele ficará encantado em me prestar um pequeno favor. O que é uma simples licença de casamento especial? Ah, e leve isto aqui — tirou uma carteira gorda da bolsa e entregou-a ao perplexo Cathcott.

O jovem baixou a cabeça e saiu, obediente.

—Tia, eu tenho de protestar — Mary quase gritava. — Não quero me casar com este cavalheiro. Para que incomodar o bispo?

Lady Winter deu outra olhada a sua volta.

—Menina, isso são modos? Naturalmente, você quer se casar com seu noivo.

Mary lembrou a si mesma que a parte principal do plano da tia de-ia ser a simulação de um noivado entre eles. Suspirou e ficou calada, para não complicar mais a situação.

— Não vamos lavar a roupa suja na rua — continuou a lady. — Vamos para o Red Lion. E você — apontou para outro jovem, que mais tarde Mary saberia tratar-se de um duque —, diga a Stephens e Cathcott onde nos encontrar.

Uma ideia esplêndida, madame. É preciso privacidade — concordou lorde Ramirez e, para desgosto de Mary, ofereceu um braço a cada dama.

Seguido a distância por Paul, o criado dos Winter, o estranho trio saiu de

Tattersall.

A dignidade de Mary estava um pouco arranhada pela saia rasgada, que caía na frente e a fazia tropeçar o tempo todo. Embora tentasse, não conseguia segurá-la e fechar a capa para esconder o rasgo. Soube depois que a última era a tarefa mais importante.

Não tendo outra solução, caminhou calmamente ao lado de lorde Ramirez. Os dois acertaram o passo com o andar vivaz de lady Winter. Caminharam assim até uma pequena passagem, a Crown Passage. A tia dissera que o Red Lion ficava "logo ali", mas parecia a Mary que jamais chegariam.

Aquela manhã ela acordara uma solteirona sem qualquer chance de arranjar um bom marido. Menos de oito horas depois, andava de braço dado com um belo nobre que professara o desejo de se casar com ela, apesar de sua recusa, sua indiferença e sua pobreza. Toda aquela confusão só acontecera porque Annabella Winter havia sido rude com ela.

Mary decidiu ali mesmo não mais tentar compreender o mundo.

Lady Winter reservou a melhor sala particular do Red Lion. Mary notou que a tia era muito conhecida ali, onde sempre recebia os amigos, depois de um leilão de cavalos. Se tio Egbert soubesse, teria um ataque, mas no momento a notoriedade da tia no local era bem-vinda. O grupinho ocupou uma sala confortável, sem esperar um segundo sequer, e ela sentiu-se feliz em ficar longe dos olhos curiosos, por causa do vestido rasgado. Já tinha bastante dificuldade em lidar com o olhar ardente e inquiridor de lorde Ramirez.

Os três sentaram-se a uma grande mesa de carvalho. Depois que se acomodaram, Mary falou:

~ Tia — olhou dentro dos olhos da senhora —, como pode pensar em me obrigar a uma coisa dessas? Já estou na idade de fazer o que bem quiser. Não pretendo participar de qualquer cerimônia com este cavalheiro, hoje ou quando for.

A simplicidade do raciocínio da sobrinha deixou lady Winter sem argumento, apesar de toda sua manobra. O conde também ficou em silêncio e Mary não ousava olhar para ele.

Por fim, a voz grave dele ecoou na saleta:

— Cara miss Winter, está ansiosa por passar a vida como uma dama solitária? Sua estimada tia deve conhecer melhor os costumes ingleses do que nós, e ela acha que jamais poderá se casar depois do que houve hoje. Entretanto, aqui estou, não apenas desejando, mas ansioso por torná-la minha esposa. Isso seria melhor do que, como se diz?, uma solidão abençoada.

Mary enrubesceu e baixou os olhos. Quando os ergueu, olhou dire-tamente para Ramirez.

—Por que de repente o senhor quis se casar comigo? Ou estava disposto a fazê-lo com qualquer outra? Mesmo sem dote? Parece-me que suas circunstâncias não o permitem, a não ser que ganhe muito mais dinheiro como instrutor de esgrima do que eu penso. Sabe que não posso contribuir em nada...

—Como seu compatriota, é meu dever proteger seu bom nome — foi a resposta instantânea do lorde, que a envolveu num olhar ardente e acrescentou: — Estou certo de que terei vantagens...

Mary esforçou-se por não corar de novo e atacou, zangada:

—Só se for para viver à custa de minha família. Meu pai e eu já vivemos assim. A família Winter não receberia bem outra boca para alimentar, não importa o quão lisonjeira seja essa boca.

—Mary! — censurou lady Winter. — Naturalmente, seu marido será bem-vindo em nossa casa e sir Egbert encontrará uma boa ocupação para ele. Assim, poderá deixar de ser um instrutor de esgrima.

—Quanto à senhora, tia, eu sei que acha que tudo acabará bem. Agora, não precisa mais me apresentar à sociedade. Aliás, eu nunca esperei que o fizesse. Por favor, vamos-encontrar Annabella e esquecer tudo isto. Quanto ao escândalo, logo todos esquecerão.

—Não tenho tanta certeza. Não, minha jovem, que eu saiba, nenhuma moça que teve as roupas rasgadas em Tattersall... Dificilmente pode acontecer algo mais desabonador!

—Eu não rasguei as roupas em...

A risadinha de lorde Ramirez afogou as palavras de Mary.

— Lady Winter, perdoe a ousadia, mas acho que posso fazer sua sobrinha mudar de ideia. Preciso apenas falar em particular com ela. Permite?

_ Ora — fungou lady Winter.

Mary, cujos nervos saltaram à ideia de uma conversa em particular com o conde, suspirou aliviada quando viu a dignidade da tia ofendida.

—Está me pedindo para esperar no corredor? Rapaz, ponha-se em seu lugar! — zangou-se a lady.

—Não estou pedindo nada disso, madame. Miss Winter e eu vamos para o corredor. O que tenho a dizer levará só um momento.

—Humm... — Lady Winter olhou atenta para lorde Ramirez, por um instante. E depois: — Mary, minha filha, vá com ele.

—Não — disse ela, ríspida.

—Venha, minha querida. Não pode me negar isso! No corredor, com tantos criados indo e vindo, sua segurança estará garantida... — ironizou ele, para provocá-la.

—Ah, vá, Mary. Ele não vai mordê-la! — insistiu a tia sem esconder um profundo aborrecimento.

—Devo me lembrar de que já estou desmoralizada... — disse Mary docemente. — Acho que não tenho mais o que temer.

Levantou-se e saiu, seguida por Ramirez.

Depois que a porta se fechou, ela encarou o lorde com uma expressão de súplica e falou com ele em espanhol, pois de fato o corredor era muito movimentado.

—*Senor*, pare de me aborrecer. Vá cuidar de sua vida e esqueça essas ideias de honra ou o que seja que o faz se comportar tão horrivelmente. Seria mais fácil para todos nós se o senhor não voltasse a ver minha tia. Por favor, vá embora...

—Mas, minha querida, eu sei o que a está exasperando. Acredita que quero me casar para forçá-la a... bem, aceitar meus direitos de esposo. Eu a trouxe aqui para jurar que não é nada disso. Não vou exigir meus direitos de marido sem sua permissão. Dou minha palavra. Enquanto não for consumado, o casamento pode ser rompido, no momento em que a senhorita quiser, e dou minha palavra que não me oporei.

Mary sentiu uma pontada no estômago. Ele não poderia estar interessado em dinheiro, pois ela não o possuía. Será que a queria por sua beleza? Tola esperança, essa: não era assim tão bonita. Será que estava sendo apenas muito cavalheiro?

Os olhos de lorde Ramirez sorriam.

Juro, minha querida, que jamais irei para a sua cama a não ser que me convide — sussurrou ele, e o tom era sensual, carinhoso.

—Eu nunca vou convidá-lo para ficar nem a dez metros perto de mim — retrucou Mary, furiosa.

O ar de intimidade do conde despertara nela a necessidade de se defender. Ele era praticamente um estranho. Como poderia ter tanto poder sobre ela, forçando-a a pensar em coisas como cama e mistérios conjugais?

—Não posso me casar com o senhor e ponto final — declarou, decidida.

O lorde sorriu. Olhou dentro dos olhos dela e Mary sentiu, aflita, que ele podia ver, sob seus protestos, a forte atração que exercia sobre ela.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele abriu a porta da sala particular.

— Então? — Os olhos de lady Winter brilhavam de curiosidade. Mary estremeceu e ia responder quando o conde se adiantou, afirmando com tranquilidade:

—Removi a última dúvida da cabeça de sua sobrinha, madame. Ela vai se casar comigo. Achamos melhor que a cerimônia seja hoje mesmo.

—Quê?! Eu nunca...

Lady Winter e lorde Ramirez passaram a discutir os planos do casamento, ignorando os protestos de Mary.

—O senhor não é um homem honrado — gritou Mary no meio da discussão dos dois quanto à mais próxima igreja católica, mas nenhum dos dois lhe deu atenção.

Eles seriam casados por um padre, claro. Lorde Ramirez insistia nisso. Ele tornou-lhe a mão, segurando-a com força quando ela quis retirá-la.

—Ao contrário, minha cara, estou procurando o seu interesse. Sei que é uma jovem prática e lógica. Naturalmente, deve recusar a oferta de um estranho. Disse que não pode se casar comigo. Mas pode me olhar nos olhos e dizer que não quer ser minha mulher?

Mary estava petrificada. Será que ele queria tanto se casar com ela, para insistir daquela forma? Era um sentimento confuso. Nenhum homem pedira sua mão, antes. Hesitava, lembrando-se de que nenhum homem além desse jamais a pediria. E tudo graças aos acontecimentos infelizes daquele dia.

O que teria a perder? Admitia que ele a fizera sonhar. Sempre fora romântica. Se não fosse obrigada a obedecer às convenções, achava que se casaria com ele imediatamente. E a sorte oferecia-lhe a oportunidade de fazer exatamente aquilo.

Olhou-o nos olhos e quase perdeu o fôlego com a expressão amorosa que viu neles.

Você promete não.. — tentou continuar, mas sentiu-se incapaz de dizer o que queria diante de lady Winter.

Ele entendeu, inclinou-se e beijou a mão enluvada. Seus lábios pareciam queimar através do tecido.

— Nunca. Só a seu convite.

Mary estremeceu: não apenas os olhos, mas a voz dele estavam cheios de certeza de que um dia ela o convidaria.

— Está bem, filhos, vocês vão ter muito o que conversar depois de casar... — disse lady Letícia e, dirigindo-se à sobrinha: — Resolvido em um dia! Não tema, minha menina, vou comprar-lhe o vestido assim mesmo. E vamos mostrar algumas coisas a Annabella!

Pela primeira vez Mary acreditou que terminaria o dia casada, o que não lhe parecia desagradável, principalmente quando pensava na prima.

O resto da manhã passou sem Mary perceber. Primeiro chegou lorde Cathcott, com a licença de casamento, depois Stephens trazendo a carta de recomendação de sir Holland. Ele se referia a lorde Rami-rez como uma ótima pessoa, um diplomata de primeira, além de ser de família nobre espanhola, infelizmente passando por dificuldades.

— Eu sabia — sibilou lady Winter. — Trabalha para viver, não é? Mas o que vale é o sangue.

Mary não tentou descobrir o que a tia queria dizer com o batido clichê. Estava ocupada observando o mundo ao redor.

Em seguida, foi a correria para a igreja de St. Patrick e a caça de um padre. Mary ficou aliviada quando ele disse que, com ou sem licença, já era tarde demais para o casal se unir aquele dia. Todos os casamentos tinham de ser oficializados por um ministro da Igreja Anglicana.

Ramirez, porém, não desanimou.

—Mais tarde, minha cara, quando formos à Espanha, nos uniremos diante de um padre. Agora, faremos o que este país exige.

—Belo começo — resmungou lady Winter. — Vamos voltar ao Red Lion, filhos. Quero esse casamento agora. Temos de encontrar um pastor evangélico!

Foi assim que Mary encontrou-se diante de um velho pastor, na sala de uma hospedaria e não numa igreja.

—Pobrezinha, tenho certeza de que não era este o seu sonho... — cochichou lorde Ramirez, quando se colocaram diante do pastor.

Mary fez uma careta. Um casamento apressado num lugar estranho, sem vestido de noiva, o noivo em trajes matinais e, ainda por cima, carregando uma espada...

A cerimônia em inglês era estranha para ela. Ainda tinha dúvidas quanto à sinceridade do conde ao ouvi-lo proferir os votos. Fez esforço para a voz não tremer quando chegou sua vez e o "sim" saiu mais claro e firme do que esperava.

Estava feito! De repente, ela era uma condessa da realeza espanhola.

—Até que enfim, crianças. Estão mais do que casados! — disse lady Winter, marchando diante do casal. — Imagine a cara de Annabella quando ouvir eu chamar você de lady... Como é mesmo seu nome, rapaz? Ah, Ramirez.

—Na Espanha não é costume a mulher abandonar o nome de solteira — disse Mary, erguendo o queixo. — Lá vou ser chamada condessa Ramirez, mas vou continuar lady Mary Winter.

—Ah, que coisa esquisita! Mas você está na Inglaterra, sobrinha, e aqui você é

lady Ramirez.

— Coisa esquisita é este casamento! — replicou ela. Percebeu um ar de ofensa no rosto de Ramirez, mas não conseguia controlar suas emoções. Como pudera se unir a um estranho? Custava-lhe acreditar que tudo aquilo acontecera.

Tomaram a carruagem e dirigiram-se para Layton and Shears.

Foi aí que ela se lembrou da prima. Devia estar preocupada com a demora da mãe e talvez até com a dela.

— Vai assistir a um belo espetáculo, meu rapaz. Já viu uma jovem de linhagem ter delíquios em público? Observe minha filha...

Mary não sentiu prazer em pensar em mais uma cena embaraçosa.

— Tia, não acha que é melhor não dizer nada?

— E o que ela vai pensar quando levamos este rapaz para casa e lhe dermos um quarto?

— É isso que a senhora pretende fazer?

Ela pensara que depois do casamento lorde Ramirez iria para a casa dele e que se encontrariam mais tarde, para a anulação.

— Não podemos deixá-lo no meio da rua. Família é família!

— A senhora é maravilhosa! — disse lorde Ramirez. — Terei muito prazer em conhecer sua adorável filha. Se saiu à senhora, ficarei encantado.

— Se achasse que ela saiu a mim, eu teria me envenenado há anos — disse lady Winter com uma risada. — Agora, tome o braço de sua esposa. Vamos, Mary, quero ver a cara de Annabella.

Entraram na loja, acompanhando a dama. O lugar era elegante, cheio de mulheres. O oposto de Tattersall.

— Ora, ora, Mary — disse uma voz doce, e Annabella, toda sorridente e batendo as pestanas, aproximou-se. — Apresente-me seu amigo encantador. — Olhou as roupas da prima. — O que aconteceu com você?

— Nada. Esqueceu que saia aberta é a última moda na Península? Como pede para ser apresentada, quando se negou a fazer a mesma coisa comigo? — Zangada, falou depressa, sem respirar.

— Sir — disse a prima, rindo e dirigindo-se a lorde Ramirez —, desculpe Mary, sim? Tivemos um pequeno desentendimento e ela não se esqueceu. Não sou de guardar rancor.

Mary olhou para Ramirez esperando ver a expressão de admiração que os homens exibiam quando conheciam Annabela. Para sua surpresa e alívio, o rosto dele mostrava apenas divertimento e nada mais. Disse, amável:

— Deve ser a prima de quem tanto ouvi falar. — E sorriu de modo devastador.

Annabella baixou os olhos por um momento e depois, com um sorriso doce, perguntou:

— Ah, ouviu falar de mim?

— Sua encantadora mãe é muito eloquente em seus... elogios...

— Conheceu mamãe? — perguntou ela, em guarda. E, cutucando a prima, sussurrou pelo canto da boca: — Me apresente!

Mary sabia que não adiantava adiar, mas estava resolvida a se divertir à custa de Annabella.

— Este é o conde Ramirez y Mondego. *Senor* conde, esta é minha prima, miss Winter. Lorde Ramirez é instrutor de esgrima...

Controlando o riso, observou a guerra de emoções no rosto de Annabella. Um conde: respeito. Instrutor de esgrima: desprezo. O título de conde acabou vencendo.

— Instrutor de esgrima! Que interessante, sir. Sei que muitos aristocratas têm suas excentricidades. Sei que lorde...

— Eu ganho a vida com isso, *senorita*. — Ele olhou por cima da cabeça dela. — Aí vem sua encantadora mãe.

Era a segunda vez que se referia a lady Winter dessa forma. Mary observou que, com a repetição, o termo parecia menos estranho.

— Droga! — foi a saudação dela. — Perdi a cena! Então, Annabella, o que você acha do novo primo?

— Primo? — perguntou ela, perplexa.

— Eu não contei a ela — disse Mary, baixinho.

— Deixou por minha conta! — exclamou lady Letícia, com uma piscadela. — Annabella, sua prima se casou hoje. Agora é a condessa Ramirez.

Os olhos da prima ficaram mais redondos ainda. Deu um gritinho, olhou para um e depois para outro, com a expressão que teria se encontrasse um leão. Pela primeira vez, Mary estava completamente feliz com seu casamento.

— M-mas - gaguejou Annabella, procurando as palavras. — Ele é apenas um instrutor de esgrima! Vão morrer de fome!

Que nada, minha filha. Eles vão para Woodbank e seu pai encontrará uma ocupação para o querido António. Sir Egbert tem muito bons relacionamentos. Alguma coisa no governo, talvez.

— Vão morar conosco? — A boca de Annabella abriu-se como a de um peixe. Voltou-se para Mary. — Esquisito, prima, você nunca falou de seu noivo. Não sabia que ia se casar hoje!

—Nem eu disse Mary, dando de ombros.

Lady Winter sabia que não adiantava esconder os detalhes daquela união. Até o cair da noite, todo o mundo estaria falando, e o criado Paul assistira a tudo. Sabia que a filha tagarelava com os criados e, com um ar de resignação, contou todo o caso, suavizando-o em favor de Mary e mencionando o grande desejo de lorde Ramirez em se casar com ela.

—Um escândalo. Ah, assim é diferente! — riu Annabella.

— Sim. E os dois têm de ser cuidadosos ao aparecerem em público, para que as línguas se calem. Já fez suas compras? Vamos para casa dar a notícia ao capitão e a seu pai.

O grupo saiu da loja, acompanhando lady Winter. Lorde Ramirez ofereceu o braço às duas jovens, coisa de que Mary não gostou, e saíram, em silêncio.

Mary entrou no quarto do pai na ponta dos pés. Pretendia dar-lhe a notícia com cuidado e teria de fazê-lo logo. O pai acompanhava pelos jornais o avanço de Wellington.

—Que diabo foi isso, filha? O que houve com seu vestido?

—Bom, papai. É meio complicado. Eu me casei.

—Quê?! — berrou o capitão. — Eu mato esse canalha!

—Não é nada disso! — Mary exclamou, envergonhada pelo pensamento dele.

O rosto do pai estava vermelho. Ela teria de continuar, mas já dissera o essencial. Da maneira mais simples, preparou-se para narrar os acontecimentos do dia.

Entenda, papai, ninguém mais se casaria comigo. Nós nos casamos para evitar um escândalo. Ele me garantiu que nosso casamento será só aparente. Vamos nos separar mais tarde.

—Você, numa briga em Tattersall! — Interrompeu o capitão, com raiva. Acalmou-se à medida que Mary contava a história, mas quando ela terminou, lamentou-se: — Crio uma filha com governanta, e o que adianta? Eu disse que não adiantava guardá-la como as jóias da coroa, Inez! — Trocou um olhar com o retrato. — Então, qual é o nome do cavalheiro que a tomou sem dote, sem um bom nome, sem nada? Instrutor de esgrima! Se eu soubesse que você voltaria casada... Não sabe que, pela lei, ele é o dono de sua fortuna?

— Mas eu não tenho nada! — lembrou Mary, rindo.

Sem dúvida, sua situação precária pesara muito na decisão de se casar. De uma coisa podia ter absoluta certeza: seu marido não era um caça-dotes.

—É... — concordou o pai, desconcertado. — Mas poderia ter...

—Ele é um cavalheiro espanhol... O senhor o encontrou na festa de lorde Holland, elè o ajudou a ir até a carruagem. É um conde empobrecido. Seu nome é

Antônio Ramirez y Mondego.

—Quê? — O capitão caiu sobre os travesseiros. — Um espanhol e, ainda por cima, dessa família! Só me faltava isso! — Fechou os olhos com uma expressão dolorida.

Mary correu para ele com medo de o pai ter desmaiado. O capitão abriu os olhos e encarou-a.

— Você entende como foi louca?

Isso ela entendia, mas não da maneira que seu pai dizia. Bateram à porta. Distraída, ela mandou entrar. Era lorde Ramirez.

— Espero não estar incomodando... Achei que devia vir. O que você tem para contar ao seu pai é tão importante que...

—Você! — O capitão se sentou na cama e olhou-o com ar assassino. — Pensa que foi esperto, não é? E logo um Ramirez! Minha filha e eu vamos agora para a cidade anular esse casamento. Troque de roupa, Mary!

Ergueu-se da cama, cambaleou e caiu. Mary e lorde Ramirez correram para ele.

—O que aconteceu? Vocês se conhecem?

—Eu conheço esse homem! — bufou o capitão, lutando com as mãos dos jovens. — Ele não vai ficar rico com este casamento, minha filha, pode estar certa disso.

Ele oscilava, parecendo atordoado, mas o braço forte do conde impediu que caísse.

—É a segunda vez que ajuda meu pai... — murmurou Mary. Chamaram uma criada e os dois puseram o capitão na cama.

O pai resmungava incoerentemente e ela não sabia se aquela espécie de delírio era verdadeiro ou não: verificara e ele não estava com febre.

—Desculpe o comportamento de meu pai — pediu, olhando firme para o marido. — Ele deve estar preocupado, pensando que se casou comigo por interesse. Se eu tivesse uma fortuna, poderia entender sua reação, mas como não tenho...

—Ele serviu na Espanha, talvez não goste do meu povo — disse lorde Ramirez.

—Não pode ser. Ele se casou com minha mãe, não é?

—Ah, sim, Inez de la Rosa. — O conde olhou para o retrato. — A mulher mais linda da Espanha, em sua época. Você se parece com ela.

—Não é verdade, e me recuso a aceitar suas lisonjas falsas! Ele viu que atingira um ponto fraco: na certa ela sempre desejara ser parecida com sua linda mãe, e, embora houvesse alguma semelhança, ela não conseguia vê-la.

—Quando papai voltar a si vou perguntar por que desconfia de você. Parece que ficou furioso com o seu sobrenome, mais do que ou tra coisa.

—O que posso dizer, minha querida? Há séculos minha família é respeitabilíssima. Você e seu pai podem perguntar a quem quiserem.

O rosto de Mary demonstrava insegurança, apesar de ela assentir.

— Então, vai pedir anulação do nosso casamento? — indagou ele, percebendo a expressão dela. — Acho que não vai ser tão simples.

Ela não soube o que responder. Se o pai ordenasse e ela pudesse anular o casamento, como poderia recusar? Por outro lado...

— Você é maior de idade. Pode continuar sendo minha esposa, se quiser — disse ele, docemente.

Mary observou o pai. Os olhos dele haviam brilhado ao ouvir aquilo ou fora impressão? Ficou confusa.

— Então, minha querida? — disse o lorde, sorrindo com suavidade. A entrada da criada ajudou-a a não responder. Precisava esquecer seus problemas e se concentrar nos do pai. Não queria dar nenhuma resposta agora. Lorde Ramirez inclinou-se e saiu do quarto, com um olhar enigmático.

Ela tratou de cuidar do pai. Não parecia tão doente, e suspeitou que ele estava fingindo.

— Ah, papai. Por que você fez esse escândalo?

Mas o capitão Winter permaneceu calado.

VII

Quando Mary entrou na sala de estar, naquela noite, depois de trocar de roupa, não ficou surpresa ao encontrar todos os olhos fixos nela. Mas chocou-se ao ver a sala cheia de gente. Esquecera-se de que os Winter ofereciam um jantar.

Fez-se silêncio quando ela parou à porta. Depois, um murmurinho encheu o ambiente. Respirou fundo e aproximou-se da tia, sentada perto da lareira. Sorriu para os convidados. Viu o pastor e a esposa, uma senhora opulenta, com as filhas, risonhas e o mestre de caça, lorde Burnham, dono de Hilltop House, a imensa propriedade vizinha à dos Winter.

Alguém parou a sua frente.

—Miss Winter, ah... quer dizer, lady Ramirez. Lady Winter estava nos contando que se casou hoje. Repentino, não? Nenhum de nós sabia que estava prometida.

Mary encarou o rosto vermelho de John St. Charles, a última conquista de Annabella. Já o conhecia.

—Sem dúvida, meu casamento foi inesperado — respondeu, olhando desconfiada para sir St. Charles.

Achava-o perfeito para a prima, o que não queria dizer que fosse favorável sua opinião a respeito dele, em cuja presença Annabella parecia pequena e magra. Com o cabelo cor de palha e bochechas vermelhas, era o tipo acabado do homem rude.

Mary sabia que lady Winter gostava dele e esperava que pedisse a mão da filha. Ele estragaria tudo se parecesse estar flertando com Mary, e Annabella veria qualquer atenção, por menor que fosse, como flerte.

Pensou que a situação de mulher casada a preservaria de galante-rias sociais, embora nunca as houvesse recebido antes. Como livrar-se daquele homem sem ser rude?

—Aposto que esse casamento deixou muitos jovens desiludidos, madame — falou sir St. Charles, com um largo sorriso.

O queixo de Mary quase caiu ao tentar responder. Sabia que a nenhum jovem do condado importava se ela estivesse viva ou morta. Se aquilo era galanteria, não gostou. Um elogio tinha pelo menos de ter aparência de verdade.

— Meu rapaz, aí está uma desilusão com a qual você tem de aprender a conviver — disse uma voz familiar.

Mary virou-se e viu lorde Ramirez, mais elegante e belo que nunca num traje de noite, com um suave sorriso no rosto. Comentou:

—Eu não sabia que o senhor já estava na sala...

—Acabei de entrar. Lady Winter teve a bondade de mandar buscar minhas coisas e esperei para me vestir. — Passou um braço pela cintura de Mary, inclinando-se para sir St. Charles. — Não se incomode. Não sou o tipo do marido que leva a mal um flerte inocente.

—Flerte! — Mary esforçou-se por se livrar do braço que a segurava firme. — Eu mal conheço este cavalheiro, sir!

—Lorde Ramirez, teve muita sorte estando no lugar certo, no momento certo... — disse sir St. Charles, rindo.

—Nosso casamento pode ter sido apressado pelos acontecimentos de hoje, mas eu já a conhecia há séculos, sabia?

—Devo acreditar que... — Sir St. Charles não acabou de falar, por que lady Winter e lorde Burnham o arrastaram dali, para saber sua opinião sobre cães de raça.

—Bem, minha querida — sussurrou lorde Ramirez ou ouvido de Mary —, você

nunca me disse que tinha um admirador.

—E não tenho. Ele é um dos flertes de minha prima.

—Quem é? Você não nos apresentou.

—E sir St. Charles, hóspede de lorde Burnham.

—Ah, então é o famoso sir St. Charles! — O conde olhou o rapaz de modo estranho.

—Famoso? Já ouviu falar dele? Acho-o um tipo muito comum. Ele gosta de cachorros e de Annabella, como quase todos os rapazes da vizinhança.

—Sua prima falou dele como um de seus mais devotados admiradores. Não ouviu a conversa dela na carruagem?

—Já ouvi muitas vezes — disse Mary com um sorriso. Olhou em volta e viu muitos olhares em sua direção. — Acho que preciso apresentá-lo a toda essa gente. Pelo que disse sir St. Charles, lady Winter já contou tudo, e tenho certeza de que ela não usou de muita delicadeza.

Bondade dela poupar-nos o trabalho, não acha? — Beijou a mão da esposa. — Leve-me ao matadouro. Vocês têm uma coleção incrível de vizinhos. Bem no estilo inglês. E todos parecem ansiosos por falar conosco.

Mary olhou-o irritada, achando que ele estava se divertindo com sua situação.

—Quero lhe dizer que a reação de meu pai ao nosso casamento me deixou inquieta. Tem certeza de que não pode explicar por que ele foi tão contra?

—Tenho. Entretanto, que pai gostaria de perder a filha tão de repente? Eu reagiria do mesmo jeito no lugar dele, mas sei que o capitão me receberá como filho quando entender nossa situação. Vamos com isso, então? Sua prima está parecendo um repolho rosa cercado por mato alto. Aquelas moças são tão magras! As mães não as deviam vestir de verde. Vamos deixar que elas sejam as primeiras a ouvir a história de Tattersall?

—Pode ficar certo de que já sabem. — Mary reprimiu a vontade de rir da descrição de Annabella e das Evans. — O que elas querem saber é por que um homem em seu juízo perfeito quis se casar comigo.

—Vamos mostrar-lhes, então! — E, para embaraço dela, beijou-a no rosto, o que aumentou o falatório dos convidados.

O resto da noite foi desagradável para Mary, dada a curiosidade dos convidados. Um jovem oficial, seu vizinho na mesa, a impedia de observar melhor o marido. Lorde Ramirez estava em frente a ela. Embora fosse galante com lady Stanhope, uma viúva surda, Annabella, do outro lado, monopolizou-lhe a atenção, ignorando o outro vizinho, o pastor.

—Deve ter um castelo na Espanha, sir — disse Annabella, com uma risada

afetada e batendo as pestanas.

— Sim, *senorita*, tenho. Às vezes penso se o verei de novo. Mary notou que ele não tirava os olhos do prato, resistindo aos ataques de Annabella, e respeitou-o por isso.

— Céus! E por que não vai lá para vê-lo?

— Porque, minha cara jovem, meu país está sob estado de sítio.

O conde pronunciou essas palavras entre os dentes, numa clara demonstração de revolta, mas Annabella nem reparou nisso. Mary passou a prestar mais atenção ainda no que o marido dizia.

— Um dia voltarei a minha terra, se o irmão de Bonaparte for expulso do trono da Espanha. Não imagina, miss Winter, o choque que foi para os espanhóis ver esse homem substituir nosso rei.

— Irmão de Bonaparte. Engraçado o monstro ter irmãos! — Foi o único comentário que Annabella soube fazer.

Sua completa falta de interesse no assunto era evidente. Ela e Mary já haviam escutado tudo aquilo das bocas de sir Egbert e do capitão. A conversa então girou sobre política, entre sir Egbert e lorde Ramirez. Annabella, entediada, resolveu mudar o tema da conversa.

— Conde Ramirez! Não sabia que era uma pessoa tão prosaica. Há coisas mais atraentes para se falar.

Mary sentiu-se culpada por erguer as sobrancelhas ao ouvir aquilo. O conde reagiu da mesma forma. Seus olhos se encontraram. Assim mesmo, ele continuou falando com Annabella.

— Logo nosso rei Fernando voltará ao trono. Terá de aceitar a Constituição de Cádiz e a Espanha verá tempos melhores. Vamos vencer, miss Winter.

— Diga-me, senhor — indagou Annabella, desinteressada dessas coisas maçantes —, o que acha do meu vestido?

Lorde Ramirez sorriu para Mary e respondeu à prima que achava seu traje rosa-escuro muito chamativo.

Quando a família ficou só, Mary pôde avaliar o que o tio pensara sobre os acontecimentos do dia. Não esperava que ele tivesse uma boa opinião. Evitara seu olhar no jantar, o que não foi difícil, porque ele quase não tirara os olhos do prato, mantendo-se em silêncio o tempo todo. Foi lady Winter quem tocou no assunto.

— Então, sir Egbert, o que acha do que aconteceu a Mary? Eu lidei muito bem com tudo, não foi? Condessa em um dia. Palavra, nenhuma casamenteira teve tanto sucesso!

—É meio incomum — disse sir Egbert, olhando para Mary. — Mas resolveu sua vida, sobrinha. O jovem Ramirez é uma pessoa decente. E mesmo que você não goste dele, muitos casamentos de conveniência acabam sendo felizes...

—O nosso foi arranjado. Eu nunca tinha visto sir Egbert antes de ele pedir minha mão — disse lady Letícia.

— E um bom exemplo para nós — sorriu lorde Ramirez. Mary tremeu. Ele sorria para ela com um ar inocente. Havia algo em seus olhos: poderia ser um falso amor de esposo? Não entendia por que sir Egbert achava Ramirez "decente".

— Estou tão confusa — disse Mary ao tio, como em busca de apoio.

— Claro que sim, minha querida — concordou ele. — Um pouco pela reação de meu irmão, acredito. Meu criado contou. Não entendo como os criados sabem de tudo. Guarde minhas palavras, seu pai vai mudar de ideia.

Mary nunca ouvira o tio falar tanto. Olhou-o, surpreendida. Parecia que todo mundo estava na defesa de lorde Antônio Ramirez.

—Claro — interferiu lady Winter —, ele não é louco. E uma filha condessa, sem que ele tenha feito nada! Dê-lhe dois ou três dias, Mary, e ele achará esse casamento uma bênção. Antes que me esqueça, querida, suas coisas foram levadas para os Aposentos da Rainha.

—Por quê? — perguntou ela, surpresa.

—Quê? Mary tem um quarto ótimo, mamãe! — revoltou-se a prima.

—Não para uma senhora casada. E pare de grasnar, Annabella. Se você voltasse para casa com um marido, eu mudaria suas coisas para lá. É uma tradição para as noivas da família.

Os olhos de Annabella fuzilaram de ódio. Mary ia ocupar os Aposentos da Rainha! Tinham esse nome porque a boa rainha Bess costumava se hospedar em Woodbank Hall quando viajava para o interior, na primeira etapa da viagem, e lhe eram oferecidos sempre aqueles aposentos, os melhores da mansão.

Sir Egbert tossiu e cochichou alguma coisa para a esposa, que concordou:

—Ah, sim. Claro! — Ela apontou um dedo para Mary. — Você vai subir comigo primeiro. Seu marido poderá subir daqui a pouco. Annabella, faça as honras da casa para seu primo.

—Claro, mamãe — sibilou ela, e imediatamente recomeçou o flerte com lorde Ramirez.

Mary recebeu um boa-noite caloroso do tio, um aceno contrariado de cabeça da prima, um olhar provocador do marido e acompanhou a tia. Temia adivinhar

por que a tia a convidara.

Lady Winter levou-a para os Aposentos da Rainha.

—Volto daqui a pouco, minha querida. Tenho de ir buscar uma coisa.

—Está bem, tia — disse Mary, aliviada.

Talvez lady Letícia tivesse decidido adiar o discurso sobre a noite de núpcias.

Olhou a sua volta. Já conhecia aqueles aposentos, mas nunca pensara usá-los. Andou por todos os cantos. Primeiro foi ao amplo quarto de dormir, com tapeçarias e uma enorme cama histórica, com dossel de brocado escarlate. Havia um retrato da rainha Bess sobre a lareira e tapetes persas no chão.

Depois, vinha uma sala de estar decorada com uma cadeira que mais parecia um trono e outras menores à volta. As paredes tinham cabeças de animais e armas. Havia uma pequena alcova que poderia servir como quarto de dormir de cavalheiro. Tinha uma coleção de baús e arcas. Seria ali, então, que lorde Ramirez iria dormir. Voltou à antecâmara e encontrou lady Winter.

— Você está aí, querida! Vamos para o quarto, precisamos conversar. Mary reprimiu a vontade de rir e seguiu a tia. Trazia nas mãos uma peça de roupa branca, e o andar quase militar demonstrava seu nervosismo.

Sentaram-se perto do fogo aceso na lareira. A tia pigarreou, sem jeito, coisa que não combinava com ela.

— Bem, Mary, há anos sua mãe morreu... — começou, insegura. Mary não pôde aguentar mais. Nunca vira a tia mudar de cor, como acontecia naquele momento. Sentiu até pena.

—Ah, querida tia, isso não é necessário. Antes de morrer minha mãe me falou tudo sobre homens e mulheres.

—Mesmo? — lady Winter ficou animada. — E ela falou sobre casamento, cama e tudo?

—Sim — disse Mary com um sorriso, se lembrando bem da conversa.

Ela ficara scandalizada, certa de que a mãe estava errada quanto à mecânica do assunto: *doiía* Inez insistira em que o amor espiritual era o mais importante no casamento, mas deixara claro que o lado físico também era importante e menos deselegante do que sua explicação poderia indicar.

—Bem. — O largo e aliviado sorriso da tia quase a fez rir. — Seu tio achou que alguém deveria aconselhá-la, mas ainda bem que sua mãe já o fez. Agora vou lhe dar uma coisa e vou embora. — Entregou-lhe a peça branca que trouxera e Mary viu que era uma camisola de linho, abotoada até o pescoço, amarelada pelo tempo. — Foi minha camisola do dia, com sir Egbert. Vou ajudá-la a vestir, para

dar sorte.

—Ah, obrigada, tia! — agradeceu, de olhos baixos.

Controlou o riso de novo e, enquanto vestia o enorme saco de linho, desajeitado, achou que era seu maior aliado para sua determinação de continuar donzela e casta naquela noite. Como teria sido a noite de núpcias de sua tia?

— Boa noite, sobrinha, e comporte-se — foi o conselho de lady Letícia, que, muito vermelha, saiu do quarto como se fugisse.

Mary, finalmente, começou a rir. Depois aproximou-se do espelho e deu uma boa olhada. Duvidava que lorde Ramirez entrasse no quarto, já que prometera não exigir seus direitos de marido. Talvez viesse só para lhe dar boa noite. E o que ele veria? Era o que desejava conferir, examinando-se com atenção.

Seu rosto estava pálido e ela beliscou as bochechas. Rapidamente soltou os cabelos, que caíram pelas costas, até a cintura. Ainda não parecia uma noiva à espera do noivo e nem estava se esforçando para isso. Só queria apresentar uma aparência mais bonita. Ouviu alguém bater. Mandou entrar.

Saiu da frente do espelho, tentando fazer os joelhos pararem de tremer. Tanto poderia ser o conde quanto uma criada de quarto, já que ela estava nos Aposentos da Rainha.

Mas era lorde Ramirez. Um homem desconcertante, ainda mais bonito vestindo um roupão de seda escura e, pelo que o olhar scandalizado dela pôde concluir, nada mais além dos chinelos. Aproximou-se e segurou-lhe as mãos, antes que ela seguisse o instinto natural de fugir.

— Não tenha medo, minha querida. Vim só para conversar. Posso lhe dizer que está linda com os cabelos soltos?

Mary estava em guarda. Esperava ou pensava que ele iria dizer aquilo. Mas Ramirez achava isso mesmo, ou estava lisonjeando apenas? Ela, que nunca fora chamada de linda, a não ser pela mãe, acreditava que não poderia inspirar aquele tipo de admiração num homem.

—*Senor*, por favor, não... — gaguejou, aflita.

—Minha querida, não acha que pode me chamar António? Estamos casados.

—Bem, pode me chamar Mary, mas não estamos realmente casados. Quer dizer — acrescentou depressa, lembrando-se do que o pastor dissera —, estamos, mas concordamos em não fazer nada sobre... Ah, meu Deus! Você não veio aqui para...

Ficou vermelha. Se estivesse se olhando no espelho, veria que ficava ainda mais bonita corada. O conde segurou-lhe as mãos e a fez encará-lo: havia bondade e

profunda ternura nos olhos dele.

— Roubar sua virtude? — Ele sorriu, beijou-lhe as mãos e soltou-as. — Não. Vim aqui para garantir a você que continua solteira. Talvez eu possa ser seu cavaleiro andante, em busca de feitos gloriosos para ofertar-lhe, sem pedir sequer um simples beijo...

Mary percebeu em suas palavras a influência de Don Quixote e seu cavalheirismo, cuja história adorava quando criança. Ainda sonhava com seus personagens favoritos. Jamais ouvira alguém falar de maneira tão extravagante e sabia que era brincadeira. Apesar do desejo de se manter distante, ela sorriu.

- Sir António — disse ela, séria —, não devia falar assim. Fizemos um casamento de conveniência. Se eu fosse o senhor, não acharia correto ficar aqui em Woodbank Hall, mas a escolha é sua. Não precisa me cortejar. Eu sei que não sou o tipo de mulher que inspira tais frases. Ele olhou-a fixamente, como se a visse pela primeira vez.

—Não quer ter um cavaleiro?

—Não — disse Mary, o mais seriamente que pôde.

—A verdade, minha querida, é que você não esperava encontrar um cavaleiro às suas ordens. Agora tem um, queira ou não.

Ela ficou embaraçada e calou-se. Teve medo de que seu desprezo pelos galanteios se tornasse um desafio para aquele homem, que devia estar acostumado com as mulheres aos seus pés.

— Minha querida, precisa dormir, mesmo nessa cama que parece um navio — comentou ele, depois de um longo silêncio. — Vou deixá-la.

O rapaz parecia sentir que ela queria lhe dizer algo mais e esperou um momento, enquanto Mary o olhava, confusa. Finalmente virou-se para sair.

— Espere! — exclamou ela, nervosa.

Ele se voltou, os olhos traindo o riso e algo mais que Mary não conseguiu identificar. Forçou a voz a ficar firme ao falar:

—Quero saber se tem um lugar confortável para dormir. Estava sendo simplesmente bem-educada, pensou ela, e assim não indicava que examinara os aposentos dele, antes.

—Ah, sim, uma sala de vestir e uma alcova confortável, com cama estreita, adequada para um monge! Tudo de primeiríssima qualidade. Não precisa se preocupar comigo, é muita bondade sua. — Um sorriso levemente irônico surgiu-lhe nos lábios, enquanto ele a olhava de alto a baixo, mais atrevidamente do que nunca.

—Bem, se acha que vai ficar bem quente, *senor* — disse, baixando os olhos.

—Não tanto quanto eu gostaria, mas paciência... Eu ouvi um *señor*l Antônio, por favor. Como seu marido, eu ordeno.

—Antônio — sussurrou Mary e, de repente, desejou que eles estivessem bem perto um do outro, abraçados e...

—Muito bem. E agora vamos selar nosso pacto de celibato, minha cara esposa? Parecia uma boa sugestão. Mary estendeu a mão.

Lorde Ramirez ignorou-a e aproximou-se. Ela encontrou-se envolvida em seus braços, cercada pela sensação de seda farfalhando quando o roupão e a camisola de linho de tocaram. Sentiu o calor de sua pele e, por fim, o toque de seus lábios. Sempre achara que não saberia o que fazer num momento como aquele. Mas sua boca tímida se abriu naturalmente, por um instante, e depois ela se afastou.

—Foi esse o pacto de celibato? — perguntou, com um tremor na voz. Olhando para o chão e sentindo o sangue subir-lhe ao rosto ou tra vez.

—Não é a nossa noite de núpcias? — foi a resposta enigmática do marido.

Ele beijou-lhe a testa, ergueu-lhe o rosto para outro leve beijo nos lábios e se foi.

Mary passou a noite de núpcias nos braços do marido.

Só que o alucinante encontro apaixonado aconteceu apenas em seus pensamentos e sonhos.

VIII

—Você tem certeza?! — perguntou Annabella, agitada. Olhava para a carinha de coelho assustado da criadinha, avaliando sua honestidade. Estava tudo bem subornar a criadagem, mas como confiar em alguém com tantas dúvidas em relatar os fatos corretamente?

—Pela minha vida, miss Winter! — disse a criada, fazendo uma reverência. — Os lençóis não foram usados para nada a não ser dormir.

—Obrigada, Jenny. Pode ir.

A criada fez outra reverência, apanhou o urinol que Annabella quebrara de propósito para chamá-la e saiu.

A moça sentou-se na cama, rindo. Então, a prima Mary não se tornara mulher na noite de núpcias!

— Eu sabia que um homem daquele não poderia casar com aquele ratinho por desejá-la! — exclamou, com satisfação. Cerrou as sobrancelhas. — O único problema é: por quê?

Não podia conseguir a resposta interrogando os criados e decidiu que o melhor para satisfazer sua curiosidade seria ganhar a confiança de lorde Ramirez. Uma

vez que ele estivesse em seu poder, quem sabe quantos segredos lhe contaria? O pobre rapaz deveria ter uma razão para se casar com a sem graça da prima e Annabella conhecia meios agradáveis de descobri-la.

Assim, chamou a criada de quarto e vestiu-se da forma mais cuidadosa possível. Quando desceu, perguntou se o conde Ramirez ainda dormia.

O mordomo informou que o cavalheiro fora a Londres logo pela manhã. Por causa de uma aula de esgrima, completou o homem, com ar de desprezo.

Ela não fez comentários, mas sua expressão revelava decepção. Como ele podia ter feito isso, deixando-a ali, toda enfeitada, sem ninguém para admirá-la? Já que levantara, resolveu tomar café. A única pessoa que encontrou na sala foi Mary.

— Você está pálida e abatida, querida! — comentou, enquanto se servia, no aparador. — Que coisa, está tudo frio!

—Ninguém a esperava agora... — disse Mary, ignorando o comentário sobre sua aparência. — Você sempre toma o café na cama.

—Na manhã seguinte ao casamento de minha prima? — Sentou-se à mesa, em frente de Mary. — Onde está seu marido?

—Eu não sei. E acho que...

E não via razão para saber. Ela e lorde Ramirez não tinham de ficar a par dos movimentos mútuos e ia dizer isso, quando Annabella interrompeu, rindo:

— Eu sei. Ele foi a Londres dar uma aula de esgrima.

Houve uma pausa. Mary pareceu vagamente contrariada e Annabella pensou, feliz, que sua jogada funcionara. A prima acreditara que o conde lhe dissera aonde ia. Já era um começo.

— Ah, sim. Ele disse que continuaria a trabalhar — comentou Mary, desejando ter levantado à hora de sempre.

Bem que podia ter visto Ramirez, antes de ele sair, pensou. Mas acordara uma hora mais tarde quando Jenny, a criada, derrubara algo pesado. Ela se desculpara por acordar a miss, não... a milady. Correria para a cama assim que Mary se levantara, levando-a a pensar que era uma empregada tão inexperiente quanto ela, como recém-casada. Se não fosse por sua interrupção, teria dormido horas. Passara a noite em claro, virando-se na cama, pensando nos beijos e no homem que estava no quarto contíguo. E nos momentos que dormira, sonhara com ele.

Olhou para Annabella. Ela estava mais vestida para uma festa do que para uma manhã aborrecida em casa. Não usaria tanta renda e laço se tivesse o corpo da prima. Imaginou se não pensava desse modo por inveja, pois estava com o vestido preto de sempre, já bem usado, até gasto atrás por causa disso.

Sentiu uma ponta de ciúme ao pensar que Annabella, com aquele vestido lindo, havia conversado com lorde Ramirez. A atrevida se levantaria todos os dias com os pássaros, agora que havia alguém com quem flertar na casa. Ora, que se divertissem! Sentia-se acima de tudo aquilo e não se importava...

—Sabe — disse Annabella, falando com a boca cheia, coisa que não faria se houvesse algum cavalheiro por perto. — Eu fiquei perplexa com o seu casamento, mas, pensando bem, acabei percebendo que é uma boa coisa.

—É? — fez Mary, indiferente.

—Primeiro, porque assim você não precisa ser apresentada à sociedade. Mamãe ia forçá-la a procurar um marido e agora não precisa mais. Ela disse que você e lorde Ramirez deviam ser vistos juntos, mas só estava pensando. Por que chamar a atenção para um casamento tão... incomum? É muito melhor assim. Você fica quietinha aqui, seu marido cuida da vida dele e ficamos todos muito bem.

Principalmente você!, pensou Mary. Annabella não queria que nada a ofusasse, ainda mais um exótico par de recém-casados. Por mais que quisesse brilhar, ela era apenas a filha solteira de um baronete.

Sentiu alívio quando pensou que não estava naquela posição desagradável de caçar um marido. Quando aparecesse em sociedade pelo braço do conde Ramirez, poderia não ser admirada pela beleza, mas ao menos não seria ignorada.

—Por acaso, pensou em me emprestar o colar? — indagou a prima, fingindo-se distraída. — Francamente, Mary, você já tem um marido e não pode me culpar por querer aparecer o melhor possível para agarrar um homem de acordo. Diga que posso usá-lo no baile de caça à raposa!

—Não empresto meu colar, prima — respondeu ela, com a voz muito doce. — Já lhe disse isso e não mudei de ideia.

Annabella parecia um cachorro com um osso. Quando queria uma coisa, nada a demovia. Mas dessa vez ela seria contrariada, pensou Mary, gozando a decepção no rosto da prima.

Alguém com a pele rosada como Annabella jamais deveria se vestir naquele tom cereja. Ficava-lhe tão mal!

No fim da tarde, Mary soube por uma criada que o pai perguntara por ela. Tratou de ir vê-lo, imediatamente.

O capitão estava recostado nos travesseiros e parecia bem animado. Assim que viu a filha, ele foi dizendo, ansioso:

—Você não estragou tudo ontem, filha, tornando a anulação impossível?

—Papai! — Mary olhou para o criado que acabava de fechar a porta e que sem dúvida ouvira. — Que bom que está se sentindo melhor!

—Responda, filha!

—Já se esqueceu de que lorde Ramirez e eu combinamos ter um casamento platônico? E assim está sendo — disse Mary, corando ao lembrar do beijo que selara o pacto.

Aquela sua tendência a corar teria de acabar! Era uma condessa...

— Já é alguma coisa — suspirou o capitão, mais calmo. — Agora, Preste muita atenção. Fiquei preocupado quando soube que você ha via se casado.

—Também fiquei preocupada com você, papai! O médico disse que teria de ficar em repouso mais uma semana e eu sei que ele achou garrafas de *brandy* debaixo de sua cama. Não foi à toa que ele se aborreceu. Sabe que só devia tomar vinho com água até ficar bom.

—Pare de mudar de assunto — disse o capitão, exasperado. — Eu tento avisá-la e você vem com essa conversa de *brandy*. As criadas devem ter escondido as garrafas debaixo da cama. Não se pode confiar em criados ingleses!

—Quer me avisar do quê, papai?

—Aquele sujeito, Ramirez. Olhe, ele não é o que parece ser.

—Não? Mas ele é um conde. Lorde Holland testemunhou por ele. O capitão praguejou antes de responder:

—Não estou dizendo que ele não venha de uma das famílias mais antigas de Castela. Ele é conde, sim. Isso não quer dizer que ele esteja fazendo jogo limpo.

—Que tipo de jogo, papai?

O pai não dava informações concretas, falava em aviso, em coisas vagas. Ela achou que era apenas ciúme paterno.

— Ainda não sei que jogo é, mas vou descobrir logo — disse o capitão, quase confirmando a suspeita de Mary de que não tinha motivo, mesmo. — Guarde suas coisas de valor, principalmente o colar de sua mãe.

— Meu colar! — indignou-se a moça. — Papai, você ofendeu meu marido! Não acho que ele seja um ladrão de jóias. E sabe que eu sempre cuido muito bem do colar.

—Ótimo — disse o capitão. — Veja se não acredita em tudo o que ele disser. Ramirez pode tirar seu colar sem você perceber. Lembre-se do que lhe ensinei. Não se deve confiar nos homens. Eu sei, porque sou um deles.

Mary suspirou. Ninguém sabia melhor do que ela que os ensinamentos do pai haviam criado raízes. Desconfiava facilmente das pessoas, mais ainda dos homens. Achava que os constantes avisos do capitão destinavam-se a preservá-la, porque era jovem e vivia numa situação insegura. *Dona Inez* tentara suavizar as coisas, fazendo Mary lembrar-se de que havia muita gente honesta. No entanto,

até aquele momento vira mais exemplos de pessoas que confirmavam as afirmativas de seu pai. E o capitão vivia lhe dizendo para não confiar em ninguém.

- Gostaria que explicasse sua aversão por ele, papai. Não tem o direito de me dizer para desconfiar de lorde Ramirez e esconder minhas jóias, sem me dizer por quê.

Mas a cabeça do capitão Winter desapareceu embaixo da colcha. Mary fez mais algumas perguntas e concluiu que a entrevista terminara quando ouviu roncões abafados.

Estava convencida de que o pai não podia ter nada contra António. Apesar ou talvez até por causa do aviso do capitão, ela resolveu confiar totalmente no homem com quem se casara.

Quando se vestia para o jantar, aquela noite, Mary teve, de repente, vontade de ver o colar, motivo de tanta conversa nos últimos dias. Estendeu um pedaço de seda branca sobre a colcha e despejou o conteúdo de um envelope: alguns brincos, braceletes e outras jóias sem valor.

As pedras vermelhas do colar de granadas eram montadas em ouro. O fecho quadrado trazia uma enorme granada cercada por minúsculas pérolas. Mary pegou o colar e lembrou como sua mãe ficava linda com ele. Era uma jóia tão bonita que se tornava difícil aceitar que as granadas eram pedras semi-preciosas e que seu grande valor residia no fato de ser uma peça antiga. A família De la Rosa tinha esse colar desde o século dezesseis.

Mary não podia usá-lo essa noite: as granadas não combinavam com o vestido de musselina cor de lavanda e pareceriam absurdas nos vestidos mais sóbrios. Mas colocou-o no pescoço e olhou-se ao espelho. Por que esse colar provocava tanta preocupação? Por que parecia haver um mistério em torno dele?

Certa vez perguntara isso à mãe e ela respondera que era melhor que não soubesse. Um dia saberia. Alguém lhe diria. Até lá, que cuidasse bem dele. E ela prometera cuidar.

Em geral, não pensava nele todos os dias, mas ultimamente dera para pensar no que a mãe dissera.

Assustou-se com o bater de uma porta e logo depois Annabella entrou, toda enfeitada, sem pedir licença.

— Ah! — disse, vendo Mary. — Pensei que você estivesse na sala de estar, prima, e queria pegar emprestado... um pedaço de fita. Não se preocupe, eu sei onde está.

Abriu uma gaveta e tirou um pedaço de fita de veludo meio ao acaso.

Mary ainda não se acostumara à maneira como ela dispunha de suas coisas,

mexendo em tudo, como se fosse a dona. Isso a irritava. Annabella, então, resmungou e ia sair, mas parou, avaliando Mary com o olhar, detendo-se no pescoço.

Ah! Aí está o colar...

Mary pôs a mão sobre ele. Devia ter tido a esperteza de tirá-lo assim que Annabella entrara.

A prima correu para junto dela, erguendo a mão para tocar nas pedras. Mary recuou, mas era tarde. Os dedos de Annabella fecharam-se ao redor do colar.

— Ah, é tão lindo! Por favor, prima, posso experimentá-lo? Me deixe, sim?

Mary não tinha motivo para recusar um pedido tão inocente, mas não queria concordar, mesmo sem saber por quê.

—As pérolas que está usando são muito mais lindas e eu já ia guardá-lo.

—Ora, pérolas! Posso experimentar as granadas? Por favor? — insistiu e, pelo jeito, não ia desistir.

Mary deu-lhe o colar e ficou olhando enquanto Annabella o experimentava, em frente ao espelho. As granadas pareceram pobres perto das duas voltas de pérolas da prima. Teve vontade de dizer que as granadas não combinavam com a pele dela, mas não o fez.

—Agora vou guardá-lo, se não se importa — disse, depois de um momento de tensão.

—Você vai colocá-lo no seu porta-jóias, não? Todo cuidado é pouco, você sabe, com essas coisas de valor...

Mary não respondeu. Nem guardou o colar enquanto Annabella não se retirou.

— Burrinha! — exclamou, então, enquanto guardava o envelope em outro lugar, mais seguro. — Esta foi a única vez que você usou meu colar!

Quando saiu do quarto, encontrou lorde Ramirez no corredor.

—Ah, eis você, afinal! Eu ia bater, mas não quis incomodá-la. Vamos descer?

—Estava me esperando? — perguntou ela, lisonjeada.

—Claro. Não devemos parecer um casal unido? Hoje é o primeiro dia depois de nosso casamento, lembra-se?

Sua voz soava tão insinuante como quando a informara de que a noite anterior era a noite de núpcias deles... antes de beijá-la. Tratou de controlar as emoções e deu o braço ao marido.

—Antônio — disse, quando desciam a escada —, acha que vai gostar daqui? Ou prefere voltar para Londres?

—Acho que sua tia vai ser contra você morar no Albany.

Eu... eu não falei de mim.

Mary! Você já quer a separação?

Parou e levou a mão livre ao peito, de forma dramática. Mary riu e apertou o braço dele, num gesto quase íntimo.

—Sir, o senhor é incorrigível! Eu sei que foi a Londres hoje. — "Embora não tivesse ficado sabendo por você", acrescentou, silenciosamente, — Pensei que, se pretende fazer tantas viagens, seria melhor que morasse lá.

—A distância não é nada. Sua tia insistiu em emprestar-me um cavalo marchador de primeira, como ela diz, e corri como o vento. Meu cavalo está emprestado a um amigo, mas ele vai devolver logo. Assim, não precisarei mais da caridade dessa dama tão maravilhosa.

—Pretende viajar todos os dias?

—Não. Duas ou três vezes por semana, tenho aula o dia inteiro. Mas posso coordenar minhas aulas conforme melhor lhe convier, minha querida. Quer que eu passe mais tempo ao seu lado? Será que posso ousar pensar que é isso?

Mary não sabia o que dizer. Então, entraram na sala de estar e ela não precisou responder.

Mãe e filha estavam perto do fogo. Ambas muito bem vestidas, embora essa noite não houvesse convidados. Mary achou que tudo aquilo era inspirado pelo conde que viera morar ali. Desejou que seu vestido fosse mais especial, mais bonito.

Tia Letícia usava um lindo vestido verde e Mack encontrava-se sentado aos seus pés. Annabella estava de azul, com um grande decote. As duas discutiam a mania desta de deixar aberta a porta do canil. De repente ela notou os recém-casados e voltou todo seu charme para Ramirez.

Mary, chamada pela tia, ficou aborrecida pela tática espalhafatosa da prima. Enquanto ela falava com lady Winter, Annabella levou Ramirez para perto do piano. Os dois, rindo e conversando, começaram a olhar as partituras.

— Ah, primo Tony! — guinchou Annabella, mais alto do que o habitual. — Vou ficar encantada!

Primo Tony? Mary virou,a cabeça num movimento rápido.

— Não faça cara de quem chupou um limão, menina, a outra só está se exibindo — foi o conselho sábio da tia. — Você sabe como ela é. Os homens não a levam,a sério... É uma pena. Espero que esse St. Charles corresponda à expectativa.

Primo Tony?, pensou Mary, carrancuda. Ele pedira que o chamasse António e ela ficara emocionada. Isso fora antes de ele permitir à intragável prima que usasse aquele diminutivo inglês, carinhoso. Ficou furiosa.

—Sabe de uma coisa, Mary, minha filha? Você já está gostando do rapaz — disse lady Winter. — Eu sabia que seria assim.

—Não, tia, só estou me sentindo um pouco mal — disse Mary, e era verdade.

Poucas coisas a teriam deixado mais doente do que ver Annabella em ação de caça, tendo seu marido como presa.

—Espere até ele ouvi-la cantar — disse a tia. — Está se preocupando demais, filha. Ele se casou com você, não foi?

Mary não podia contradizê-la. Desejou ter trazido o bordado para se esconder atrás dele. Seu ar era tão triste que lady Winter tentou distraí-la com a promessa de outra visita ao canil. Quando fora, da outra vez, ela ficara encantada.

Annabella começou a cantar. Mary, que tinha boa voz e cantava bem, não teve o que invejar. A voz da prima era aguda demais e a afinação ruim. Ramirez virava as páginas da partitura, pacientemente. Sorria, solícito, sempre que Annabella olhava para ele, o que era frequente. O fato de ela se perder a cada vez que ele fazia isso, e o "querido primo Tony" ter de lhe mostrar o ponto certo na partitura, pouco ajudou para melhorar o ânimo de Mary.

Sir Egbert entrou acompanhado pelo mordomo, que anunciou o jantar. O grupo se reorganizou. Lady Wiister mandou que lorde Ramirez conduzisse a esposa, e Annabella foi derrotada dessa vez. Mas como estavam em família, a prima continuou a praticar seus truques durante todo o jantar, flertando, fazendo comentários íntimos e lançando olhares para ele, com dardos de Cupido.

—Pelo amor de Deus, deixe o rapai comer sossegado! — explodiu lady Winter, como se fizesse eco do pensamento de Mary.

Annabella caiu num silêncio pesado, e o conde, para a perplexidade de Mary, olhou-a com ar cúmplice.

—Parece que você está participando de uma piada — cochichou Mary, com cuidado para os demais não ouvirem.

—E não acha que é uma piada mulo boa? Sua prima é uma mocinha esquisita — foi a resposta dele, com um amplo sorriso.

Mary sentiu-se muito melhor. Percebeu que Ramirez não caíra na rede da prima. Ela gostaria de repreendê-lo por ter fingido que caíra. Mas resolveu não fazê-lo.

Annabella, ao ver os recém-casados conversando, saiu de seu amuo e recapturou a atenção do "primo Tony", demonstrando, assim, que não desistira da caçada.

Quando, terminado o jantar, todos foram para a sala de estar, lorde Ramirez ficou junto de Mary e ela imediatamente perguntou:

—Que história é essa de flertar com minha prima?

—É melhor você perguntar a ela que história é essa de flertar comigo. Sou um

homem casado. — Virou-se para Annabella, que se aproximara. — Prima, é um prazer vê-la, mas preciso falar com minha esposa.

O rosto de Annabella mostrou incredulidade, mas rapidamente ela recolocou a máscara sorridente e disse:

— Mas claro! Eu o espero no piano, primo Tony. Sabe que prometice cantar mais um pouco para você.

Teria visto um leve estremecimento nos largos ombros do marido?, pensou Mary, observando sua reação.

—Precisa falar comigo, sir? Que surpresa! — disse, então, com certo sarcasmo. — Odiaria afastá-lo do canto melodioso de Annabella. Por que não corre para o piano, agora mesmo?

—Não tenho nada para falar com você, minha querida. Simplesmente quero um momento a sós, nosso apenas, já que parece que serei de novo escravizado por sua prima.

—Já pensou em dizer *não* a ela? Por que não experimenta?

—Seria muito rude! Tanto para a mãe quanto para ela, e eu sou hóspede nesta casa. E este o preço por aceitar caridade...

—Foi você quem escolheu. Pode voltar para Londres quando quiser, eu não vou impedir — disse Mary, irritada.

Não estava satisfeita com a explicação. Nada obrigava o convidado mais refinado a aceitar um flerte!

O conde olhou-a com carinho, ou, pelo menos, assim pareceu a ela, que começou a amolecer, mas ficou rija ao ouvir o que ele dizia:

— Minha querida, que delícia o seu ciúme! Ele me dá esperanças para o futuro.

Mary baixou os olhos, encabulada e furiosa. Não disse mais nada, disposta a não se expor mais ainda.

Annabella estava mesmo decidida a não abandonar sua conquista. Voltou para perto deles com as mãos cheias de partituras. Quando falou, parecia um pássaro gorjeando:

— Primo Tony, vamos continuar, está ficando tarde. Ajude-me a escolher alguma coisa para cantar.

Sentou-se entre os dois e Mary levantou-se imediatamente, sentindo que explodiria se ficasse perto deles.

—Fique aqui, Mary — disse Annabella, sem sinceridade, olhando para lorde Ramirez com os olhos brilhantes.

—Etí nem sonharia atrapalhá-los — disse ela, com a maior doçura, enquanto os

olhos negros faiscavam, ameaçadores.

Parou para ver uns livros, sem conseguir ler os títulos, tentando ouvir a conversa dos dois.

— Você nem me disse ainda se gosta do meu vestido novo — falou Annabella, num tom de repreensão.

Enquanto outras pessoas esperavam um elogio, ela os pedia. Na noite anterior pedira a opinião de lorde Ramirez sobre sua roupa...

— Ah, é novo? — a voz suave dele parecia tudo, menos sincera. Mary começou a perceber que seus galanteios para com a prima só eram motivo de divertimento, talvez com um traço de tédio. Um homem da inteligência dele não podia levar aquela cabecinha oca a sério. E ele mesmo dissera que ela era esquisita.

— A cor é perfeita para você, prima — elogiou ele, afinal, resolvendo o impasse de modo cavalheiresco.

— Ah, devo admitir que há pessoas que concordam com você. O sr. St. Charles disse que esta cor realça meus olhos — arrulhou ela.

A conversa degenerou para uma discussão sobre o guarda-roupa de Annabella, adiando a cantoria. Mary pegou um volume de poesia, mas não sabia dizer se os versos eram do papa ou de Shakespeare, pois tentava controlar o ciúme que o marido mencionara e que ela se negava a admitir.

O mordomo, Shaldon, inclinou-se diante dela. Trazia uma salva de prata com um envelope.

— É para a senhora, madame. Foi entregue agora.

Mary olhou a carta, perplexa. Jamais recebera qualquer mensagem na casa do tio. "Miss Winter", estava escrito no envelope. Mary quebrou o selo e desdobrou o papel.

Alguém escrevera numa letra alongada: "Preciso vê-la. Acho que sabe por quê". Os olhos de Mary se arregalaram quando viu a assinatura: St. Charles, o namorado de Annabella!

O mordomo já deixara a sala. Uma vez Mary ouvira-o discutindo com a governanta sobre quem era miss Winter, uma vez que havia duas com o mesmo sobrenome na casa. Os criados apelaram para Mary, mas ele não soubera o que lhes dizer. Shaldon, naturalmente, se esquecera de que a filha do capitão Winter tinha agora outro título e a confusão estava aí.

Mary pensou por um momento que a mensagem poderia ser para ela. St. Charles não a denominara miss "Winter" no dia de seu casamento? E não flertará com ela desavergonhadamente por algum motivo desconhecido? Entretanto,

lembrou-se de como António pusera fim às atenções do atrevido e duvidava que aquele homem voltasse a lhe dirigir galanteios.

Não. Tinha certeza de que o bilhete era para Annabella e, mais ainda, isso podia indicar que ele pretendia pedir sua prima em casamento.

O que fazer agora? Não ficava bem Annabella receber bilhetes de homens. Mary poderia enfrentar a prima e se arriscar a uma cena ou poderia entregá-lo à tia e se tornar uma criatura desprezível, uma leva-e-traz.

Poderia também falar com St. Charles na primeira oportunidade e avisá-lo para não ter encontros clandestinos com Annabella. Embora a ideia de fazer tal coisa a desgostasse, decidiu que seria a mais prática. Resolveu agir assim logo que as circunstâncias pusessem St. Charles em seu caminho.

IX

Muito tempo passaria antes que Mary pudesse agir como guardiã de Annabella e prevenir St. Charles contra a intenção de desencaminhar a prima.

Enquanto isso, foi se acostumando ao estado de mulher casada. Não que sua vida tivesse mudado muito: ainda cuidava do pai, que melhorava aos poucos, e fazia pequenos trabalhos para lady Winter. Mas lembranças de sua mudança de situação surgiam de vez em quando. Apareceu uma nota no *Times* sobre seu casamento e ela recortou-a e guardou-a com seus documentos, embora se acanhasse em chamar a atenção de António para aquilo. Logo depois da nota, um magnífico vaso de prata chegou, acompanhado por um cartão de lady Holland. Era o primeiro presente de casamento que recebia e ficou sensibilizada.

Lorde Ramirez ia à cidade várias vezes na semana para as aulas de esgrima. Nas raras ocasiões em que ficava em casa, fechava-se na biblioteca com sir Egbert. Mary ficara admirada com essa amizade rápida, e quando questionara António, ouviu a explicação de que ele e o anfitrião tinham muitas coisas interessantes para conversar.

— Mas você tem razão. Estou negligenciando minha esposa — acrescentara ele, com um sorriso caloroso. — Amanhã não vou a Londres. Poderíamos sair a cavalo?

No dia seguinte ela já estava pronta quando Ramirez bateu à porta de seu quarto, para irem à estrebaria. Para sua raiva, ela sentira-se tremer de antecipação pelo que aquele interlúdio a sós poderia trazer.

Os recém-casados deixaram a casa e se aproximavam da estrebaria, quando ouviram o som de saltos de botas sobre o pavimento de tijolos.

— Primo Tony, malvado! — cantarolou Annabella.

O coração de Mary deu um pulo, enquanto ela e o marido se voltavam, já sabendo quem iriam ver.

O novo traje de montar da prima combinava perfeitamente com os cabelos loiro-avermelhados. Trazia um chapéu com uma pluma. Seu esplendor deixou Mary humilhada em sua roupa de veludo preto, que sempre considerara sua favorita e que ansiava para que António visse.

Ramirez não pareceu desconcertado nem surpreso com o fato de a prima os ter descoberto.

—Vamos, ladies? O dia está perfeito para um galope — disse, oferecendo o braço livre a Annabella. — Mas estou intrigado, prima. Você não disse outro dia que preferia... como foi, mesmo?... ser trancada numa torre com um leão do que cavalgar com sua mãe? Que detestava o cheiro, a visão, o contato de um cavalo?

—Ah, você sabe que mamãe e eu temos nossas discussõezinhas — disse a loira, disparando um olhar assassino para a prima, que começara a rir. — Vamos? — Suas longas pestanas bateram, tentando ser sedutoras.

Mary tratou de não ficar de cara feia, mas a alegria de passar momentos a sós com o marido desaparecera.

Os três montaram. O cavalo do conde António, Amadis, fora devolvido. Era um garanhão preto, o tipo de animal que Mary imaginava apropriado para um cavalheiro espanhol. Ela escolhera o segundo cavalo predileto da tia, e Annabella, a égua avermelhada, bastante lerda, que convinha à falta de perícia de amazona destreinada como ela.

— Vamos para a aldeia — sugeriu Annabella, quando passaram pelos portões de Woodbank Hall. — O dia está tão lindo para um passeio como esse... Não acham?

Mary suspirou. Sem dúvida, o dia estava lindo, próprio para uma cavalgada pelos campos, não na aldeia. Mas isso convinha à desvantagem de Annabella como companheira de cavalgada e sua tendência a não fazer exercícios.

Olhando para António, Mary pensou ter percebido um brilho de irritação nos olhos escuros. No entanto, suas palavras foram gentis, como sempre, quando ele concordou com a proposta da prima.

A aldeia ficava a dois quilómetros. O grupo chegou logo, apesar de Annabella ir devagar e deixar a égua parar para comer tudo o que achasse. Mary ia aborrecida, um pouquinho à frente, enquanto a prima flertava desavergonhadamente com o conde.

— A gente podia parar e andar um pouco, estou tão cansada! — ouviu-a dizer

em voz melosa, de repente.

Cansada? Mary sacudiu a cabeça. Quis dizer a ela que ninguém poderia estar exausto depois de uma cavalgada tão lenta e curta, mas sabia que lorde Antônio não diria nada. Odiou-se por ser menos tolerante do que o marido. Deixou que ele a ajudasse a desmontar e sentiu-lhe as mãos na cintura, exultando com o fato de ser ajudada primeiro. Pôde até observar com tolerante indiferença o jeito de Annabella debater-se e guinchar quando ele a ajudou a saltar da montaria.

O trio amarrou os cavalos a uma árvore e foi para a vila. Annabella disse que ia à igreja ver se as flores haviam sido colocadas da maneira correta. Ela jamais fizera qualquer trabalho para a igreja e Mary gostaria de saber por que simplesmente não dissera que as flores vinham de Woodbank Hall por ordem da tia. Certamente estava querendo se mostrar para o conde como uma coisinha doce e doméstica.

Pelo menos a aldeia era bonita e Mary ia pelo braço de seu garboso marido, embora a tagarela da prima estivesse pendurada no outro. Admirou as casas, jardins e a igreja.

Annabella entrou na igreja, certificando-se com um aceno de cabeça de que estava tudo em ordem, e sugeriu que passassem pelo cemitério.

— Minha cara prima — disse lorde Antônio, olhando-a de forma estranha —, o dia é uma criança. Mal começamos nossa cavalgada. Podemos deixar o cemitério para outro dia?

Annabella sorriu para ele, encantadora.

— Eu só pensei em andar e descansar um pouco. Simplesmente não posso montar aquela égua enorme de novo. Mas será um prazer trazer você aqui outro dia, primo Tony. O vigário contou-me histórias que, tenho certeza, vão lhe interessar.

Olhou-o com olhos tão insinuantes que qualquer um entenderia que algo mais do que histórias de aldeões mortos seria oferecido ao feliz mortal que a acompanhasse.

Mary percebeu que o marido parecia mais divertido do que interessado, mas viu também que Annabella não percebera e considerava o "primo Tony" já dentro da armadilha. A infernal polidez dele levou-a a virar as costas antes de dizer qualquer coisa cortante. Olhou para os campos e viu que um homem se aproximava. Era o sr. St. Charles! Ele tirou o chapéu e acenou.

Achou que aquele encontro podia ter sido combinado, apesar de o bilhete daquela noite não ter. chegado ao destino.

Se fora, o recém-chegado não demonstrou. Seu rosto tinha ar de honesta

surpresa, quando parou ao lado deles e desmontou.

—Ah, sir St. Charles! — Annabella estava mais surpresa ainda. Indagou: — Acho que o senhor se lembra de meus primos?

Mary achava aquilo tudo muito suspeito, mas nada disse.

—O sr. St. Charles e eu não fomos apresentados — disse o lorde Ramirez, cumprimentando-o com um aceno de cabeça.

—Lembra-se, primo Tony, eu lhe falei do sr. St. Charles. Ele se perdeu durante a última caçada e acabou em nossa propriedade, a quilômetros da raposa, e eu estava fora...

Mary perdeu o interesse na conversa e seu pensamento voou. Gostaria de sair discretamente e continuar a cavalgada. Estava ansiosa por um pouco de exercício ao ar livre. Voltou do seu devaneio ao dar com St. Charles apertando sua mão enluvada.

—Lady Ramirez, é um prazer vê-la de novo. Vamos andar um pouco?

—Quê? — disse Mary, perplexa.

Annabella ficou de boca aberta e as sobrancelhas de lorde Ramirez se arquearam e sua fisionomia escureceu, mas Annabella interferiu, toda animada, antes que ele tivesse tempo para falar.

— É uma ideia excelente, sr. St. Charles. Depois vocês nos alcançam — disse, agarrando-se ao braço do primo.

Praticamente arrastou o "primo Tony" pelo caminho que levava aos túmulos mais imponentes da família.

St. Charles sorria e seus olhos brilhavam quando ofereceu seu braço a Mary.

Ela aceitou, achando aquela uma boa ocasião para recriminá-lo sobre seu atrevimento em relação a Annabella.

— Sir, queria lhe dizer que recebi, por engano, o bilhete que enviou a minha prima, outro dia.

Hesitou, sem saber como continuar. Os dois estavam caminhando atrás de Annabella e Ramirez. Mary andou mais devagar para não embarçar o sr. St. Charles diante dos outros.

—Madame, o que posso dizer? Não era nada desrespeitoso, como sabe.

—Acho apenas, sir, que devo preveni-lo para não se encontrar a sós com Annabella. Devo ser meio antiquada nessas coisas, mas acho que os ataques de independência de minha prima não devem ser encorajados. Sua reputação está em risco.

Pensou que logo ela, que se casara para salvar a reputação, estava ali fazendo sermões e bancando a guardiã da prima. Felizmente sir St. Charles não se

ofendeu.

— Um homem tem de se curvar diante de tal sentimento, mas eu lhe garanto, madame, que não quis desrespeitar miss Winter. E, agora, vamos mudar de assunto. Poderia me reservar uma dança no baile de caça à raposa? Para estreitar nossa amizade, compreende?

Mary nem sabia se ela e Ramirez seriam convidados. Ninguém visitara Woodbank Hall nos últimos dias e ela achava que era por causa do escândalo do dia de seu casamento.

—Não posso garantir, sir. Não tenho certeza se vou ao baile.

—Não vai ao baile? — exclamou ele tão alto que Annabella e lorde Ramirez viraram-se para olhá-los.

—Mary não gosta de sair, sabe, sr. St. Charles? — apressou-se a explicar Annabella.

—Precisamos podar essa timidez de minha esposa pela raiz — disse o conde, sorrindo, amável. — Deve ter lhe pedido uma dança, sir. A condessa terá o maior prazer em concedê-la.

—E eu terei o maior prazer em lhe conceder uma, primo Tony — disse Annabella, depressa, olhando duramente para St. Charles como se esperasse alguma coisa.

—E pode me conceder a primeira dança, miss Winter? — pediu ele, depois de um momento de silêncio incômodo.

—Posso, se o primo Tony me poupar — retrucou a loira, altiva.

—Tudo isso dependendo de irmos ou não ao baile — disse Mary, ainda numa tentativa de escapar.

—Ah, sim, o escândalo. Isso pode fazer diferença. — Lorde Ramirez apelou para sir St. Charles: — Acha que as circunstâncias de nosso casamento pesarão na opinião de lorde Burnham, sir? Talvez possa convencê-lo a nos convidar, já que é seu hóspede e deseja tão ardentemente dançar com minha esposa.

—Está bem. Farei o que puder — disse St. Charles calorosamente. — Não se esqueça, então, lady Ramirez. Com a aprovação de seu marido e tudo. Promete?

Annabella estava furiosa e até o bom humor de lorde Ramirez parecia estar se transformando em um ciúme que ele não tentava esconder.

—Naturalmente que dançarei com o senhor, se tiver ocasião — disse Mary, num tom neutro.

A situação foi salva por Annabella, que deixou o conde e foi caminhar com o sr. St. Charles, exigindo ir ver o novo cavalo de que ele falara tanto outro dia.

Saíram andando depressa...

—Minha cara, você deve se encontrar em águas perigosas aqui — disse lorde Ramirez, sacudindo a cabeça, quando ficou a sós com Mary, que o encarou, aborrecida.

—Ele simplesmente me pediu uma dança. Aliás, eu o estava repreendendo por mandar bilhetes a minha prima. Você não pode me culpar por bancar a guardiã dessa menina sem juízo.

—Ele escreveu a ela? Estão prometidos?

Mary, então, contou sobre o bilhete que recebera por engano, na noite seguinte ao dia do casamento.

—Você fez bem em falar com ele, então... O que dizia o bilhete?
— quis saber o conde.

—Era uma tola mensagem particular e eu não devia ter dito nada a você!

Ele apenas meneou a cabeça, pensativo, e Mary não gostou de vê-lo tão preocupado com a prima.

A prima e o namorado voltaram e qualquer chance de uma conversa particular cessou. Annabella parecia calma e St. Charles satisfeito, como só um namorado poderia estar. Com certeza pedira desculpas por convidar Mary para dançar. Além de animado, mostrou-se disposto a acompanhá-los até Woodbank Hall.

A volta pareceu rápida demais. Mary e o marido cavalgavam lado a lado. Ela, ainda irritada por não ter cavalgado como queria e por não ter ficado a sós com ele, como esperava.

—Minha doce Mary, você é o caso clássico da mulher que ainda não teve chance de testar seus poderes — disse lorde Ramirez, num tom de intimidade.

—Não tenho a menor ideia do que está falando — retrucou ela, esquecendo a zanga e já com ar risonho.

—Claro que tem. Quer atenções não só de mim e do sr. St. Charles, mas de todos os homens. Você não frequentou a sociedade, como devia, e isso faz com que desconsidere minha admiração em vez de aceitá-la como é seu direito. Precisa ir a esse baile de caça.

—Esqueceu-se de que sou uma mulher escandalosa? — brincou ela, pois as palavras dele a tinham embaraçado e queria mudar de assunto. Os quatro estavam chegando à estrebaria. — Lorde Burnham vai pensar muito antes de nos convidar.

—Acho que se houver alguma dúvida, sir St. Charles vai falar a seu favor.

Mary ia dizer alguma coisa, mas o sr. St. Charles já estava ao seu lado para ajudá-la a desmontar.

— Não se preocupe, lady Ramirez. Eu tratarei de convencer lorde Burnham — disse, e apertou-lhe demais a cintura ao ajudá-la a descer do cavalo.

Ela achou melhor fingir que não notara. St. Charles talvez quisesse fazer um joguinho com uma mulher casada, mas ela não tinha de colaborar. O melhor seria demonstrar indiferença.

Tentou não parecer triunfante quando Annabella se tornou particularmente fria com ela pelo resto do dia e desesperadamente tímida com o "primo Tony", pelo menos na sua presença.

Lorde Ramirez mencionou o baile a lady Winter naquela tarde e ela ordenou que os recém-casados comparecessem.

—É o *début* de vocês como marido e mulher. Não podem deixar passar. Mais tarde vou oferecer-lhes uma festa aqui. Odeio bailes, mas nada como uma festa com baile para fazer uma grande entrada na corte londrina.

Annabella foi rápida em objetar:

—Lorde Burnham pode não convidá-los e Mary não tem nada para vestir, mamãe! Não dá tempo para mandar fazer um vestido.

—Bobagem! Mande as medidas dela para Londres, no dia seguinte ao casamento, e encomendei um lindo vestido. Chegou hoje. É um presentinho de núpcias, minha querida! — A lady virou-se para Mary, que sorriu e agradeceu. — Você vai encontrar a caixa sobre sua cama. Eu queria fazer uma surpresa. Quanto a lorde Burnham, deixem comigo. Ele não vai ser louco em não convidar os meus sobrinhos!

Furiosa, Annabella foi para o outro extremo da sala e pegou a harpa, outro instrumento que fingia estudar. Veladamente, lady Winter insinuou que, com aquele vestido, Mary iria fazer sombra a sua filha, pois tinha certeza, ficaria maravilhoso nela. Mary, no entanto, achava que jamais poderia competir com a prima. Por mais bonito que fosse seu vestido, pareceria a lua, pálida, perto do sol ardente.

Incapaz de se concentrar no bordado ou num livro, pediu licença e subiu. Para sua surpresa, o marido acompanhou-a.

—Quero ver esse vestido de baile — disse com uma piscadela, abrindo a porta do quarto. — Depois eu a deixo sozinha para que o experimente.

—Engraçado você ser tão curioso. Quer dizer, para um homem... Dizem que só as mulheres são curiosas.

—Obrigado por notar. E o que é engraçado no fato de eu me preocupar com tudo o que lhe diz respeito? Espero que o vestido lhe faça justiça. Embora você fique linda em vestidos simples, de passeio, acho que é hora de vermos como vai ficar

em elegantes roupas de baile.

Mary conseguiu esconder sua perplexidade pelo fato de ele ter prestado atenção no que ela vestia, logo esquecendo disso ao entrar no quarto. Sobre a cama estava uma caixa enorme, fechada com uma fita vermelha. Mary abriu-a, depressa, e tirou de dentro um vestido de seda cor de granada vermelha.

— Meu Deus! — exclamou, engasgada.

Seu primeiro pensamento foi que iria desaparecer naquela cor tão brilhante. Percebeu que a tia a escolhera para combinar com seu colar. Até ali Mary só usara branco, rosa ou azul pálido nos vestidos de noite. Era muito acanhada para exibir tal vestido. Aquela cor não iria melhor para uma mulher mais velha? Ramirez percebeu a hesitação e pegou o vestido.

— Perfeito — disse ele, colocando-o à frente dela. — O vestido exato para uma condessa da Espanha.

Ela teve de concordar que o vestido era magnífico. O decote lhe parecia muito amplo. Seu cabelo loiro destoaria daquela cor? E a pele, de um suave moreno-pálido?

— Veja-se no espelho — sugeriu Ramirez, parecendo ler seu pensamento. — Vou deixá-la experimentá-lo. Essa cor vai ficar linda em você, minha querida. — E, dando-lhe um beijo na testa, ele saiu.

Mary tremeu com aquele beijo. Esperou um pouco e correu para o espelho. Era verdade. Graças, talvez, aos olhos negros e ao tom de pele mais comum em mulheres de cabelos pretos, o vestido a fazia fulgurar. Abençoada tia Letícia!

Entretanto, a ideia de usar o vestido em um baile, entrando em um salão cheio de curiosos e sendo anunciada como lady Ramirez encheu-a de apreensão.

X

Mary sorriu para seu reflexo no espelho.

— Muito bonito, milady! — foi a opinião da criada de quarto de lady Winter.

Hobbes, uma mulher ativa, desgostosa por ter de viver escovando cachorros, ficara feliz em ajudar a nova condessa a se vestir para o baile. Penteara os cabelos de lady Ramirez num coque macio. Deu um passo para trás para observar o efeito.

— Faz muito bem em não usar jóias. A simplicidade é notável. Mary agradeceu e tocou o pescoço nu. A criada poderia estar certa, mas...

— Pode ir, Hobbes — disse em sua melhor imitação de uma grande dama. — E obrigada por fazer milagre com meus cabelos.

Assim que ficou só, Mary correu para o armário e tirou o envelope com suas jóias. Sentiu vergonha de escondê-lo como se houvesse ladrões na casa. Afinal, Annabella mostrara muito interesse por ele. Planejara não usá-lo aquela noite, mas não havia motivo para não testar o efeito das granadas com aquele lindo vestido, que fora feito para combinar com elas.

Quando colocou o colar, Mary pensou em reconsiderar sua decisão. O vestido e o colar ficavam muito bem juntos. Mas a ideia da irritação de Annabella ao ver o colar a fez decidir que seria melhor guardá-lo.

Alguém bateu à porta. Era Jenny, a criada, trazendo uma vassoura.

—Ah, desculpe, milady, não sabia que ainda estava aí. Hobbes mandou eu limpar o pó que caiu no tapete.

—Ela deve ter se enganado, o tapete está limpo... — disse Mary, notando como os olhos da criada se desviavam de uma forma esquisita. Não sabia por que, não gostava dela. — Pode ir.

Jenny fez uma reverência e fechou a porta, mas a vassoura ficou presa. Abriu-a de novo, soltou a vassoura e fechou-a.

Mary não ligou para o incidente e escondeu o colar em outro lugar antes de sair. Detestava desconfiar dos criados da tia. Antes de descer, foi ver o pai. Prometera-lhe mostrar o vestido novo.

Sentado diante do fogo, o capitão acabava de jantar. Mary notou que o copo de vinho e água não fora tocado. Ele empurrou a mesinha, olhou para a filha e comentou:

—Graças a Deus você tem juízo e não pôs o colar!

Ela esperou alguma alusão a sua roupa. Achava que o pai gostaria de vê-la no elegante vestido de baile, que ia admirá-la. Em vez disso, ele lhe falou da desconfiança que tinha do conde.

—Ainda a velha cantilena, papai? — Não adiantava contar a ele as dúvidas que tinha a respeito de Annabella, que a levaram a não usar o colar. — Meu marido é de toda confiança.

—Pode ser, mas é melhor não lhe mostrar o que tem, pois ele pode não querer anular esse casamento.

—Não sei se vai haver anulação, papai — disse ela, surpresa consigo própria por dizer aquilo.

Sua admiração pelo marido crescia a cada dia. Ele parecia admirá-la também. Era melhor ir preparando o pai.

—Bobagem! — resmungou ele, mas não discutiu. Afinal, sua expressão se transformou. — Você está linda, filha. Cuide-se bem.

Mary adorou o elogio e beijou o rosto do pai. Sorrindo, desceu para se juntar ao resto da família.

Annabella estava sozinha na sala de estar, reclinada no sofá. Suas formas opulentas, vestidas de gaze branca sobre cetim azul, emanavam ainda mais atração. Trazia um conjunto de brincos e colar de safiras azuis. Olhou a prima da cabeça aos pés e estremeceu.

Mary não esperava outra reação. Desapontada por lorde Ramirez não estar presente para ver sua entrada, sentou-se perto da prima. Estava satisfeita. Pela primeira vez na vida, seu vestido era o mais lindo.

A outra perguntou-lhe se gostava do vestido dela, contou quanto tinha custado e continuou falando, falando. Felizmente lady Winter chegou e pôs fim à tagarelice da filha. Usava um vestido de cetim púrpura e turbante. Olhou para Mary.

—Sobrinha, comprei esse vestido de propósito para combinar com o colar de sua mãe. Onde diabo ele está?

Mary ficou nervosa, como se houvesse roubado o colar, em vez de guardá-lo.

—Hobbes disse que a simplicidade de meu vestido era fantástica... — começou, e calou-se, sem saber o que dizer.

Era difícil explicar a inquietação que a impedira de usar o colar.

— Nada de simplicidade. Vá buscar o colar, menina. E esta é a noite para exibi-lo. Eu deixei essa tonta usar minhas safiras — disse, indicando Annabella.

—Prefiro que só o vestido apareça — justificou-lhe Mary, rezando para a tia parar de insistir.

—Acho que ela tem razão, mamãe! — apoiou Annabella, e Mary voltou-se para ela, bruscamente. A prima explicou, rápida, sem olhá-la: — Esse vestido tão lindo é suficiente!

—Bem, vocês podem ter razão, meninas. Hobbes sempre tem. Nesse caso, eu...

As portas se abriram e lorde Ramirez entrou, esplêndido no traje de noite. Mary olhou-o como uma colegial apaixonada e quando seus olhos se encontraram, baixou os dela.

—Estão lindas, senhoras — disse ele, comum sorriso brilhante. — Vai ser um prazer acompanhar três damas tão belas. — Olhou para Mary, que não ousava levantar os olhos, lembrando-se de que seu decote era muito baixo. — Minha cara esposa, você é uma festa para os olhos. Mas não está faltando alguma coisa? Esta noite não seria perfeita para você usar suas jóias?

—Você também acha? Eu disse que deveria usar as granadas, um colar maravilhoso que herdou da mãe, mas ela se recusa — queixou-se lady Winter. —

Lorde Ramirez é um homem de bom gosto, Mary. Talvez seja melhor você subir e pôr o colar.

O conde sorria para ela, expectante. Ela retribuiu o sorriso e, depois, dirigiu-se à tia, com determinação.

— Acho que não vou usá-lo. Confio no gosto de sua criada de quarto.

Lady Winter concordou, lorde Ramirez pareceu confuso e Annabella ficou satisfeita, talvez porque, sem as jóias, Mary seria menos competidora para ela. A discussão terminou com a entrada de sir. Egbert.

No jantar a conversa girou em torno da dança, rivalizando com a equitação, como atividade saudável. Ramirez jurou provar a lady Winter que isso era um fato.

— Esta noite mesmo, madame. Prepare-se — disse ele, gentil.

O pequeno grupo se deliciou vendo lady Letícia Winter corar como uma garotinha.

Quando chegaram à mansão de lorde Burnham, o sr. St. Charles apressou-se a receber o grupo e agarrou a mão de Mary.

— Lady Ramirez! Que prazer vê-la. Lembra-se de nossa dança?

— Meu caro amigo, você se lembra das conveniências? — indagou lorde Ramirez, olhando-o friamente e se colocando entre ele e a esposa. Annabella encarou-o como se ele fosse candidato a um hospício. Os olhos dos tios fixaram-se em Mary, expectantes.

— Boa noite, sir — disse Mary por sobre o ombro do marido, com uma frieza distante e bem-educada.

Sir St. Charles sorriu e aproximou-se de Annabella, fazendo todos respirarem aliviados.

Mary entregou a capa ao criado e entrou em seu primeiro baile na Inglaterra pelo braço do marido, que achava o homem mais belo e fascinante da festa.

Lady Winter resolvera que os dois deveriam entrar sozinhos para causar maior sensação. Sir Egbert, lady Winter e Annabella esperaram atrás de lorde e lady Ramirez. Parecia que todos os olhos estavam pregados nos dois. Houve um silêncio.

Em seguida o vozerio recomeçou. Annabella foi cercada por admiradores. O casal ficou de lado, sendo apresentado, cumprimentando pessoas conhecidas, o que deixou Mary pouco à vontade. Muita gente estava admirada de ver o casal Ramirez ali.

A música começou a tocar. Podia ser sua imaginação, mas ela achou que não recebia o devido respeito como lady Ramirez. As pessoas eram cortesias, mas se

curvavam diante dela apressadamente e uma matrona recusou-se a apertar-lhe a mão.

— Nossa primeira dança, minha querida — disse lorde Ramirez, afastando Mary do grupo.

Quando caminhavam para o centro do salão, Mary ouviu alguém dizer "Tattersall". Era uma das mulheres que acabara de lhe ser apresentada.

—Eu sabia — suspirou ela. — Eles não se esquecem.

—Sim, Mary? Talvez meu inglês não seja bom. Não compreendio que aquela encantadora senhora disse.

—Ah, você conhece o inglês muito bem! Estou pensando por que essa gente é tão indelicada comigo. Eles ainda estão falando do nosso casamento, do escândalo em Tattersall...

—Só isso? — Ramirez riu. — Divertido, não é?

—No seu lugar eu também acharia. Você vai ser tratado como o herói cavalheiresco que se casou com uma mulher escandalosa.

—Adoro sua ironia, mas vamos mudar de assunto. Isso não importa.

É que você não percebeu. Uma diferença num cumprimento, uma mão recusada. Annabella tinha razão, eu não devia ter vindo. Estou odiando a corte!

— Cabeças voltaram-se, atraídas pelo tom de voz alterado.

—Psiu! Vamos dançar, querida — convidou ele.

Logo ela esqueceu os problemas nos braços do marido. Lorde Ramirez era um excelente dançarino. Mary tinha certeza de que ia se atrapalhar, pois há anos não dançava. Mas para sua alegria, o jeito voltou nos primeiros compassos da música.

O único momento desagradável ocorreu quando chegou a vez de girar com o sr. St. Charles, que fazia par com Annabella naquela dança. O grandalhão sussurrou um elogio e olhou atrevidamente para seu decote. Não disse mais nada e, quando a dança os separou, Mary achou que ele estava muito pensativo.

Quando voltaram a se encontrar na dança, o sr. St. Charles perguntou, com um olhar penetrante:

—Milady, não se esqueceu de pôr uma coisa esta noite?

—Sir, eu sei que o decote é baixo, mas garanto que...

Outros dançarinos os separaram de novo. Aflita, ela desejou ter trazido um xale.

Quando a música parou, lorde Ramirez tomou-a pela mão e levou-a para fora do salão, dizendo:

—Vamos até o jardim? Quero lhe dizer uma coisa.

—Bem... Talvez fosse melhor eu ir para perto de minha tia — respondeu ela,

sentindo-se inexplicavelmente tímida.

—Minha cara, esqueceu-se de que nos casamos? Não será um escândalo se sumirmos juntos.

—Tem razão. Eu me esqueci.

Deixou-se levar para o jardim. Muitos casais haviam escolhido aquele lugar. Mary e o marido tiveram de andar muito até acharem um banco vago.

—Enfim sós! — brincou sir António, com uma risada. — Eu queria um instante de isolamento para lhe dizer como está linda, minha querida. Será que acredita em mim, só por hoje?

—O que quer dizer, sir?

—Quero dizer, querida Mary, que tenho mais sucesso nos galanteios com sua prima do que com você. Flertar é muito natural para algumas pessoas, e os que não gostam desse jogo nos colocam em desvantagem na hora de conquistarmos seu amor.

Conquistar seu amor! Ele dissera isso, mesmo?

— Talvez eu precise de provas mais tangíveis do que galanteios, sir — esforçou-se para responder. — Não sei flertar. Não tenho ideia de como se faz isso.

Mal tinha pronunciado essas palavras, sentiu o braço dele enlaçar-lhe a cintura.

— Que bom, minha querida. Isso significa que você quer flertar. Deixe-me ajudá-la. — Olhou-a com expressão carinhosa, baixou a cabeça e beijou-a.

A primeira reação de Mary foi ficar gelada. Depois scandalizou a si mesma mais do que a lorde Ramirez, beijando-o com incrível ardor. Sabia que pela primeira vez na vida se arriscava a perder o controle. Estranhamente, não se importou, ela que se orgulhava tanto de controlar as emoções! Quando ele se afastou, depois de um longo tempo, Mary abraçou-o e o beijou, de leve, várias vezes, com ternura e carinho.

—António — murmurou, arrebatada.

Delicadamente ele afastou-se, sussurrando em seu ouvido:

—Psiuuu... Ouvi uma coisa estranha.

Mary ficou ofendida pela rejeição. Ia protestar, mas o marido colocou um dedo nos lábios e fez um movimento de cabeça, indicando o local do ruído.

Curiosa, Mary olhou e viu Annabella, quase escondida por arbustos, a poucos passos de onde eles estavam. Ao lado dela encontrava-se o sr. St. Charles.

Claramente, os dois estavam namorando, pois Annabella falava naquele tom doce e carinhoso que sempre usava com o "primo Tony". A cabeça do sr. St. Charles estava junto à dela. Trocaram um longo beijo. A mão dele deslizava pela

frente do vestido de Annabella. Mary prendeu a respiração, perplexa.

Sua reação foi sair correndo. Fez um movimento, mas lorde Ramirez segurou-a.

— Eles estavam falando. Talvez falem de novo. Quieta...

Mary olhou-o e fez que sim com a cabeça. Ouviram a voz de Annabella, pouco depois:

—Que homem horrível você é. — Ele riu e afastou a mão gorda de seu seio. — Vamos continuar com nosso negócio. Que pena que você perdeu sua herança por causa dela! Desde o momento em que ela veio morar conosco, eu sabia que havia alguma coisa estranha. Nem é inglesa! Tentei pegá-lo para você, desde que me pediu pela primeira vez, e agora...

Meu amor, eu sabia que podia contar com você! — As palavras dele mal eram audíveis, já que seus lábios pousavam no pescoço branco de Annabella.

Ficaram em silêncio.

Lorde Ramirez olhou para Mary, tomou-a pela mão e se afastaram. Em vez de voltarem ao salão, entraram por uma porta à esquerda e viram-se num corredor. Finalmente, chegaram a uma saleta iluminada por uma lâmpada. Ele fez Mary entrar e fechou a porta.

—Sua prima — disse, levando-a para um sofá e sentando-se ao lado dela — está fazendo um jogo perigoso.

—Ela falava de mim, disso tenho certeza! Como pode acreditar que me apoderei da herança do sr. St. Charles?

—Tenho uma ideia, querida... Tem alguma ideia do objeto a que ela se referia?

Mary pensou um momento e levou as mãos ao pescoço, instintivamente. Agora ficara claro por que o sr. St. Charles lhe dissera, na dança, que ela se esquecera de pôr alguma coisa. Ele sabia do colar e esperava que ela o usasse.

— Isso mesmo... Ela está atrás do seu colar — murmurou o conde. As palavras dele fizeram-na estremecer. Olhou-o fixamente e, quando falou, ela mesma surpreendeu-se com a frieza de sua voz.

—E qual é o seu interesse em meu colar, sir?

—O colar de granadas não é apenas um colar, não é? — perguntou ele, não respondendo diretamente.

"Guarde-o como se guardasse sua virtude", dissera *dona Inez*. Dissera também que alguém, quando chegasse a hora, lhe contaria o segredo do colar.

Olhou para o marido. Ele era espanhol; sua família conhecera sua mãe; seria ele a pessoa que ia lhe contar o segredo que há tanto ela queria saber?

—O que você sabe? — perguntou num tom suave.

—Por ora só posso lhe dizer, minha querida, que há muita coisa em jogo. Sua

ignorância é a sua proteção. Mas tem de manter o colar num lugar seguro.

—Eu preciso saber, sir. — Ela estava consternada. — O colar é meu e foi trazido da Península. Como o sr. St. Charles sabe de sua existência? Será que Annabella e seu pretendente têm algo a ver com o segredo em relação a minha mãe?

Podia imaginar que a prima quisesse o colar por vaidade, apenas. Podia até imaginá-la querendo roubá-lo para o sr. St. Charles, se ele a tivesse levado a crer que era sua "herança". Não podia era pensar que

Annabella quisesse o colar por outra razão que não a pessoal. Olhou para o marido, que estava tenso e sério. Afinal, ele falou:

—Há muita coisa no sr. St. Charles que não faz sentido. Pretendo vigiá-lo. Você não usou o colar esta noite, minha querida, embora ele ficasse perfeito com seu vestido. Não o perdeu, não é? Está bem guardado?

—Claro que sim. Resolvi não usá-lo porque me sinto insegura com ele. Annabella pediu-o emprestado e eu não quis irritá-la, usando-o. Há poucas coisas tão desagradáveis quanto minha prima em um de seus rompantes de raiva.

—Compreendo. Quando voltar para casa, certifique-se de que o colar está seguro. Esconda-o em outro lugar. Não lhe peço que o dê para mim, porque nem em mim você deve confiar. Compreende?

—Não — respondeu Mary, devagar. — Não compreendi nada, mas vou fazer o que você disse.

Tinha certeza de uma coisa: se Annabella estivesse mesmo atrás do colar, não o encontraria facilmente.

—Há outra coisa que preciso lhe pedir. Quer vigiar cuidadosamente sua prima? Mas tome cuidado para ela não perceber. Acha que pode?

—Claro que sim. Além de seu plano para roubar meu colar, ela merece uma lição e pretendo que a receba ainda esta noite. Não devia ser tão leviana. Tia Letícia ficaria horrorizada.

Levantaram-se para sair. De repente Mary se lembrou de que antes de verem o sr. St. Charles e Annabella, os dois discutiam coisas íntimas.

—E você? — indagou ele, pondo a mão no ombro dela. — Acha seu comportamento menos ousado do que o de sua prima? Caso seu marido a beijasse ou acariciasse, lady Winter e você não ficariam horrorizadas? — Puxou-a para mais perto e beijou-a com muita ternura, Não faça isso, por favor — sussurrou Mary.

Olhou-o nos olhos e ficou surpresa com sua expressão dolorida. Embora não soubesse por que não o deixava continuar, também não sabia por que deveria aceitar as carícias do marido. Sentia-se desarvorada, sem saber o que pensar,

dizer ou fazer.

Ramirez pareceu entender a aflição dela.

—Estou indo muito depressa, não é? Não queria assustá-la...

—Eu não me assustei — tentou explicar. — Estávamos falando de outra coisa e de repente estávamos... Bom, talvez eu estivesse um pouco assustada, mesmo.

Prometo não forçar nada — disse ele, dando-lhe um beijo casto no rosto. — Precisa de mais tempo... Seu pai está contra mim e agora você ficou sabendo que sei sobre seu colar. Em seu lugar eu também seria muito prudente, minha querida.

Como ele a entendia! Mary esteve a ponto de lhe dizer que não pretendia ser prudente nem naquela nem em outra noite, que preferia ser beijada de novo, mas algo a impediu. Precisava de tempo para ver com clareza em seu íntimo.

—Agora — continuou o conde, tocando a mãozinha enluvada com os lábios —, vamos voltar para a festa? Vou vigiar o sr. St. Charles e você vai ter a deliciosa tarefa de conversar com sua prima.

—Acha que ela já apanhou o colar e vai dá-lo a ele?

—Parece que não, mas precisamos ter certeza.

Mary estava contente por voltar ao salão de baile. Como achava que ela e o marido não teriam mais momentos românticos aquela noite, resolveu conversar com a prima.

Encontrou-a na sala das damas, sentada diante do espelho do toucador. Quando viu Mary, Annabella guardou rapidamente um objeto em sua bolsa, que Mary identificou como uma esponja de arminho.

—Minha prima, eu sei que usa ruge, não precisa esconder de mim. Preciso falar com você — falou em voz baixa.

—Nunca usei ruge na minha vida. E do que podemos falar? — Annabella deu uma risadinha. — Vamos conversar no salão de baile, pois prometi todas as danças e os cavalheiros devem estar a minha espera.

Levantou-se, deu uma última olhada no espelho e saiu da sala. Mary correu atrás dela e segurou-a pela manga do vestido.

—Preciso lhe dizer, prima, que descobri seu segredo.

A outra parou e olhou, horrorizada, para Mary.

—O que você quer dizer com isso? — perguntou, sem fôlego. Sua voz era beligerante, a expressão, culpada, mas Mary achou que poderia estar vendo culpa, onde não existia, por causa do que ouvira a prima dizer ao sr. St. Charles.

—Eu a vi com o sr. St. Charles, prima. No jardim. Vocês pareciam estar se

entendendo muito bem.

—Ah! — A expressão de Annabella foi de alívio. — Só isso? É, Mary, pedi a ele que não pusesse as mãos em mim quando ninguém nos estivesse observando, mas ele é tão impetuoso! Nem imagina como um cavalheiro pode ser insistente quando quer tomar alguma liberdade! Vou lhe contar outro segredo: o sr. St. Charles e eu estamos noivos.

—Mesmo? — Mary estava chocada. — Sua mãe sabe?

—Não! E você não deve dizer a ela. Sir St. Charles tem muito medo de mamãe e quer que meus pais saibam só depois que conhecerem sua família.

Mary notara que a prima estava nervosa, excitada. Será que ela se envolvera com um cavalheiro que a levava a participar, sem perceber, de um plano desonesto?

—Você me promete? Não pode contar a mamãe... — choramingou a prima, ansiosa.

Ela concordou. Não gostaria de tocar em tal assunto com lady Winter.

—E você me promete não ficar mais a sós com ele, Annabella? Sua reputação ficaria arruinada, você sabe.

—Céus, como você é melindrosa! Há pouca probabilidade de ficarmos sozinhos. E isso é fácil de prometer! — Annabella riu e se afastou.

Um grupo de rapazes a rodeou quando ela entrou no salão de baile. Sabia que a prima estava a salvo de qualquer confusão aquela noite, pelo menos.

Mary decidiu ir sentar-se ao lado de lady Winter, onde ficaria, exceto quando sir Antônio a tirasse para dançar. Nenhum homem se arriscaria a flertar com uma mulher escandalosa como ela, mas isso não fazia diferença. O único homem com quem queria dançar era o marido. Esperava que o sr. St. Charles não lhe cobrasse a contradança.

Quando passou por uma sala lateral, onde estavam sendo servidas as bebidas, viu Ramirez falando com o sr. St. Charles. O grandalhão bebia bastante: a sua frente alinhava-se meia dúzia de taças de champanhe.

Mary sorriu. Então, o plano dele era não deixar o sr. St. Charles fazer asneira. Seu olhar cruzou com o do marido por um breve momento. Ele lhe deu uma piscadela.

Andando confiante entre os dançarinos, Mary chegou à cadeira ao lado da tia. Passou o resto da noite pensando no conde. Estariam ela e o marido no limiar de um verdadeiro casamento? Esse pensamento afligiu-a.

Entretanto, pensava na possibilidade com um sorriso sonhador.

Depois do baile, de novo em casa, Mary sentou-se perto da lareira de seu quarto, gozando a calma da meia-luz e pensando nos acontecimentos da noite. Lembrava-se de tudo, dos beijos de sir António, da suspeita sobre Annabella e o sr. St. Charles.

A luz do fogo brincava nas tapeçarias das paredes, sobre o rico brocado das cadeiras, no dossel da cama, sobre o vestido, que ela ainda não queria despir. Tirara os sapatos, as meias, e sentia os pés em deliciosa liberdade. Um de seus traços indignos de uma senhora era aquela aversão a sapatos ou botas de qualquer tipo. Lembrou-se da mãe e sorriu. *Dona Inez* dizia, brincando, que Mary deveria se casar com um antilhano para poder passar a vida descalça, andando sobre a areia cálida.

Pensou no colar. Antes de tirar o lindo vestido, teve vontade de se ver de novo usando o colar de granadas, para depois guardá-lo em outro lugar mais seguro, como prometera. Foi até o guarda-roupa, tirou uma bota de montar e virou-a sobre a cama.

Nada. Aflita e preocupada, pegou a outra bota e pôs a mão dentro. Não havia nada.

Depois de um momento de hesitação, correu para a porta que ligava seu quarto com a saleta de estar, que ficava contígua à alcova onde sir António dormia. As sombras das cabeças dos animais na parede, lúgubres e disformes na penumbra, pareciam ameaçadoras.

Desesperada, se esqueceu de bater e simplesmente abriu a porta.

— António — gritou. — Veja isto!

O marido estava na cama. Uma vela ardia na mesinha ao lado e ele lia. Para surpresa de Mary, um par de óculos estava empoleirado em seu nariz, dando-lhe um ar intelectual, muito diferente da imagem que fazia dele. Seu peito estava nu.

—Você não está vestido — sussurrou bobamente, olhando para o dorso musculoso.

—Desculpe a informalidade, estou na minha cama — respondeu ele com um olhar divertido e irónico. Tirou os óculos e colocou-os sobre a mesinha-de-cabeceira. — Querida, por que está sacudindo essa bota em meu rosto?

—Meu colar — disse ela, voltando à realidade. — Eu o escondi dentro desta bota. Desapareceu.

—Você tem certeza? — disse ele, alarmado.

Ia sair da cama. Instintivamente, Mary virou o rosto.

— Se você puder me passar aquele roupão sobre a cadeira... — pediu ele, ao

notar a reação dela, e continuou na cama. — Obrigado. Não tenha medo, não vou chocar sua sensibilidade de donzela... ainda.

—O que vamos fazer agora? — perguntou Mary, angustiada. Aquele "ainda" sussurrado com calor fez seu rosto arder. Jogou-lhe o roupão em vez de entregá-lo. Continuou a olhar para o lado mesmo depois de ele estar vestido e ter saído da cama. Lorde Ramirez aproximou-se dela e pôs um braço sobre seus ombros.

—Como aconteceu isso, meu bem? Quando foi a última vez que você viu o colar?

—Antes do baile eu o experimentei e, então, o escondi. Tenho certeza de que Annabella não subiu depois que eu descii. Cada um de nós foi para o próprio quarto, quando chegamos... Como ela pôde pegá-lo?

—Pense! — Ramirez levou-a para a cama e os dois se sentaram.

—Ela deve ter um cúmplice entre a criadagem — falou ela, depois de instantes.

— Jenny, tenho quase certeza.

Lembrou-se de que a criada aparecera em seu quarto com a desculpa de varrer o tapete. Com certeza ela vira Mary sair e voltara para revistar tudo.

—A criadinha com cara de coelho?

—Essa mesma. Embora eu não deva acusar a pobrezinha, porque Annabella vive subornando os criados. Não compreendo, António. Se minha prima tinha o colar, por que simplesmente não o deu ao sr. St. Charles esta noite?

—Deve haver vários motivos. Quando os ouvimos conversando, o colar não estava com ela. Eu quase aposto que ela o deu ao sr. St. Charles esta noite mesmo. Quando ela disse, no jardim, que ia pegá-lo para ele, pode ser que o tivesse escondido na sala das damas ou algo assim.

—Mas eu a vigiei pelo resto da noite e você vigiou o sr. St. Charles.

Houve um pequeno intervalo, quando estávamos conversando na saleta. Ela pode tê-lo entregue, então. Bem, minha cara, não se preocupe. Ele não vai fazer nada esta noite, mesmo que tenha roubado cem colares. Eu o fiz ficar bêbado de cair e até ajudei um cavalheiro a levá-lo para seus aposentos. Não vai se mexer antes do amanhecer.

—Você foi esperto, António — sorriu Mary, aliviada. — E de manhã? Vai procurá-lo e exigir que devolva o que é meu?

—Isso eu lhe garanto. Assim que o sol nascer. É a manhã da caçada, mas acho que o sr. St. Charles vai para Londres assim que acordar. Vou dar um jeito de ele não ir.

—Londres? Por que ele iria para Londres?

—Imagino que ele vai — respondeu António, com um ar misterioso. — Não se

preocupe, minha querida, trate de dormir. Amanhã vai ser um dia duro. — Hesitou e puxou Mary para mais perto. — A não ser que... Não. Fique sossegada, querida Mary; esta cama pequena não é boa para uma noite de núpcias — sorriu, travesso. — Não posso deixar você se aproveitar de mim, depois que concordamos que precisávamos esperar mais um pouco.

Mary ficou tão embaraçada que disse boa noite e saiu apressada, levando a bota. Acalmara-se por ele não exigir seus direitos conjugais, mas também ficara desapontada. Será que ele não tinha certeza se a desejava? Fora por isso que cedera tão facilmente a sua exigência por mais tempo?

Trocou de roupa, deitou-se, mas não dormiu. Pensava em várias coisas ao mesmo tempo. Tentou contar carneiros, ler, mas se levantava e andava pelo quarto, preocupada com o dia seguinte. *Seu* colar! Estranho as granadas não estarem mais com ela! Guardara o colar com tanto zelo, durante três anos... Sir António cuidaria para que ela o tivesse de volta logo.

. Enrolando-se num xale, parou a caminhada nervosa para abrir as pesadas cortinas e deixar entrar a luz que tentava atravessá-las. Já era de manhã. Teria um dia horrível e exibiria olheiras... Suspirou e olhou a paisagem de inverno. Daquela janela podia-se ver o muro do jardim, ao lado do gramado diante de Woodbank Hall.

O que viu a fez arregalar os olhos. Annabella passava pelo portão do jardim. Não conseguia ver muito bem sob aquela luz ainda indecisa da manhã, mas tinha certeza de que era a prima. Ela usava o traje de montaria com o chapéu de plumas que, particularmente, Mary achava pouco prático para uma amazona de verdade.

Pensou depressa. Se Annabella deixara a cama cinco horas depois do baile e ia sair a cavalo, só poderia ser por uma razão: encontrar sr. St. Charles.

A prima teria de acordar os criados da estrebaria porque não sabia selar um cavalo. Isso levaria algum tempo.

Contente por estar afinal fazendo alguma coisa, correu para apanhar seu traje de montaria. Alcançaria a prima antes que ela saísse e achava que poderia resolver tudo, sem ajuda.

Logo a criadagem estaria se levantando, pois aquela era a manhã da caçada. Lady Winter e lorde Burnham gostavam de sair cedo para a caça. Quanto a sir António... Ele precisava saber o que estava acontecendo. Respirou fundo e abriu a porta que dava para o outro quarto. Dessa vez bateu à porta da alcova, pois tinha muito medo que ele saltasse nu da cama, se o assustasse.

— António — chamou, baixinho.

A porta se abriu. Ramirez, os cabelos em desalinho, vestindo o roupão, sorriu para ela, sonolento.

—Mary! Você quer que eu a acompanhe na sua cavalgada matinal, minha querida? Deve ser o seu sangue inglês que lhe dá tanta energia depois de uma noite de baile.

—Antônio, Annabella foi para a cocheira e eu vou atrás dela — disse Mary, afobada. — Acho que ela vai se encontrar com o sr. St. Charles.

—Não diga mais nada, querida! — Alerta, Ramirez parecia determinado. — Eu havia me esquecido disso... Duvido que o sr. St. Charles mantenha seu compromisso matinal, depois de beber tanto, mas em todo caso... Você não pode ir sozinha. Espere, sim? Eu me visto num instante.

—Não. Se eu puder impedir que Annabella saia, será muito melhor. Ela ainda deve estar com o colar. Eu vou simplesmente pegá-lo de volta, de mulher para mulher.

—Vou ficar por perto, minha dama corajosa — disse ele, fechando a porta com um sorriso.

Mary tratou de afastar a ideia de que tudo seria melhor com a ajuda do marido e desceu sem fazer barulho. Saiu pela porta lateral, que nunca ficava trancada. Correu por entre a neblina que ainda pairava sobre o jardim.

Na cocheira encontrou um criado sonolento.

—Você viu miss Winter?

—Sim, madame. Saiu faz pouco, nem esperou um cavaliço. A senhora ia com ela?

—Sim. íamos sair juntas. Estou um pouco atrasada.

Ficou mais sossegada pelo rapaz mesmo ter sugerido uma desculpa razoável. Não poderia levar um cavaliço e lady Winter insistia em que as duas sempre fossem acompanhadas quando saíssem para cavalgar.

—Pode selar Mab, por favor? Depressa, sim?

Sim, milady.

O rapaz agiu rapidamente, enquanto Mary andava pelo pátio até o cavalo ficar pronto.

Depois de montar, ela pensou no problema de encontrar Annabella. Achou que o pátio da igreja da aldeia devia ser o melhor ponto para o encontro, já que a prima e St. Charles haviam se encontrado lá antes. Partiu a galope para a aldeia, pegando alguns atalhos, caso eles houvessem escolhido um deles para ponto de encontro.

Entrou na aldeia silenciosa quando os primeiros habitantes começavam a faina diária. As poucas pessoas com quem cruzou olhavam-na com curiosidade e uma

velha senhora lembrou-a de que a caçada era em outra direção. Mary acenou e sorriu.

Sua procura foi afinal recompensada. No campo além do pátio da igreja, teve a impressão de ver Annabella desaparecendo numa clareira. Esporeou Mab. Havia um caminho contornando o pátio que levava ao campo.

Num bosque de faias, Mary deu com a prima e o sr. St. Charles. Apesar de ter adivinhado a movimentação dos dois, surpreendeu-se um pouco ao encontrá-los. O orgulho pelos seus poderes de adivinhação foi substituído por ansiedade: como explicaria sua presença ali? Não poderia admitir o motivo real.

Annabella e seu galã ainda estavam montados e seus rostos mostraram incredulidade quando Mary se aproximou e parou junto deles. St. Charles tinha péssima aparência. Os olhos estavam vermelhos, inchados, e usava as roupas não com a elegância que sempre exibia, mas como se tivesse dormido com elas.

—Mary -- disse Annabella --, mas que diabo é isto?

—Que linguagem, prima! — disse Mary o mais suavemente que pôde. — Você precisa de uma acompanhante e aqui estou. Antes tarde do que nunca! Eu a vi saindo de casa e achei que planejava fazer alguma bobagem, apesar de nossa conversa de ontem. — Virou-se para o cavalheiro: — Tenho certeza de que não quer envolver Annabella num escândalo, não é?

Ele estava sem fôlego.

—Milady, miss Winter não... Eu tenho todo o respeito por ela...

—Sir, acredito, mesmo, que sim — replicou Mary, mais calma.

Estava se sentindo cada vez mais à vontade. Arranjara uma razão plausível para seguir a prima, e sir António logo os alcançaria. Só precisava segurá-los até que ele chegasse. Então pediria que devolvessem o colar.

— Enquanto o noivado de vocês permanecer em segredo, é preciso observar certas regras — continuou, suave. — Já houve um escândalo na casa dos Winter, causado por mim. Annabella precisa tomar muito cuidado.

—Noivado? — perguntou o sr. St. Charles com uma carranca.

—Sim — disse Annabella apressada. — Nosso noivado, sir St. Charles! Eu contei a Mary porque ela nos viu, no jardim...

—Ah! — A carranca não se desfez, mas ele não protestou. Mary tinha certeza de que o noivado só existia na cabeça da prima, desde a noite anterior. Realmente ela sabia se safar com mentiras... A conversa morreu.

—Então, Mary? — perguntou Annabella, ríspida, depois de uns momentos de silêncio constrangedor. — Você está mesmo resolvida a ficar atrás de nós como uma... uma guardiã! Está sendo muito tola. Não estamos na Espanha.

—Tolice ou não, eu considero que é meu dever.

Mary fez ar virtuoso, olhando em volta para ver se o conde aparecia. Esperava que ele adivinhasse o caminho que ela e aqueles infames haviam tomado.

—Então, vamos embora para casa — sugeriu Annabella. — O sr. St. Charles vai à caçada, não vai, sir? Não pode fazer lorde Burnham esperar.

—É verdade — concordou ele, e levou a mão ao chapéu. — Não posso desapontar lorde Burnham. Ele conta comigo, afinal foi para isso que vim visitá-lo, não é?

— É? — perguntou Mary, com um olhar significativo. Segundo lorde Ramirez, assim que o sr. St. Charles tivesse o colar roubado, voltaria para Londres. Duvidou que realmente pensasse em ir à caçada.

Mas ele começou um tal discurso sobre a grande necessidade que lorde Burnham tinha de sua presença, que Mary chegou até a pensar que o marido podia estar errado. Um esportista tão dedicado certamente não iria perder a caçada. Mesmo que o colar estivesse com ele, pensaria ser mais seguro tomar parte nos prazeres da perseguição à raposa, antes de continuar com seu negócio escuso.

— Bom dia, ladies — disse St. Charles abruptamente, no fim da arenga, e esporeou o cavalo.

Infelizmente, o cavalo dele estava muito perto da égua de Annabella e deu um coice perto da cabeça do animal. Ela puxou as rédeas, enquanto St. Charles desaparecia. A égua ergueu-se nas patas traseiras e num piscar de olhos Annabella escorregava da sela, guinchando.

— Ai! — gritou ela furiosa, sentada no chão. — Que dor! Mary, me ajude!

—Não posso com você — disse ela, abafando o riso. — Machucou-se mesmo?

—Nem parece muito interessada nisso! — resmungou Annabella, e não se levantou. Tirou um galhinho que se prendera em sua roupa e esperou.

Mary deu de ombros, desmontou com um pouco mais de graça do que a prima e ajudou-a a se levantar.

—Meu Deus, há uma mancha enorme atrás, na sua saia! Annabella começou a chorar, furiosa. Obviamente estava exausta e arrasada.

Um som de cascos se fez ouvir acima dos soluços. Sir António chegava, afinal, montado em seu negro Amadis. Saltou do cavalo.

— Então? — perguntou logo, com voz dura, para Annabella. — Onde está o colar?

Mary arregalou os olhos ouvindo-o falar daquele jeito com a prima, cujos olhos também se arregalaram.

—Como se atreve? — gaguejou ela. — Acabei de cair do cavalo, primo Tony!

—Sinto muito saber disso, *senorita*. Onde está o colar de granadas de minha esposa?

Annabella poderia ser astuta e negar tudo, mas talvez tenha sido o estado de tensão que a fez rir e dizer:

— Tarde demais. Aquela ladra — disse, apontando para Mary, perplexa — foi derrotada, afinal. Dei o colar ao sr. St. Charles há poucos minutos, antes de ela chegar para nos espionar. Agora ele tem sua herança de novo, graças a mim.

Mary a encarou, pálida, sem fala.

O conde foi mais ativo. Agarrando Annabella pelos ombros, disse, muito zangado:

— Criatura tonta! Não sabe que o que fez é uma traição ao seu país? Mary e Annabella olharam-no, boquiabertas. Lorde Ramirez estava furioso. Soltou Annabella com um safanão e montou.

— Para onde ele foi?

—Ele falou em ir à caça da raposa... — disse Mary. — Mas você achava que ele iria para Londres assim que pegasse o colar.

—Não importa. Hilltop House fica no caminho para Londres. Não vou perder muito tempo. — Sorriu para a esposa. — Fique sossegada, minha querida. Vai receber seu colar de volta antes do que pensa! — Virou-se para Annabella. — E você, cara prima, reze para que ninguém descubra seu papel nisso!

Saiu a galope, antes que Annabella pudesse responder.

—Ele não vai recuperar o colar — disse ela, erguendo a cabeça para Mary. — Sir St. Charles sabe se cuidar.

—Tomara que recupere... — disse Mary, sombria, pensando no que António quisera dizer chamando Annabella de traidora de seu país.

Olhou o marido que já ia longe. Depois, virou-se para a prima com ar severo e disse:

—E agora, mocinha, espero que me conte como roubou o colar de meu quarto.

—Eu? Rebaixar-me a roubar? — ela riu. — Foi Jenny.

—Aquela criada idiota! Eu sabia! — exclamou Mary, furiosa. A expressão de Annabella era de quem se divertia.

—Ela revistou seu quarto depois que fomos para o baile. Tive de mudar os planos muito depressa, entende? Nós havíamos pensado que você usaria o colar no baile e o sr. St. Charles o tiraria na primeira chance. Quando vi que não o estava usando, achei muito melhor Jenny ir ao seu quarto e apanhá-lo.

—Com que tranquilidade você fala em roubar!

—Roubar? O sr. St. Charles me contou tudo sobre você, Mary. Não precisa

bancar a inocente comigo. Sei que é uma ladra famosa.

—Pois muito bem. Ele lhe contou alguma história maluca e você acreditou. — Mary fez uma pausa e olhou a prima nos olhos. — Eu fico imaginando como você pôde ser tão estúpida.

—Foi você que guardou um objeto roubado em uma bota — acusou-a a outra, com um movimento de cabeça. — Agora vou para a caçada... Preciso dar um jeito para o sr. St. Charles não ser molestado por aquele horrível estrangeiro.

— Pensei que fosse seu "primo Tony" — retrucou Mary, docemente. Voltando as costas para Annabella, levou Mab até um tronco caído e usou-o para montar.

—Mary — disse Annabella, autoritária —, preciso que me ajude a montar.

—Não é uma pena? — Mary escondeu um sorriso, esporeou o cavalo e se foi sem olhar para trás.

Sua primeira ideia foi seguir lorde Ramirez na direção de Hilltop House e Londres, mas pensou melhor e tomou o caminho de Woodbank Hall, concluindo que só atrapalharia qualquer confronto com o sr. St. Charles. Quando chegou, o mordomo informou-a que lady Winter já saíra para a caçada. Sír Egbert, como de costume, se negara a ir, apesar dos protestos da esposa, dizendo que devia aquela prova de respeito ao vizinho.

Mary foi para o quarto, pensando na possibilidade de ir à caçada. Não faria mal algum estar por lá...

Sob a mesinha do toucador encontrou um papel mal dobrado endereçado a ela. Desdobrou e leu: "Venha ao meu quarto imediatamente. Papai".

Tirou as luvas, o chapéu, e correu para o quarto do pai. Não era comum ele acordar tão cedo.

Para sua surpresa, o capitão estava completamente vestido e fora da cama. Sentado em uma cadeira de preguiça, diante do fogo, era evidente que ardia de impaciência.

—Até que enfim! Pensei que jamais chegasse! Ouvi falar que aquele seu marido já saiu.

—Ah, sim, ele teve de resolver um probleminha — respondeu Mary. — Mas por que levantou tão cedo, papai? Algo está errado? Estou contente de vê-lo vestido, mas tem certeza de que não é esforço demais?

O capitão Winter nem fez questão de responder. Apontou a cadeira defronte da dele. Ela se sentou.

— Então, papai? — O silêncio durara quase um minuto e Mary estava

impaciente.

Suspirando, o oficial ergueu os olhos para o retrato da falecida. Ela também olhou o quadro. Seria apenas impressão ou o rosto de *dona Inez* parecia mais acusador que nunca? Estremeceu com a lembrança de infância de que o retrato sabia quando ela fazia alguma coisa errada.

— Sua mãe — disse o capitão — desejaria cortar minha cabeça por revelar o segredo. Mas a hora chegou, Mary. A hora chegou.

Ela simplesmente fez um movimento para que ele continuasse. O pai pigarreou, depois prosseguiu:

—Lembra do que eu falei quando estava doente? Você disse que mencionei as granadas quando delirava de febre e eu neguei quando voltei a mim...

—Achei aquilo meio estranho — disse Mary, cautelosa. Abriu a boca para contar ao pai que o colar fora roubado, mas alguma coisa a deteve. — O que você sabe sobre meu colar, papai?

—Minha querida — o capitão olhou para o fogo —, as granadas guardam um segredo. Sua mãe e eu achávamos que era melhor você não saber. Eu sei que Inez lhe disse que o colar era muito especial quando o deu a você.

—Ela disse para eu cuidar das granadas, que havia qualquer coisa cOm elas que um dia eu saberia. Você sabe disso.

—E agora vou dizer o que é... Você é uma herdeira, filha. Uma grande herdeira. O colar...

—Herdeira? Você sempre disse que éramos mais pobres que ratos — interrompeu Mary, surpreendida.

—É o colar. Sua mãe queria que o guardasse porque sabia que um dia você teria de apresentá-lo ao banqueiro que cuida de sua herança. Seu tesouro.

—Meu tesouro? — Os olhos de Mary se arregalaram.

—Ouro e jóias, um enorme baú que foi tirado da Espanha no começo da revolta — disse o capitão Winter, cada vez mais agitado à medida que falava. — O colar, entende, é uma garantia. O tesouro só será entregue à pessoa que apresentá-lo.

—Herança... — disse Mary, intrigada.

A ideia ia além de sua compreensão. Jamais imaginara que o segredo das granadas fosse uma fortuna. Pelo contrário, imaginava que as pedras pudessem ter um significado político. Aparentemente *dona Inez* pedira à filha para proteger seu próprio futuro quando lhe dissera para guardar o colar como se fosse a sua virtude.

De certa forma, Mary ficou desapontada. Mas de repente muitas coisas ficaram

claras: por que sir St. Charles armara um plano tão elaborado para apanhar as granadas, por que António calculara que ele iria imediatamente para Londres, assim que tivesse o colar nas mãos.

—Esse banco fica em Londres, naturalmente — murmurou por fim.

—Banco da Inglaterra — confirmou o pai.

—E António sabe de tudo... — Ela arregalou os olhos. — Foi por isso, papai, que você ficou tão preocupado quando ele se casou comigo! Sabia que ele tinha conhecimento da minha herança.

—Eu suspeitei, nada mais — disse o pai, remexendo-se, pouco à vontade, na cadeira. — A família dele conhecia sua mãe, na Espanha. Imagino que ele deva saber, embora fosse um segredo. Nem você sabia.

—Mas ele sabia — disse Mary para si mesma. — Ele devia saber antes de se casar comigo. É muito dinheiro, papai?

—Muito. O suficiente para garantir o futuro de vocês, filha.

Mary encontrou facilmente os detalhes que faltavam ao seu "namoro". Afinal descobrira a razão, o verdadeiro motivo para o conde se casar com ela tão de repente e estar ansioso pela união física, que garantiria

o casamento. Dinheiro! Sentiu um aperto no coração e um calor nas faces pensando em seu comportamento com ele no baile, no jeito íntimo com que o procurara naquela manhã, pedindo-lhe ajuda porque seu colar sumira. Não era à toa que ele estava ansioso por recuperá-lo. Teve uma sensação desagradável no estômago.

—Por que não me contou isso no dia do meu casamento, pai? Como pôde deixar eu continuar casada com aquele homem? Eu poderia...

— Parou de falar de repente.

Ela estivera muito perto de deixar o marido conquistá-la na noite anterior, mas como ia contar tal coisa ao pai? O capitão Winter entendeu.

—Bem, filha, você disse que não o deixaria tocá-la. Portanto, não me preocupei. Levei tempo pensando se devia lhe contar ou deixar as coisas como estavam, até eu dar um jeito de desfazer o casamento. Você é maior, consentiu, e Egbert me disse que não é fácil anular um casamento, mesmo não consumado.

Mary ficou desolada, pensando nos estranhos acontecimentos do dia do seu casamento, em Londres. Era impossível que lorde Ramirez tivesse planejado tudo. Ninguém poderia prever que ela se separaria de An-nabella. Mas o fato de ele ficar ao seu lado depois de salvá-la... Sem dúvida a reconheceria depois de vê-la no baile de lady Holland. Ele poderia facilmente ter descoberto sua identidade lá e se

aproximado do pai para ajudá-lo porque soubera que ela era filha de *dona Inez*.

Sentiu-se atordoada enquanto cenas desfilavam diante de seus olhos. Primeiro, sir Holland apontando-a para lorde Ramirez e os prováveis pensamentos dele. Perdera sua riqueza, ficara arruinado, e ali estava ela, com uma herança imensa. Uma jovem simplória, talvez, e ele não teria dificuldade em usar seu charme para envolvê-la...

— Não posso acreditar, papai! — murmurou, triste.

Mas o veneno já fazia efeito. A confiança que tivera de que aquele homem elegante e refinado pudesse ser atraído por ela, uma simples Mary Winter, morria aos poucos. Para lorde Ramirez, a confusão em Tattersall fora um golpe de sorte. Ele não tivera o trabalho de procurar Mary ou cortejá-la: ela caíra em seus braços.

— Ora, o que é isso, minha querida? — O capitão acariciou-lhe a mão. A tristeza no seu rosto devia ter despertado a simpatia do pai.

— Há mais do que um peixe no mar. A questão é: você quer dar seu dinheiro a ele?

— Não — disse Mary, furiosa.

— Muito bem. Eu sabia que você tinha amor à família. Sua mãe — olhou para o retrato — ficaria feliz. Você não vai ceder a um caça-dotes. Ela também fitou o retrato de *dona Inez*. O olhar da mãe pareceu-lhe mais severo. Mary procurou um lenço para enxugar as lágrimas que teimavam em correr pelas faces.

— Papai, você devia ter me contado isso antes! — Soluçou.

— Minha filha, errei em protegê-la tanto, mas o importante é que afinal você sabe. Agora, vamos ao banco receber aquele tesouro. Antes que lorde Ramirez saiba que eu lhe contei tudo. Vamos colocá-lo em outro banco, no meu nome...

— Duvido que Ramirez seja o único a se interessar pela minha herança. O senhor acha que tudo estaria resolvido se depositássemos a fortuna em seu nome, papai?

— Ora, Mary, é claro que eu a dividiria com você — sussurrou o capitão Winter.

— Ah, papai! Você não pode me culpar por eu estar confusa e precisar de algum tempo para pensar em tudo isso. Mas tem razão em uma coisa: se aquele homem se casou comigo pensando no dinheiro, ele não receberá um *pennyl*

O capitão estava animado com o rumo da conversa.

— Hoje é o melhor dia para irmos a Londres sem interferências, já que a xereta da Letícia está caçando e lorde Ramirez deve estar dando aula de esgrima. Egbert prometeu emprestar-me a carruagem. Precisamos ir logo. Vá buscar o colar e vamos embora.

— Papai, você me revelou coisas estranhas... — Detestava ter de contrariá-lo,

mas não tinha escolha. — Agora é minha vez. O colar desapareceu.

O retrato de *dona* Inez pareceu quase vivo. Mary e o pai olharam-no em silêncio.

—Desapareceu? — disse, finalmente, o capitão, engasgado. — Você não cuidou bem dele! Vá procurá-lo. Agora!

—Eu não o perdi, papai. Ele foi roubado.

Os olhos de sir Winter estavam arregalados e ele tentou se levantar. Depois caiu para trás na cadeira, ofegando:

—Tarde demais. Aquele espanhol foi mais rápido.

—Não foi ele, papai. O colar desapareceu enquanto estávamos no baile, ontem, e Annabella admitiu que fez uma criada roubá-lo para dá-lo ao seu namorado, o sr. St. Charles.

Os olhos do capitão quase saíram das órbitas desta vez:

—O que você disse? Do que está falando?

O segredo do colar só foi bem guardado de mim. O namorado de Annabella, sir St. Charles, sabia e mentiu para ela, dizendo que o colar era propriedade da família dele e que eu o havia roubado. Assim, ela deu um jeito de entregá-lo a ele. Sir António foi atrás, para recuperar o colar... — Suspirou. — Ele disse que vai devolvê-lo a mim...

—Você vai ficar velha esperando esse dia! — explodiu o pai. — É melhor irmos ao banco de qualquer maneira, filha. Podemos contar nosso lado da história.

—Pode ir a todos os bancos que quiser, papai. Eu pretendo procurar meu marido agora. Talvez ele esteja procurando o sr. St. Charles na caçada ou tenha ido atrás dele, para Londres. Preciso enfrentá-lo. Ele não pode ir embora sem me responder pelo que fez.

Sua voz falhou e ela virou a cabeça para que o pai não visse as lágrimas.

—Leve um criado com você! — gritou o pai quando ela saía do quarto quase correndo, na sua ansiedade de ir embora.

Mary sabia que teria de realizar aquela tarefa sozinha.

XII

Pouco depois as poderosas patas de Mab percorriam os sete quilómetros que separavam Woodbank Hall de Hilltop House. Mary sabia que haveria um almoço de gala depois da caçada. Os caçadores iam se reunir antes, de acordo com as regras da etiqueta inglesa, e a caçada não começaria tão cedo. Lorde Ramirez teria bastante tempo de enfrentar o sr. St. Charles, se ele tivesse realmente a intenção de participar do esporte.

Esperou que o conde não tomasse parte na caça à raposa. A tia e as demais pessoas do grupo não perdoariam a presença de um estrangeiro perturbando seu esporte predileto.

Quando chegou aos portões de Hilltop House, o silêncio a fez parar. Sentiu nos ossos que o grupo já saía.

O criado à porta informou que ela chegara tarde demais. Os caçadores haviam partido meia hora atrás. Deviam estar no campo do sul. Sim, o criado acreditava que o sr. St. Charles estava com os outros. O marido de milady, conde Ramirez, chegara logo depois de eles terem saído e fora atrás dos caçadores.

Agradecendo, Mary esporeou o cavalo e disparou na direção indicada. Os caçadores, os cães e os espectadores que se juntavam nos campos para ver a caçada deviam estar contentes com aquele frio dia de sol. Todos, menos a raposa.

O campo do sul estava vazio. Então, perguntou a dois meninos que brincavam ali perto que caminho tomara o grupo.

—Eles foram para o outro lado do campo, milady. Estão atrás de uma raposa que lorde Burnham jurou que ia apanhar. Todo mundo foi atrás. Para aquele lado.

—Obrigada. Espero alcançá-los um dia — disse Mary, sorrindo, e saiu a galope.

A excitação do cavalo era contagiosa. Quando ela viu os últimos cavaleiros, estava realmente embriagada com o ar e a velocidade. Aproveitaria bem aquele dia se as circunstâncias fossem mais felizes. Apesar de sua vergonhosa missão, exultava, como qualquer amazona, ao sentir o vento gelado nas faces.

—Viu lorde Ramirez ou o sr. St. Charles? — perguntou à primeira pessoa que encontrou, uma jovem que lembrou ter visto no baile.

—Palavra, eu não esperava vê-la aqui — retrucou a outra, como se tivesse achado uma mosca em sua sopa.

—Não vim como convidada. — Estava com muita pressa para se ofender. — Tenho que lhes dar um recado. Viu os cavalheiros?

Ou a jovem não os vira ou resolvera não falar com Mary. Meramente sacudiu os ombros. Ela não teve escolha senão continuar sua corrida.

As poucas pessoas a quem ousou se dirigir não tinham visto nenhum dos dois, mas alguém disse que o mestre de caça estava mais adiante e que a raposa seria cercada logo.

Ouvia latidos dos cães enquanto galopava em direção a um bosque de bétulas. Entrou em outro campo. Viu uma cena belíssima: a matilha de cães em disparada numa colina distante, lorde Burnham galopando atrás e vários cavaleiros seguindo o anfitrião. Seria lady Winter, a mulher em traje escarlate? Depois olhou para o cavaleiro alto, nos calcanhares do mestre de caça. Estavam longe demais para ela

ver as feições, mas tinha certeza de que era o sr. St. Charles.

Outro cavaleiro surgiu de dentro de um bosque. Lorde Ramirez!

Seu garanhão negro, Amadis, era perfeitamente reconhecível. Mary viu o marido emparelhar com o sr. St. Charles e provavelmente gritar no meio do barulho que os cães faziam.

Olhou de novo. No fundo da colina viu uma confusão de cachorros, ouviu os gritos exultantes de lorde Burnham, entre os latidos, e o som de uma corneta anunciando que a pobre raposa estava sem sorte.

Pensou em se juntar aos caçadores, mas a conotação agora era diferente. Não pensava em assistir à caça, pois tinha certeza de que ia ser como na infância, quando adoecera seriamente, depois de sua primeira e única tourada. Fizera-lhe muito mal ver o touro espicaçado a sangue, torturado pela habilidade fria do toureiro e, depois, deliberadamente morto. Falaria com o marido mais tarde.

Do seu vantajoso ponto de vista percebeu sir St. Charles separar-se dos outros caçadores e se afastar, açulando o cavalo. Saltou uma cerca. Lorde Ramirez ia atrás dele, voando com Amadis, que parecia não fazer o menor esforço. Os dois cavaleiros logo se tornaram um ponto no horizonte. Mary resolveu segui-los. Não queria assistir, nem de longe, a morte da pobre raposa.

Seu cavalo, Mab, exultou com a chance de pular a cerca, embora o animal ficasse cada vez mais excitado pelo reboiço da matilha de cães, dos cavalos e a gritaria dos homens. Apesar de ser a primeira vez que fazia isso com aquele animal, o salto da cerca foi perfeito. Dando rédeas a Mab, ela galopou atrás dos homens. Os dois haviam desaparecido.

Não cavalgara mais de dez minutos quando parou, diante de outra cena de violência: lorde Ramirez e o sr. St. Charles, desmontados, trocavam socos, perseguindo-se, levantando poeira do chão, enquanto seus cavalos esperavam, pacientes.

Fascinada, ela olhava. O sr. St. Charles, apesar de ser mais alto e gordo, parecia estar levando a pior. Não ficou surpresa. Lembrou-se de como lorde Ramirez derrubara Tom Trumble, um homem que tinha duas vezes o tamanho dele.

Quando o conde aplicou um soco no queixo do sr. St. Charles, o homenzarrão vacilou e um lampejo vermelho brilhou não muito longe de Mary. Ela piscou, olhando o pequeno animal peludo saltar sobre um riacho, com a ajuda de um galho, e desaparecer na mata. A raposa!

Mal havia identificado o animal quando uma matilha de cães passou por ela, juntando-se à margem do riacho, latindo e uivando. Alguns dos cachorros entraram na água, mas a correnteza era forte demais para eles se aventurarem a ir

adiante.

Em seguida, lorde Burnham, lady Winter e meia dúzia de cavaleiros passaram a galope. Vendo a matilha parada no riacho, o mestre de caça soltou um uivo que mais parecia vindo da garganta de um dos cachorros.

Mary não compreendeu. Tinha certeza de que os cães já haviam pegado a raposa e iam estraçalhá-la quando vira os caçadores ao pé daquela colina. Mas o ágil animal conseguira escapar.

A passagem do grupo levou apenas alguns segundos. Então, ela dirigiu sua atenção para o outro ponto de interesse: lorde Ramirez e sir St. Charles. Seus olhos se arregalaram de medo. No momento em que se distraíra, o homenzarrão sacara uma faca ameaçadora.

O conde estava desarmado, mas o conhecimento de esgrima veio em seu auxílio. Saltava e driblava seu oponente, e sua figura musculosa parecia caçoar da falta de agilidade do sr. St. Charles.

Finalmente, cansado daquilo, o sr. St. Charles soltou um urro ameaçador e avançou com a faca em riste.

Lorde Ramirez deu um salto para o lado, enquanto o outro perdia o equilíbrio e caía. O conde pôs um pé sobre o peito do homem caído, enquanto torcia o braço que segurava a faca. Depois, segurando a faca rente ao pescoço do outro, começou a revistar-lhe os bolsos.

Só quando relaxou foi que Mary percebeu o quanto estava tensa pelo terror. Desmontou e correu para o marido, quase tropeçando no sr. St. Charles, que continuava imóvel no chão, com uma expressão de ódio no rosto.

—Eu vi quase tudo. Você foi tão ágil, António!

—Mary! Achei que você viria. Não sei como, mas senti que você conseguiria. Tenho a honra de devolver o que é seu — disse, sorrindo, e colocou o colar de granadas no pescoço dela.

Então, ela se lembrou de como estava furiosa com ele. O medo pela segurança de lorde Ramirez a fizera esquecer a mágoa e a desconfiança. Tocou o colar. Por que ele o devolvera, se possuía o caráter desprezível que ela lhe atribuíra?

—António... — murmurou. — Eu sei.

—Sabe?

—O tesouro.

—Ah! — Pelo brilho dos olhos negros, teve certeza de que ele sabia de tudo. — Eu pensei que não soubesse.

—Meu pai me contou, há menos de uma hora, que sou uma herdeira. O colar é a chave do tesouro. Como só fiquei sabendo agora, por que você se casou comigo?

— perguntou, tentando ser impessoal. — Foi por causa da herança?

—O capitão lhe disse isso? — indagou ele, com o rosto vermelho de raiva.

—Sim. Disse. — Mary devolveu-lhe o olhar de raiva com um de fúria total.

—Você pensa *isso* de mim?

A voz dele mostrava incredulidade e ela ergueu o queixo desafiadora.

—O que mais tenho de pensar?

—O que quiser, evidentemente — respondeu ele, ríspido. — Se permitir que eu explique...

—Não quero suas desculpas — interrompeu ela. — O que eu quero saber é: quem é sir St. Charles e como ele sabia de meu colar?

—Ele é alguém que estou procurando há muito tempo.

Lorde Ramirez pareceu aliviado por mudarem de assunto, e Mary, que não queria ter qualquer dúvida a respeito do fato de ele ter se casado com ela por interesse, também achou melhor falar sobre outra coisa, por enquanto.

— Ainda bem que os caçadores passaram — ele continuou. — Preciso mandar alguém buscar a polícia... Este homem, Mary — apontou para o sr. St. Charles, que ainda estava imobilizado no chão —, é um espião francês. Ele foi encarregado de se apoderar do seu tesouro para os bonapartistas. Foi por isso que veio para cá.

—E foi por isso que ele cortejou Annabella — disse Mary, compreendendo. — Como ele recebeu a informação?

—Os negócios de França e Espanha estão muito interligados — explicou o conde. — Mas não tanto quanto os franceses gostariam. Eles têm agentes em todo lugar, e sem dúvida os tinham na Espanha, na época em que juntamos o tesouro.

Juntamos, pensou ela. Que termo mais esquisito!

—Imagine só, um jovem com um aspecto tão inglês, ser espião francês! — comentou, então, sacudindo a cabeça, afastando os demais pensamentos que a desconcertavam.

—O que houve aqui? — indagou uma voz familiar, e Mary voltou-se, vendo lady Winter vir em sua direção, pisando na lama, sem se importar com sua roupa. — Mary, minha filha, que é isso? Pensei que você soubesse que usar jóias com... Ah! É seu colar. Seria muito melhor, minha cara, se o tivesse usado ontem.

—Tia, estou usando porque...

Mary hesitou, pensando em como contar aquela história estranha e complexa a alguém que não sabia de nada. Resolveu que não havia jeito fácil.

— E a raposa? — perguntou, para distrair a tia daquele assunto. Lady Winter fez um muxoxo de raiva.

—Os malditos cachorros foram tapeados pelo cheiro de uma raposa morta, lá

atrás no campo, junto da colina, provavelmente colocada ali por um dos arrendatários de sir Burnham, para atraparlar a caçada. Ele não é muito popular entre os pequenos proprietários. Mas isso não vem ao caso!

A lady fez uma pausa para respirar e prosseguiu:

—Enquanto isso, nossa inimiga, a raposa, apareceu. A velha Dolly farejou-a de novo. Não há cachorra como ela, ninguém a engana! Aí encontramos o fim da trilha na água. Burnham está querendo estraçalhar a primeira coisa que vir.

—A raposa saltou no rio daquele galho — disse Mary. — Que pena, tia! — Estava feliz pela raposa, mas teve a cortesia de não demonstrar.

—Ora essa! O que é isso? Sir St. Charles está doente? Precisamos chamar o boticário... — Lady Letícia suspirou pela última vez pela raposa que escapara e voltou sua atenção para o assunto que a interessava agora.

—Não, lady Winter. Na verdade, este homem é meu prisioneiro — disse lorde Ramirez, inclinando-se. — Ele estava com o colar de minha esposa e eu o tomei de volta, antes que pudesse vender o segredo do colar aos franceses. Tenho motivos para acreditar que ele trabalhava para os bonapartistas.

—Quê? Este cavalheiro? Mas se eu praticamente o aceitei como pretendente de Annabella... Vocês o viram montando, hoje? Ela não poderia desejar homem melhor.

—Infelizmente — disse lorde Ramirez —, ele é também um traidor que procurava entregar uma grande fortuna espanhola à causa francesa. Este país seria invadido assim que ele partisse.

—Mary! Isso é verdade? — perguntou lady Winter, incrédula.

—Acho que sim, tia. O sr. St. Charles tem agido de forma muito suspeita e acho que ele usou Annabella para chegar ao colar. É muito complicado...

—Alguém usou minha filha por motivos egoístas, é isso que você quis dizer? — De repente a lady ficou animada. — Usando Annabella e não o contrário? Ora! Isso é novidade!

Nesse ponto, um gemido do sr. St. Charles chamou a atenção dos outros para sua indigna posição. Lorde Ramirez ajudou-o a se erguer. Quando ele já estava em uma situação mais confortável, vários cavaleiros haviam se aproximado para saber o motivo da altercação. Só lorde Burnham permaneceu junto do riacho, amaldiçoando sua sorte e a raposa vitoriosa.

—Meu Deus! — disse o sr. St. Charles e, vendo os homens, fechou os olhos. Depois, aparentemente resignado, abriu-os de novo.

—Sir St. Charles — disse lady Winter —, minha sobrinha acaba de dizer que o senhor é um espião e um ladrão de jóias. Isso é verdade?

—Minhas preferências políticas podem ser diferentes das de todos os senhores — respondeu ele, com a maior frieza. — Nada mais tenho a dizer.

—Ah, então devo entender que não tem nenhum interesse em minha Annabella? O que me diz a isso?

St. Charles encarou-a:

— A jovem é encantadora — respondeu, com um movimento de ombros. — Muitas outras também. E tinha a vantagem de morar na casa onde estava o colar que eu queria. É uma simplória encantadora.

Virando-se para lorde Ramirez, ele falou em francês. Falava tão bem que todas as dúvidas quanto à nacionalidade e à culpa dele esvaíram-se do pensamento de Mary. Aquela pronúncia tão parisiense não poderia ser apenas resultado de uma boa educação inglesa.

O conde respondeu na mesma língua. Ela esquecera muito do francês que aprendera em criança, mas entendeu que o sr. St. Charles perguntara o que seria dele agora e lorde Ramirez respondera que ia ser detido e seria solto se sua inocência fosse provada.

—Um francês! Imaginem só! — exclamavam os homens ao redor. A conversa entre os cavalheiros foi ficando excitada e lorde Ramirez pediu que alguém fosse chamar a polícia, enquanto ele ficaria com o acusado até que as autoridades chegassem.

— Ora, não precisa ir buscar ninguém. Lorde Burnham — disse um dos homens, olhando para o riacho — é o magistrado das redondezas.

Ao ouvir aquilo, o conde não pôde conter uma risada.

Mary tentou controlar sua própria hilaridade nervosa: a ideia de ver lorde Burnham prendendo seu convidado e mais novo favorito tinha um tempero de humor que a fazia rir.

De repente, o som de cascos fez todo o grupo se voltar. Annabella, com o chapéu mal colocado e a roupa suja de lama, provas de uma corrida maluca e talvez de uma queda, entrou em cena, meio torta em cima de sua égua.

— Ah, querido sr. St. Charles, esse bruto o machucou? — gritou, saltando do cavalo e abraçando o perplexo francês. — Não se preocupe, vamos provar que ele é um ladrão mau, como minha prima.

St. Charles e lady Winter se entreolharam. Ele fez um movimento tentando se soltar dos braços dela.

— Eu nunca vou abandoná-lo — continuou Annabella, com um suspiro romântico.

Os outros membros da caçada ergueram as sobranceiras diante da cena. O sussurro das conversas foi se tornando mais baixo e Mary concluiu, pelo que pôde

ouvir, que não eram lisonjeiras para com sua prima.

— Annabella, minha querida filha — disse lady Letícia num tom de prazer mal contido —, esse que você está abraçando é um espião francês. É melhor largá-lo.

Annabella olhou para a mãe, com ar de quem nada ouvira.

— Mamãe, talvez esta não seja a melhor hora para lhe dizer, mas eu e o sr. St. Charles estamos noivos. A senhora está errada e sabe muito bem disso! Ele não pode ser um espião. Ele me contou toda sua vida.

O francês resmungou ao ouvir aquilo e desistiu de escapar do braço teimoso que envolvia seu pescoço. A conversa entre os cavalheiros foi ficando mais alta e tomando um tom mais excitado.

Mary sentiu pena da prima. Ela havia se arruinado afirmando estar noiva de um espião francês. Não era o caso de se pensar agora se os planos de casamento existiam apenas na cabeça de Annabella ou se o

sr. St. Charles adoçara seu pedido do roubo do colar com alguma promessa. A reputação de Annabella estava em frangalhos.

— Prima Annabella — disse Ramirez, dando um passo à frente —, não pode se casar com esse traidor. Posso ajudá-la a montar? É melhor voltar para casa agora.

Annabella ergueu a cabeça e olhou, desamparada, para o homem que ainda agarrava. O sr. St. Charles ficou da cor de tijolo e desviou os olhos.

— John! O que significa isso? — gritou ela, fora de si. — Diga a verdade a eles. Mary e o marido queriam roubar sua herança. É natural que eu tivesse de ajudá-lo a recuperar o colar. — Pousou um olhar venenoso na prima. — Embora eu veja que ele está com você, sua egoísta!

Mary não soube o que responder. Se não fosse inútil, suplicaria a Annabella que ficasse calada antes de parecer cada vez mais culpada de colaborar com um espião francês. Todo o condado estava assistindo àquela cena.

Lorde Ramirez percebeu sua aflição e interferiu. Pigarreando alto, disse:

— Minha prima está extenuada. Acho que se encontra em estado de choque. Não sabe o que diz. Não é melhor levá-la para casa imediatamente, lady Winter?

— Eu não vou para casa! — revoltou-se Annabella. — E o sr. St. Charles não é francês. Ele é tão inglês quanto eu e mais inglês do que qualquer um de vocês! — Olhou, desafiadora, para Mary e lorde Ramirez.

Ninguém, inclusive o sr. St. Charles, teve algo a dizer a esse rompante idiota. Annabella olhou a sua volta, para o mar de rostos curiosos. Finalmente, soltou os braços do pescoço do pretenso noivo.

— Lorde Ramirez tem razão, filha. Este não é lugar para você — disse lady Winter, sem muito de sua atitude orgulhosa. — Vai para casa agora mesmo. E eu quero

chegar ao fundo desta história.

—Eu também — disse Mary. — Vocês podem ir para casa se quiserem. Eu vou a Londres. Ao banco.

—Banco? — perguntaram uma dúzia de vozes perplexas.

O conde aproximou-se de Mary, olhou-a dentro dos olhos e disse:

—Tem razão. Por sua causa e pelo seu bem-estar, temos de chegar ao fundo disso. E imediatamente.

—Você não deve ir a lugar algum sem mim, Mary — interveio lady Winter.

—Sem mim também! — intrometeu-se Annabella. Seus olhos brilhavam. — Mas o que esse banco idiota tem a ver com tudo isto?

Houve uma pausa e lorde Ramirez pareceu se conformar com a participação das senhoras Winter. Nem tentou dissuadi-las, o que deixou Mary intrigada. Percebia, entretanto, que qualquer tentativa de se livrar de mãe e filha estaria fadada ao fracasso. Annabella e lady Winter eram muito iguais na teimosia.

— Para Londres — disse lorde Ramirez. — Ladies, vamos cavalgar?

XIII

O grupo nem tinha chegado ao fim do primeiro campo quando os ginchos queixosos de Annabella sobre desconforto e cansaço atraíram o olhar de lorde Ramirez.

—É melhor levar prima Annabella para casa e depois irmos a Londres. Além disso, estes cavalos já estão exaustos pela caçada.

—Vocês não vão me levar para lugar nenhum e depois me deixar! — replicou Annabella. Mary nunca a ouvira usar aquele tom com um homem. — Eu também vou!

—Se pararmos em casa é melhor pegarmos a carruagem. Duas, aliás, se ela insistir em ir também — disse lady Winter.

—Mamãe!

Uma forte contenda entre mãe e filha animou o resto do trajeto até Woodbank Hall. O conde e Mary cavalgaram lado a lado sem se olharem. Chegavam aos portões quando ela disse:

—Já que estamos aqui, insisto em que papai vá conosco. — Fez uma pausa e olhou para o marido. — A não ser que você tenha medo do que ele vai revelar sobre minha herança.

—Como não? — retrucou, lorde Ramirez. — Ele que vá, se quiser. E precisamos nos apressar para pegar o banco aberto.

Mary julgava conhecer o pai o suficiente para garantir sua participação na ida à capital. Quando irrompeu pelo quarto, com a história confusa sobre o namorado de Annabella ser um espião que queria o colar, o capitão Winter ficou instantaneamente alerta. Seus claros olhos azuis brilharam quando ele viu as granadas em segurança, no pescoço da filha.

—Então, lorde Ramirez afirma que é um espião francês quis se apoderar delas? — disse, bufando. — Aposto que foi muito fácil para ele arranjar um amigo para fazer o papel de ladrão. Assim, recuperou o colar, você lhe fica grata e ele se vai com sua fortuna.

—Meu Deus, papai! As evidências mostram que o sr. St. Charles está trabalhando para o governo francês. Provavelmente ele é meio francês. Seu sotaque é perfeito, por exemplo.

O capitão sacudiu a cabeça.

—Todo inglês aprende francês.

—Exatamente. E você sabe como a maioria fala uma língua estrangeira, principalmente o francês. O sr. St. Charles fala como um parisiense. Percebi as inflexões exatas, como as de mademoiselle Fleur, que me ensinou.

—E acha que isso é uma prova?

O capitão falava de sua cama, para onde se retirara depois de ficar desapontado com o roubo do colar. Jogou as cobertas para um lado. Estava completamente vestido, com exceção das botas e do chapéu.

—Que sorte eu já ter me vestido... — comentou, levantando-se.

—Papai, podemos não confiar em Ramirez, mas estou com o colar agora. Ele me devolveu. — Tirou a jóia do pescoço e colocou-a num bolso. — E se ele ficar com o tesouro agora, como tem todo o direito, provavelmente irá embora e ficamos como antes.

Embora risse ao falar aquilo, num forçado tom alegre, seu coração estremecia à simples ideia de o marido deixá-la.

—Não tanto. Eu não posso sustentá-la — disse o capitão, soturno. — Com metade do meu soldo, como oficial reformado, vou depender de Egbert para sempre. Seria tão bom se voltássemos para a Península, Mary! — Ele suspirou, e a filha sabia que pensava no ferimento que o invalidara.

O pai jamais se preocupara com dinheiro quando era capaz de ganhar o suficiente para as necessidades da família com sua profissão, a carreira militar. Sendo desprendido, nunca sabia ao certo o quanto ganhava. Mary se lembrava de como a mãe dizia que os homens eram criaturas pouco práticas. Sentia que a obsessão do pai pelo colar não era uma questão de avareza. Era apenas uma ideia

fixa, nascida da sensação de insegurança por se sentir incapaz de cuidar de si próprio e do futuro da filha.

Ela não acreditava que lorde Ramirez fugiria com o dinheiro. Mesmo tomando posse de tudo, fosse qual fosse a quantia, ele dividiria com ela e com seu pai. Em questões de propriedade, a lei poderia estar a favor do marido, mas bem no fundo sabia que ele era um homem honrado demais para roubá-la. Principalmente agora, que o caso se tornara público, pensou, sem querer, com certa desconfiança.

Se ao menos pudesse saber se ele casara com ela por causa da herança! Parecera tão ofendido com a insinuação. Entretanto, admitira ter conhecimento daquela fortuna antes de se casarem. Aquilo, sem dúvida, depunha contra sua honestidade.

—Vamos logo! — A voz de lady Winter ecoou pelo corredor e penetrou pela pesada porta do quarto do pai. — A carruagem já está esperando.

—Ela também? — O capitão suspirou. — Era só o que faltava! Mary ajudou-o a vestir o sobretudo e a calçar as botas, dizendo-lhe da melhor forma possível que não só lady Winter, mas também Anna-lla seriam suas companheiras naquela estranha viagem. O homem ficou apavorado, mas se recusou a desistir da ida a Londres. Ela sentou-se entre o pai e lorde Ramirez, na carruagem, enquanto Annabella e a mãe trocavam alfinetadas verbais no assento da frente.

—Sua exibição como cúmplice de um ladrão e espião, Annabella, vai modificar completamente nossa vida social — dizia lady Winter com satisfação.

—Mamãe, quem além dessas criatura acusariam o caro St. Charles de ser espião? Vamos descobrir que tudo é um terrível engano.

—Humm. Diga o que disser, você bancou a boba hoje. Não posso leva-la a lugar algum enquanto não esquecerem esse escândalo. Não adiantaria, não é? Eu tenho de ter um retorno prático de qualquer investimento de tempo que fizer...

—Escândalo? Que escândalo? — provocou Annabella, insolente.

—Ora! Passou a manhã pendurada no pescoço de um rapaz que pouco está ligando para você, diante de todo o condado! Se não houvesse outra coisa isso já seria suficiente. Mas como ele é um espião, amanhã você vai estar mais falada que sua prima Mary!

—Não fiz nada errado — disse Annabella, corando. — Simplesmente, acreditei num homem que me pareceu honesto. — E, olhando sombria para Mary: — Tão honesto quanto ela não é. Por que acha que a história vai se espalhar, mamãe?

—Precisamos estar preparadas para qualquer eventualidade, filha, não é agradável

pensar em você presa em casa, se lamentando, o que não vai adiantar. A não ser que... — Um pensamento súbito fê-la animar-se. — Pode ficar com sua tia Ismena, em Bath. Ela escreveu de novo, dizendo que adoraria ter você lá... e gosto não se discute.

—Aquela velhota? Prefiro morrer de tédio aqui! — rebateu ela. Pelo jeito que ela olhou para o conde, Mary concluiu que a prima não sairia de uma casa onde houvesse um homem jovem, mesmo que o desprezasse como estrangeiro.

—Bem — disse lady Winter, suspirando —, lembre-se: se o escândalo estourar, qualquer lugar do Reino Unido irá parecer muito melhor do que as quatro paredes do seu quarto, filha. Não vou me preocupar em levá-la para onde eu for, a não ser que haja uma oportunidade decente para casá-la. E isso, minha querida, encerra nossa conversa. Meu Deus! Quando vou ter sossego?!

—Não vou a lugar algum — teimou Annabella, com desprezo. — Não rasguei minhas roupas em Tattersall!

Enquanto a luta continuava entre as ladies Winter, Mary lamentava o tamanho pequeno da carruagem de sir Egbert- A presença de lorde Ramirez já teria enchido a carruagem se as Winter não o conseguissem. Além disso, o quadril dele pressionando o de Mary lembrava-a constantemente de que o marido estava ali. De vez em quando ele lhe sorria e, embora às vezes em dúvida sobre sua honestidade, ele se surpreendia retribuindo o sorriso.

Para evitar essa situação vexatória, dirigiu a atenção para a janela. Iam entrando em Londres. Depois da manhã brilhante, o dia se tornara nublado. Havia um toque de neve no ar e um cinzento penetrante fazia as ruas parecerem mais sombrias do que *de* costume. Mary ficou surpresa mais uma vez por amar e querer conhecer melhor um lugar tão pouco atraente. A gélida Londres não tinha nada a ver com as cidades luminosas e coloridas da Península. Entretanto, a fascinava como nenhum outro lugar do mundo.

Quando chegaram ao centro, Mary ficou alerta. Nunca havia visitado a parte financeira da cidade, e os edifícios, construídos para resistirem a qualquer vicissitude, impressionaram-na tanto quanto ver, pela primeira vez, Carlton House. Logo depois a carruagem parava diante de uma enorme estrutura, na rua Threacneedle.

—O Banco da Inglaterra — disse lorde Ramirez, olhando sobre o ombro, enquanto ajudava Mary a saltar. — É impressionante!

Possessivamente, o capitão Winter tomou o braço da filha. O conde ajudou as outras senhoras, e o grupo entrou no prédio.

Uma vez dentro do lúgubre edifício, cheio de funcionários apressados, Mary não teve ideia do que fazer. Deveria pedir seu "tesouro espanhol" à primeira pessoa que parecesse uma ai»toridade? De repente, a coisa toda lhe parecia idiota, como parte de um conto de fadas. Não podia haver um tesouro ali. Coisas práticas e livros contábeis eram os pertences apropriados de um banco tão digno, enquanto que um tesouro deveria estar enterrado íuma caverna ao longo da costa.

Reunindo pessoas vestidas com roupas de mcontar amassadas e, no caso do capitão Winter, um casaco matinal, bastfante usado, mais conveniente para ser usado em casa, o grupinho recebeu pouca atenção dos funcionários. De repente, um homem de cabelos grisalhos, com ar sensato, vestido conservadoramente, fez uma reverência profunda e respeitosa.

— Lorde Ramirez! Que agradável surpresa! O sr. Adolph ficará encantado de vê-lo e a seus amigos.

O sorriso de lorde Ramirez era brilhante quando ele fez as apresentações:

— Este é o sr. Platt, um cavalheiro que tem me ajudado muito, em várias ocasiões.

Mary estava perplexa. O sr. Platt fez uma reverência diante dei e tratava seu marido como a um nobre. Um mestre de esgrima não podia ter negócios em escala que o tornassem importante para banqueiros. Ou podia?

Os visitantes foram levados para o andar superior. Percorreram um corredor. O sr. Platt parou diante de uma fileira de portas de mogno e abriu uma delas.

— Lorde Ramirez precisa lhe falar, senhor — disse para dentro da sala.

Ele devia ter muita certeza de que seriam recebidos, para levá-los até a porta e só então anunciá-los, foi o primeiro pensamento de Mary. Uma voz ordenou que entrassem, e o sr. Platt inclinou-se diante deles, fechando a porta cuidadosamente depois que entraram.

Era um escritório suntuoso de cujo estilo ela imaginou que fossem todos os escritórios ricos da capital: cortinas de veludo bordo, uma estante de livros encadernados em couro. Por trás de uma imensa mesa, no centro da sala, um cavalheiro forte ergueu-se. Todo de cinza, como o sr. Platt, tanto o cabelo quanto as roupas, esse homem tinha uma aura de prosperidade, de dinheiro recém-impresso.

— Meu caro lorde Ramirez! Veio ver como vão seus investimentos? Não se preocupe, fizemos tudo como sugeriu e as coisas estão progredindo. Ah, desculpem-me. Trouxe seus amigos para falar comigo?

Lorde Ramirez apresentou a esposa, o sogro e as ladies Winter ao sr. Adolph,

seu conselheiro financeiro.

O capitão Winter, lady Winter o sr. Adolph trocaram algumas palavras, enquanto Annabella, ao lado, fazia uma carranca. Mary cochichou no ouvido do marido:

— Quanto ganha um mestre de esgrima?

Ele apenas sorriu e deu-lhe umas pancadinhas na mão. Disse ao sr. Adolph:

— Eu trouxe minha família, hoje, com um propósito muito particular, sr. Adolph. Minha esposa, lady Ramirez, é a possuidora de uma peça muito especial. Mary?

Sentindo-se como se estivesse num palco, Mary tirou do bolso o colar de granadas.

—Meu Deus! — exclamou o sr. Adolph, olhando as pedras. — O colar espanhol! Não é possível!

—É o próprio — garantiu lorde Ramirez.

O sr. Adolph conseguiu ser severo e diplomático, ao mesmo tempo.

—Há muitos colares de granadas, meu caro sir. A chave? Delicadamente, o conde tirou o colar das mãos de Mary e abriu o fecho. Ela olhava atentamente e ficou admirada quando a granada maior da montagem em ouro moveu-se para revelar um pequeno compartimento oblongo. Dentro havia uma chave minúscula.

—Pegue-a, minha querida — pediu lorde Ramirez. — Seus dedos são mais delicados para esse trabalho.

Tirando as luvas, Mary extraiu a pequena chave de ouro com a ponta da unha.. O capitão olhava tudo aquilo com ar alerta.

—Como você sabia disso? — perguntou a lorde Ramirez, então.

—Muitas famílias espanholas foram informadas. Eu acho que sabe por quê, sir...

O capitão fez cara feia e não disse nada. Mary olhou atenta para o pai, mas não percebeu qualquer reação.

—Uma pequena chave no colar. Imagine só — admirou-se lady Winter. — Você sabia disso, Annabella?

Pela primeira vez a tagarela miss Winter não encontrou palavras para responder. Simplesmente sacudiu a cabeça, olhando a chave na mão de Mary.

—Bem! Este é um dia importante — disse o sr. Adolph, e tocou uma campainha.

Quando o sr. Platt entrou, Adolph deu-lhe instruções para que fosse ao cofre e voltasse com o item cinquenta e três.

O homem saiu apressado e o sr. Adolph se ocupou dispondo cadeiras para as visitas. Parecendo perceber a tensão entre os membros do grupo, não tocou mais no assunto que os trouxera ali.

Mary sentava-se na melhor cadeira da sala. O sr. Adolph a oferecera a lady Ramirez, e ela, embora temendo desrespeitar a tia, não soubera como recusar. Apesar de sua intenção de não ficar muito nervosa, a ideia de o sr. Platt entrar com uma enorme arca cheia de ouro não podia deixar de excitar-lhe a imaginação. Lorde Ramirez lhe devolvera o colar, mas ela não voltou a colocá-lo no bolso. Segurou-o com uma mão e a chave com a outra.

Devagar, a porta se abriu, e o sr. Platt entrou. Para surpresa de Mary, ele não vinha acompanhado por funcionários carregando um enorme cofre-forte, como imaginara. Em uma das mãos ele trazia um pacote. Olhou, intrigada, para o pai. Ele olhou simplesmente para ela, sem se alterar.

—Que grande tesouro pode haver nesse pacotinho? — caçoou Annabella, começando a se refazer. — Os estrangeiros exageram tanto, mamãe!

—Cuidado com a língua — respondeu lady Winter e, quase automaticamente, ergueu seu chicote de montaria para a filha.

—Ah, muito obrigado, sr. Platt — disse Adolph, e se aproximou de Mary enquanto o funcionário se retirava. — Queira fazer as honras, madame — pediu, colocando o pacotinho nas mãos de Mary.

Ela desembalhou o pacote, revelando uma caixinha de ouro. A minúscula chave entrou facilmente na pequena fechadura e a moça abriu a tampa. Era forrada de veludo preto e continha uma carta dobrada, endereçada a Mary Winter!

—Meu Deus, é a letra de mamãe! — emocionou-se Mary, desdobrando o papel.

—Que mulher! — resmungou o capitão. — Nunca pôde ficar de boca fechada.

Mary desdobrou o papel e leu. A carta estava escrita em espanhol. Era datada de um mês antes da morte da mãe:

"Minha querida filha,

Talvez você fique surpresa ao descobrir que eu a escolhi para guardar e proteger o tesouro que foi deixado aos meus cuidados. Sabendo que tenho pouco tempo de vida, já lhe dei o meu colar de granadas. No dia certo você pegará a pequena chave guardada na pedra maior da jóia e receberá esta minha missiva.

No banco em que encontrar esta carta, está depositado um grande tesouro. Essa riqueza foi doada, não só por minha família, mas por várias casas favoráveis à causa da libertação da Espanha, que esperamos alcançar através de Fernando, nosso monarca exilado. Aqueles que se apresentarem a você, simpatizantes de nossa causa na Inglaterra, providenciarão para que esses fundos sejam enviados

aos nossos correligionários, em Cádiz. Sei que sabe pouco sobre minha vida como ativista contra o regime absolutista, mas todos temíamos por sua segurança. Eu a vi transformar-se em uma mulher decidida e forte, em alguém que merece a confiança que depo-sitei em você. Sua mãe que a ama, Inez."

Quando Mary ergueu os olhos, eles estavam marejados de lágrimas. A letra da mãe trouxera de volta muitas lembranças. Não ficou surpresa por ver tantos pares de olhos fixos nela.

— Vou ler a carta para vocês. — Ia começar a leitura, quando o sr. Adolph pigarreou, discretamente, o que a lembrou de que os outros não sabiam castelhano. Foi traduzindo à medida que lia. No fim, olhou para o pai. — Papai, essa fortuna não é minha. Você sabia?

O capitão resmungou coisas ininteligíveis. Depois, falou:

— Inez, nunca pude fazer você ficar calada! — Olhou para a filha. — Não, eu não sabia da carta... A língua de sua mãe não podia ser controlada. Eu sempre lhe disse isso!

— Ah, papai. — Mary sacudiu a cabeça, desapontada. — Você esperava que ficássemos com o dinheiro? Ele foi levantado para a causa da Espanha!

— Causa! — exclamou o capitão. — Esse dinheiro é particular e a família de sua mãe foi uma das que mais doou. Acha que tem menos direito a ele do que aqueles tolos dos Bourbon? Mary, até seu marido aqui pode dizer que a preciosa causa de sua mãe era tolice, Fernando é um Bourbon, não é? Eu o conheci na corte, há muito tempo. Para mim ele é um farsante! Você pode imaginar um rei de Espanha, com um parlamento que irá controlar tudo?

— O senhor não entendeu — interferiu lorde Ramirez. — Ele só voltará ao trono se aceitar a nova Constituição. Para começar, queremos o fim da Inquisição. Que regente esclarecido não aceitaria isso?

— Mary — disse o capitão, enfasiado, como se não tivesse ouvido genro —, eu estive na Espanha. Estamos lutando para lhe devolver seu rei, não estamos? O rei que o povo deseja é um rei à antiga. Absoluto. Que não receba ordens de ninguém.

- Papai, o que dizem não faz diferença. O dinheiro não foi levantado para você ou para mim. Precisamos providenciar para que ele vá para a causa a que foi destinado, não importa o que você pense de sua probabilidade de sucesso.

— Está jogando a riqueza fora — disse o pai, dando um soco no braço da poltrona. — Poderíamos ir para Dover e de lá ir embora da Inglaterra, com o tesouro. Ou vamos deixar um francês roubá-lo?

Capitão — contemporizou Ramirez —, sua filha quer dizer que pretende fazer

a vontade de sua falecida esposa. O senhor negaria a ela a felicidade de servir à mãe pela última vez?

—Odeio desperdício! — murmurou o capitão.

Mary olhou para o marido com os olhos brilhantes:

—Você sabia de tudo isto, não é? Tinha conhecimento do tesouro e sempre achou que ele devia ir para essa causa, não para mim.

—Não sou eu quem tem de lhe dizer isso, minha cara. E esperava que você ficasse sabendo de tudo aqui, como aconteceu. Todos nós imaginávamos que sua mãe devia ter escrito uma carta.

—E acredita, sir, que há esperança? — indagou Mary, emocionada. — Que o rei voltará à Espanha para reinar, como um rei inglês?

—Muitas famílias esclarecidas espanholas têm dúvidas — disse lorde Ramirez, muito sério. — A minha é uma delas. Mas qual é a alternativa? Sermos governados pelos Bonaparte? É inconcebível. E sabe, tão bem quanto seu pai e eu, que o povo de Espanha quer seu rei de volta. O povo está lutando até a morte. Não temos escolha, a não ser colocar Fernando de novo no trono, oferecendo-lhe a Constituição de Cádiz.

—Eu compreendo — assentiu a moça.

—Eu não! — revoltou-se o pai. — É uma tolice inútil, se querem saber. Eu conheço bem a Espanha e...

—Que palavras estranhas, *senor*, para um capitão do Exército de Wellington! — repreendeu-o lorde Ramirez.

—É exatamente porque eu servi o Exército que sei do que estou falando! Tirar Bonaparte do trono de qualquer maneira? Eu gostaria de estar lá para ajudar. Mas seus sonhos de uma nova era para a Espanha estão mortos, meu rapaz.

—Política — exclamou lady Winter, bufando. — Nunca vou entender disso! Por que Mary tem de desistir de tamanha fortuna? Bem que eu gostaria de ver esse tesouro que está causando tanta celeuma.

—Você também gostaria de vê-lo? — perguntou o conde, virando-se para a esposa.

—Para mim tanto faz. Será possível falarmos em particular?

—Pensei que nunca fosse me pedir isso... — disse António, estendendo a mão para ela.

No mesmo instante a porta se abriu e um funcionário entrou, carregando uma enorme arca.

— Aqui está! — disse o sr. Adolph, triunfante, batendo a mão na arca empoeirada, assim que ela foi colocada no meio da sala. — Do mesmo jeito que quando nos foi entregue, há três anos!

Todos haviam saltado de suas cadeiras quando a arca fora introduzida na sala. Mary estava muito perto de lorde Ramirez quando o banqueiro tirou um molho de chaves de uma gaveta de sua mesa e se inclinou, abrindo a tampa.

Ela prendeu a respiração e seu pai gemeu, como se sentisse dor. Annabella soltou um guincho e correu para a arca, enfiando as mãos em seu conteúdo.

—Imaginem só — disse lady Winter, de olhos fixos no dinheiro e nas jóias. — Parece um tesouro de piratas!

—Tesouro de piratas, sem dúvida — concordou lorde Ramirez, rindo. — Que coisa linda! Alguns dobrões vieram de meu pai, e aquela caixa comprida contém as esmeraldas Mondego, oferta de minha mãe.

Annabella abriu a caixa e acariciava as esmeraldas em questão:

— Ai, ficariam tão bem em mim! Mamãe, podemos comprá-las? — pediu, toda meiga.

Lady Winter nem se dignou a responder, mas aproximou-se da arca para ver melhor.

Ouro e pedras preciosas enchiam a enorme arca até quase a tampa. Olhando de novo, Mary pôde ver uma ou duas caixas, talvez cheias com o que seriam heranças de família. Havia também várias bolsas de couro e seda. Sem dúvida, os liberais haviam contribuído para reunir aquele tesouro.

—Que desperdício! — gemeu o capitão, inconformado. Ajoelhou-se e sua mão correu pelas moedas. Annabella, também ajoelhada, estava completamente fascinada contemplando o tesouro.

O sr. Adolph tentava ajudar, dizendo o valor de algumas peças. O capitão Winter apenas suspirava, cada vez mais profundamente, e o interesse de Annabella era enorme. Ela tratou de usar seu charme com o banqueiro, enquanto a mãe, ao seu lado, sacudia a cabeça tristemente, a cada casquinada da filha.

Lorde Ramirez e Mary se afastaram para perto de uma das estantes de livros e da janela coberta por cortinas de veludo.

—Minha querida, não estamos nos esquecendo de alguma coisa? O tesouro foi descoberto e logo terá de ser mandado daqui para ajudar nossa causa. Houve muitas coisas que eu não pude lhe dizer antes. Seu tio, como você deve ter adivinhado, é meu superior.

—Tio Egbert? — disse Mary, assombrada. — Você e ele são agentes do governo?

—Ele nunca quis que a família soubesse, mas me deu permissão de contar a você. E por isso que passávamos tanto tempo juntos, o que lhe parecia esquisito, não? A coisa mais importante que deve compreender é que não me casei com você pelo seu dote. Afinal, está convencida?

Mary olhou fixamente para ele.

—Papai ficou furioso por eu me casar com você, e seu comportamento no caso do colar parecia confirmar que ele estava certo... depois que ouvi a história do tesouro. Eu não tinha jeito de saber que ele não era meu e sim, na verdade, seu. Estou muito arrependida do mau juízo. Sempre quis descobrir por que você se casou comigo. Fazia mais sentido pensar que fora por interesse. Você sempre foi gentil comigo, António, mas me parecia falso...

—Querida Mary, estou vendo que meu trabalho fala por mim. Como seu marido, como seu verdadeiro marido, sei que posso afinal fazê-la acreditar na verdade. Que me casei com você porque estava apaixonado.

—A primeira vista? — Lorde Ramirez a lisonjeava de novo e isso ela não ia suportar. — Ora, sir, não espera que uma pessoa inteligente acredite nisso!

—Você se esqueceu — disse Ramirez — que eu a vi, dias antes do casamento, em Holland House. Desde aquela noite não pude esquecer a linda moça com quem falei tão rapidamente. Eu sabia quem você era porque lorde Holland me contou. Mas não sabia onde você morava, como encontrá-la, nada. Eu havia decidido pedir seu endereço a lorde Holland, por mais atrevido que pudesse parecer. Quando tive a sorte de salvá-la, naquele dia, achei que acontecera um milagre.

—Eu... — Mary se calou.

Ia lhe dizer que entendia, que quando o vira de novo, depois de passar dias pensando nele, fora como um sonho se tornando realidade. Ele poderia ter sentido a mesma atração, não poderia?

—Não pode chamar a isso de amor — insistiu ela. — Se você ficou, digamos, feliz por me ver, isso ainda não era motivo suficiente para se casar comigo.

Lorde Ramirez sacudiu a cabeça, sorrindo, como se ela acabasse de dizer uma tolice.

—Seja como quiser, então. Mas o amor pode nascer, não pode? Não podemos tentar? — Enquanto falava, ele ergueu a mão de Mary até os lábios, depois puxou-a para si e beijou-a.

Foi um beijo longo, cheio de interrogações.

Mary respondeu com o coração, retribuindo o beijo com mais paixão do que imaginava haver dentro de si. Seu chapéu de montaria caiu e sentiu as mãos de

António em suas costas, acariciando-a. Esquecendo que estavam no escritório de um banco, diante de seus parentes, ela o abraçou, beijando-o com mais ardor ainda.

—Hum! Lorde Ramirez — disse o sr. Adolph, pigarreando. — Não o querendo interromper, mas há algo que lhe diz respeito, já que está aqui. Estamos quase na hora de fechar, embora, naturalmente, possa mos ficar o quanto lhes for conveniente. Precisamos guardar a arca.

—Ah, desculpe-me, sr. Adolph. E pode me desejar felicidades! O conde falou sem sequer voltar-se para olhar o banqueiro. Estava ! completamente concentrado na mulher que tinha nos braços.

—Parabéns, sir? Sei que seu casamento foi celebrado há algum tempo...

—Ao contrário, está começando agora — explicou o lorde, feliz. — Ah, os negócios! Tem razão! Não devemos nos esquecer de onde estamos. Agora talvez seja o momento certo para revelarmos a lady Ramirez e ao pai algumas de minhas atividades. Mas as outras damas poderiam ficar entediadas...

—Não tenha tanta certeza — disse lady Winter, mordaz.

—Mas que conversa é essa? — perguntou o capitão, erguendo-se com dificuldade de sua posição de adoração do tesouro. — Você é um mestre de esgrima e um aristocrata arruinado. Se não for um estróina, menos mal, já que minha filha não passará fome. Mas sabe economizar?

Lorde Ramirez inclinou-se e esclareceu:

— Sou bom financista, capitão. Aproveitei minhas conexões com vários cavalheiros importantes que se tornaram meus amigos, na academia de esgrima. Vários senhores de alta linhagem são homens de negócios, o senhor sabe, embora não se fale nesse assunto sórdido em sociedade. Eu tive bons conselhos no que se refere a investimentos. Recebo também, ocasionalmente, alguma recompensa por serviços prestados ao Foreign Office. Investi tudo e vou indo muito bem. Tenho o suficiente para dar conforto a nós três.

—Lorde Ramirez está sendo modesto, capitão — interferiu o sr. Adolph. — Ele tem um fortuna das mais prósperas!

—Não diga — disse o capitão, os olhos arregalados.

—Esperem! — exclamou Mary, virando-se para o marido. — Se você tem uma fortuna, por que foi morar de caridade na propriedade de meus tios? E por que me disse que era pobre quando nos casamos?

—Você não era a única a não querer se casar por conveniência, querida. Quanto a morar em Woodbank Hall, era a forma mais conveniente, no que meus superiores

concordaram, de ter meios para desmascarar o espião francês que, segundo boatos, andava pela vizinhança. Lorde Burnham foi enganado por falsas cartas de apresentação.

—E pensar que tio Egbert...

Mary sorriu, pensando na vida dupla do tio como agente da Coroa, quando lorde Ramirez sacudiu a cabeça, colocando um dedo nos lábios dela. Lady Winter estava muito perto.

Mary tossiu para interromper a frase e disfarçar.

—E agora, lady Winter — disse o conde com uma inclinação —, quer dar licença a sua sobrinha e a mim? Temos de terminar um assunto... — Sem mais uma palavra, abraçou Mary outra vez.

—Bem — lady Winter fez um sinal com a cabeça —, não diga que não avisei, Mary! Eu disse que você já gostava dele!

A festa que os Winter deram para Mary e o marido foi o acontecimento mais comentado da estação de inverno, fazendo com que até os que mais haviam criticado e reprovado Mary suspirassem ao ver o casal amoroso unido pelo casamento. Um casal tão ajustado jamais fora visto pelos lados de Berkshire, concordavam todos em perfeita harmonia, e até os mexeriqueiros acabaram por esquecer o incidente de Tattersall. Outra história excitante tomara o lugar do velho falatório.

Annabella ficou fungando em um canto do salão, na noite da festa. Estava completamente sozinha. Nenhum rapaz se aproximara dela desde que a maldosa nota sobre "Miss A. W. de Bshire" e seu suposto noivado com "um jovem não identificado, traidor da Inglaterra", aparecera na coluna de mexericos sociais da *Gazete*.

— Ah, isso é intolerável! — disse ela, frustrada, quando o décimo de seus antigos admiradores passou por ela, fazendo apenas uma meia reverência nervosa.

Parando apenas para terminar o prato de bolo com geléia que tinha nas mãos, o terceiro daquela noite, ela saiu correndo do salão e subiu as escadas de cabeça erguida, tentando não ligar ao fato de ninguém haver comentado sobre seu lindo vestido novo de seda cor de pêssego. Jamais usara decote tão baixo e todo o mundo devia ter notado.

Mas as coisas seriam diferentes quando estivesse com tia Ismena, em Bath. Planejara fazer essa viagem assim que as estradas cobertas de neve o permitissem. Em Bath, desafiaria qualquer coração a permanecer intacto ao admirar sua beleza e seu sofisticado guarda-roupa londrino.

Quando chegou ao primeiro andar, um demoninho brincalhão tocou no ombro

de Annabella.

Lorde Ramirez e Mary, à moda dos recém-casados, haviam se recolhido cedo aos Aposentos da Rainha. Ela acreditava que haviam agido assim simplesmente por simulação, pois não podia imaginar o belo conde Ramirez verdadeiramente apaixonado pela prima Mary, como parecia estar desde aquele dia no banco.

Com um jeito de longa prática, Annabella fez uma concha com as mãos e encostou a cabeça na porta dos Aposentos da Rainha. Não tentava mexericar. Simplesmente, queria ter certeza de que a querida Mary estava passando outra noite calma em sua cama solitária.

—Que foi isso? — sussurrou Mary.

Soltando-se dos braços de António, seus olhos assustados percorreram as sombras do quarto pouco iluminado pela lareira. O som do outro lado da porta parecia o de uma mulher gritando, em seguida correndo e, depois, de algo se quebrando.

Ramirez beijou a esposa, levantou-se da cama, vestiu um roupão e disse:

—Eu vou ver...

Mary suspirou de felicidade, olhando-o caminhar tão confiante pelo quarto. Abriu a porta. Para surpresa dela, ele deu alguns passos pelo corredor. Ouviu sua gargalhada. Achou que um dos cavalheiros, tendo abusado da bebida, devia ter se perdido por ali e causava algum tumulto. Talvez aquele grito tivesse sido de alguma criada que levava um beliscão ou coisa pior. Percebia agora uma grande confusão no corredor, mas não podia seguir o marido para ver do que se tratava. Estava quase despida.

Ele voltou para o quarto e fechou a porta, exatamente quando a curiosidade de Mary estava a ponto de ela não poder suportar.

—O que foi? — perguntou, ansiosa.

Ele fez um movimento de ombros, jogando longe o roupão.

—Fiquei muito feliz, minha querida, por termos arranjado um padre para nos casar, esta manhã. Pode não significar nada para as leis deste país, mas de outra forma eu não me sentiria realmente casado. Deixe-me ver... Onde paramos? Ah, sim...

—Por favor. Estou curiosa! O que aconteceu?

—Eu sei. É uma de suas maiores qualidades. Você não está querendo saber o que é isto... e isto?

—António, pare! O que aconteceu lá fora?

—Ah, a pobre prima Annabella deve ter visto um rato ou outra coisa que a assustou, quando vinha subindo. Ela estava correndo escada abaixo quando

tropeçou no portãozinho a instalado para impedir os cães de subir... Não se preocupe. Dois criados estão ajudando-a a se levantar. O portãozinho vai ter de ser consertado e James disse que a culpa foi dele, que o fechou depois que ela passara.

—Ele tinha de fechar. É ordem imperiosa de lady Winter, mas minha prima nunca se lembra disso — comentou Mary. — E, agora, vamos parar de falar em Annabella, meu amor.

—Eu pensei que você nunca fosse dizer isso, *meu amor* — foi a resposta rápida do marido.

E Mary não pensou nem mais uma vez na prima pelo resto da noite.

FIM